

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**A BATALHA DE EMAÚS SOB A PERSPECTIVA DO LIVRO APÓCRIFO DE I  
MACABEUS: O FRACASSO DA EXPEDIÇÃO PUNITIVA LIDERADA POR  
ANTÍOQUO IV EPÍFANES EM 165 A.C NA JUDÉIA.**

**FABIANO ALVES TEXEIRA**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**

**A BATALHA DE EMAÚS SOB A PERSPECTIVA DO LIVRO APÓCRIFO DE I  
MACABEUS; O FRACASSO DA EXPEDIÇÃO PUNITIVA LIDERADA POR  
ANTÍOQUO IV EPÍFANES EM 165 A.C NA JUDÉIA.**

**FABIANO ALVES TEIXEIRA**

**SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR DOUTOR  
MARCELO SANTIAGO BERRIEL**

Dissertação submentida como requisito final para obtenção do grau de **Mestre em História**, do curso de pós-graduação em história, área de concentração Relações de Poder e Cultura.

**NOVA IGUAÇU, AGOSTO DE 2018.**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T 266 Teixeira, Fabiano Alves, 1976-  
A BATALHA DE EMAÚS SOB A PERSPECTIVA DO  
LIVRO APÓCRIFO DE I MACABEUS; O FRACASSO DA EXPEDIÇÃO  
PUNITIVA LIDERADA POR ANTÍOQUO IV EPÍFANES EM 165 A.C  
NA JUDÉIA / Fabiano Alves Teixeira. - 2018.  
129 f. : il.

Orientador: Marcelo Santiago Berriel.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Mestrado em História, 2018.

1. . Apócrifo. 2. Relações de Poder. 3. Antiguidade.  
4. Jerusalém.. 5. Judéia. I. Berriel, Marcelo  
Santiago, 1975-, orient. II Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Mestrado em História III.  
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E  
DOUTORADO

FABIANO ALVES TEIXEIRA

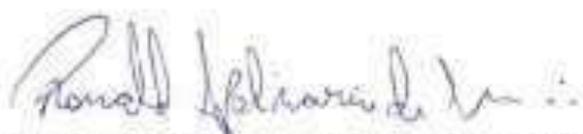
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 20/08/2018

Banca Examinadora:

  
Professor Doutor MARCELO SANTIAGO BERRIEL  
Orientador e Presidente da Banca - UFRRJ

  
Professor Doutor CLÍNIO DE OLIVEIRA AMARAL - UFRRJ

  
Professor Doutor RONALD APOLINÁRIO DE LIRA - UFRRJ

  
Professor Doutor EDMAR CHECON DE FREITAS - UFF

*Querido pai, que nos deixou em 04 de outubro de 2016.*

## AGRADECIMENTOS

De maneira geral a parte dos agradecimentos compõe uma área importante de um trabalho escrito. É o momento pelo qual reconhecemos aqueles que foram importantes no processo de iniciação até o fim de uma árdua jornada. Nesse sentido, criamos as mais variadas formas de agradecimentos e chegamos à conclusão que todos os agentes possuem um lugar especial em nossa curta passagem por este mundo. Não obstante, quero em primeiro lugar agradecer a Deus. Sem qualquer sombra de dúvidas minha maior fonte de inspiração. Recordo-me que a bíblia hebraica está repleta das mais variadas formas de agradecimentos nas passagens do antigo Israel, onde reis e profetas escolhiam a melhor forma de agradecer pelos benefícios concedidos. Alguns acendiam incenso, outros imolavam cordeiros, e havia aqueles que dançavam e cantavam. O rei Davi dançou quase nu diante dos seus, sem dar qualquer importância com suas vestimentas diante de tanta alegria e regozijo. Essa foi a forma simbólica que Davi escolheu para agradecer ao seu Deus.

Pois bem, essa primeira parte não foi difícil. Difícil foi lembrar-me de todos até aqui. Difícil também foi lembrar-me do início e sentir mesmo que timidamente uma lágrima correr pelo rosto. A sensação do dever cumprido realmente é muito salutar e nos proporciona os mais variados sentimentos. É dessa forma que construímos nossa existência e deixamos um legado para as gerações futuras. Guardo em minha memória uma frase de Fernando Pessoa que diz, “às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido”. Esse é a sensação e a causa dos mais variados sentimentos.

Naqueles momentos nostálgicos da vida pensei na história como uma forma de dialogar com a minha existência. Pensei na história como refúgio depois de um longo período no universo corporativista que escolhi como carreira. Ainda mais longe, a história foi um silêncio nos momentos em que precisava do silêncio. Norbert Elias, em seu livro “*a solidão dos moribundos*”, traz um diálogo acerca da morte para além do diagnóstico médico, ou daquele onde os sintomas físicos tornam nossos corpos envelhecidos, doentes, até que a morte nos alcance. Sobretudo, do fenômeno social que as sociedades modernas nos condicionaram a um tipo de morte com um único viés para

além da solidão e o do próprio isolamento das relações humanas e sociais. Norbert Elias traduziu muito bem o meu momento.

Saltar desse corporativismo e dialogar com a história não foi nada fácil, principalmente com a carreira consolidada e um reconhecimento de mercado. Do início até a construção do “ideal” de profissionalismo foram muitos anos. Fui taxado de louco por muita gente, mas isso não teve qualquer relevância na escolha que fiz, muito pelo contrário, resolvi seguir na contra mão da razão. Na graduação (dai as questões ideológicas e religiosas pesaram bastante) resolvi seguir na história antiga, na área do judaísmo antigo e nas disposições acerca das questões culturais. Decidi que esse seria meu lugar de “fala” ou de “militância” como sugere os novos fronts modernos. Depois da graduação me aventurei na especialização da UERJ em história antiga e medieval, curso coordenado pela professora doutora Maria Regina Cândido. O curso tem ênfase na construção de projeto de pesquisa em história e isso foi importante para lograr no processo seletivo do mestrado da UFRRJ.

No mestrado foi que me deparei com os conflitos existentes da área acadêmica, das fontes, dos diversos temas e, sobretudo no conhecimento de muitas obras e autores. É uma experiência surreal e infinita. O medo sobreveio minhas ideias e tive vontade de abandonar o curso, principalmente nos momentos de grandes dúvidas, dificuldades acadêmicas e na solidão dos corredores frios da universidade. Afinal, eu não era um aluno “cria da casa”, não fazia parte dos grupos de estudos judaicos e muito menos advindo de alguma sinagoga do centro da cidade. Muito pelo contrário, eu era apenas um “aluno curioso”, ou mais um cristão protestante que surgia no cenário dos desistentes. Um dia sobrevém o outro e seguimos em frente. Foi nos momentos de dificuldades e perseverando que as coisas foram acontecendo. A mudança foi promovida num momento de esperança e pessoas muito comprometidas chegaram para fazer a diferença.

Quero agradecer aos colegas de mestrado, Fabio Baldez, Leandro César, Luan Mendes pela parceria e momentos de grandes risadas. Fábio com seu jeito roqueiro de ser, Leandro com sua pesquisa “surreal” e Luan com seu carisma na compreensão da alma humana. Aos demais colegas de mestrado que de forma indireta contribuíram também para pesquisa. Infelizmente o mestrado não proporciona grandes encontros, até

porque cada um segue sua pesquisa e as disciplinas de interesse, mas é assim que a vida segue.

Separei um espaço em especial para três figuras importantes nesse processo, são eles: professor doutor Marcelo Berriel, professor doutor Clinio Amaral (ambos UFRRJ) e professor doutor Ronald Apolinário (UNILAB). Por ordem cronológica, o professor Ronald Apolinário nos acompanha desde a graduação nas disciplinas de história antiga e história da Ásia. Prontamente aceitou o convite de compor a banca de qualificação e agora na defesa da dissertação. Meu primeiro contato com o professor Clinio Amaral foi à disciplina de hagiografia. Suas aulas ainda que distante do meu objeto de pesquisa fosse importante para rever alguns conceitos históricos, principalmente com os vícios existentes na idade média, sem contar que nos foi apresentado a "literatura" do Valdomiro Santiago que até hoje me recordo com grandes risadas, principalmente na passagem da travessia do mar e de sua luta com tubarões.

Foi o professor Clínio que no momento mais difícil do mestrado prontificou-se um grande amigo. Deixou seu telefone a disposição e nos aconselhou na decisão mais difícil que tive que tomar que foi a mudança de orientação. Depois da minha decisão, professor Clinio nos indicou o professor Marcelo Berriel para continuar a orientação da pesquisa, com o aval é claro da coordenação do curso. Para meu alívio e segurança o professor Marcelo Berriel aceitou de pronto a orientação. Daí por diante a pesquisa foi tomando forma até o momento da produção do capítulo para qualificação. Seu conhecimento acadêmico, conselhos e considerações foram importantes para chegar até aqui. Grandes profissionais, grandes acadêmicos e queridos amigos. Meu desejo é perpetuar essa amizade. Meus sinceros agradecimentos ao trio.

Claro, não obstante, não posso deixar de agradecer a família que Deus colocou em minhas mãos para ser o despenseiro. Minha esposa Michele, que mesmo diante de uma grande enfermidade foi indispensável nas horas de grandes sacrifícios e solidão. Meus filhos, queridos e amados, Fabiana e Thiago que acompanharam as lutas e as dificuldades da vida acadêmica (espero deixar bons ensinamentos) e que acompanharam e ajudaram a mãe nos momentos em que fiquei a disposição da pesquisa. Obrigado, amo vocês!

Por fim, deixo também meus sinceros agradecimentos a todo corpo administrativo da universidade na pessoa do secretário Paulo Cesar Longarine, que de forma peculiar sanava todas as dúvidas e nunca deixou de responder a todas as demandas. Aos professores do mestrado, em especial (in memoriam) professor Ricardo Oliveira, que nos corredores da universidade se desprendia do "eu professor" e trocava ideias sobre suas experiências acadêmicas e de militância política. Cada bate papo, sempre algo muito novo. Meu muito obrigado.

*“Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.” Érico Veríssimo*

## RESUMO

TEIXEIRA, Fabiano Alves. A Batalha de Emaús sob a perspectiva do livro Apócrifo de I Macabeus; o fracasso da expedição punitiva liderada por Antíoco IV Epífanos em 165 a.C., na Judeia. 2018. 120p. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2018.

Aspiramos nesta dissertação analisar o documento Apócrifo de I Macabeus, onde o mesmo descreve uma série de eventos na história pela liberdade religiosa e política do povo judeu em detrimento as imposições gregas, tendo Judas Macabeu e sua família no centro dos principais eventos das revoltas insurgentes. A identidade macabeia está repleta de simbolismos marcados pelos discursos de seu passado construído pelos patriarcas, do ideal religioso e do mito que permaneceu como um discurso vivo e legitimado favorecido pela religiosidade. Sua legitimação tornou-se um processo difusor de uma construção simbólica, pois permaneceram mesmo com a pressão helênica, intactos em seus costumes e na religiosidade. Nesse sentido, utilizaremos o conceito de memória e identidade na intenção de promover uma análise dessas singularidades como resultado à argúcia da cultura helênica na Judeia no segundo século a.C. A questão mitológica e a edificação do heroísmo Macabeu apropriou-se dos discursos de santidade em diversas comunidades mediterrâneas nos primeiros séculos da era cristã, promovendo a instabilidade militar, política e religiosa da Judeia e nas províncias sob a égide selêucida. Com a intenção de enriquecer a pesquisa, foi necessário buscar nas fontes de Flávio Josefo e do Livro de Daniel elementos em seus discursos que corroboram com os eventos insurgentes dos macabeus no período proposto para investigação.

Palavras Chaves: Helenismo; identidade; revolta macabeia.

## **ABSTRACT**

TEIXEIRA, Fabiano Alves. The battle of Emmaus from the perspective of the Apocryphal book of 1 Maccabees; the failure of the punitive expedition led by Antíoco IV Epifanes in 165 BC in Judea. 2018.120p. Dissertation (master in history). Department of history, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2018.

In this dissertation we aspire to analyze the document Apocryphon of I Maccabeus, where it describes a series of events in history by the religious and political freedom of the Jewish people to the detriment of the Greek impositions, with Judas Macabeu and his family at the center of the main events of the insurgent revolts. Macabean identity is replete with symbolisms marked by the discourses of its past built by the patriarchs, the religious ideal and the myth that remained as a lively and legitimized discourse favored by religiosity. Their legitimation became a diffusing process of a symbolic construction, for they remained even with the Hellenic pressure, intact in their customs and religiosity. In this sense, we will use the concept of memory and identity in the intention of promoting an analysis of these singularities as a result of the archetypical Hellenic culture in Judea in the second century BC. The mythological question and the building of heroism Macabeu appropriated the discourses of holiness in various communities Mediterranean in the first centuries of the Christian era, promoting the military, political and religious instability of Judea and in the provinces under the Seleucid aegis. With the intention of enriching the research, it was necessary to search in the sources of Flávio Josefo and the Book of Daniel elements in their speeches that corroborate with the insurgent events of the macabeus in the period proposed for investigation.

Key words: Hellenism; identity; Maccabean revolt.

## LISTA DE QUADROS E MAPAS

Quadro 1	Sobre os eventos que marcaram o início das insurreições judaicas até o domínio da Síria pelo Império Romano	43
Quadro 2	Divisão dos principais grupos religiosos na estrutura do judaísmo antigo	49,50,51
Quadro 3	Sobre a interpretação do sonho de Nabucodonosor segundo livro de Daniel	75
Quadro 4	Reinos dos sucessores de Alexandre: após a Batalha de Ipsus, 301 a.C.	77
Quadro 5	Os quatro animais simbólicos e os quatro reinos mundiais.	79
Quadro 6	A revolta dos Macabeus até o Reinado Hasmonéus 167 a 64 a.C.	103,104,105
Mapa 1	Império Medo-Persa no século VI d.C.	30
Mapa 2	Sobre os eventos que marcaram o início das insurreições judaicas até o domínio da Síria pelo Império Romano	48

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1	Mosaico antigo: Alexandre Magno e seu cavalo Bucéfalo, na Batalha de Isso (333 a.C.). Mosaico encontrado em Pompeia, na Itália, hoje no Museu Arqueológico Nacional, em Nápoles.	28
Figura 2	Mosaico de seixos, composto por aproximadamente 2 milhões de peças de vários tipos de mármore (tesselas). Dimensões: 2,72 x 5,13. Museu arqueológico Nacional de Nápoles.	33
Figura 3	Representação do sonho do profeta Daniel e a queda dos Impérios mundiais.	73

**LISTA DE ABREVIACOES**

<b>Mac</b>	<b>Macabeus</b>
<b>Mc</b>	<b>Evangelho de Marcos</b>
<b>Ev</b>	<b>Evangelhos</b>
<b>Mt</b>	<b>Evangelho de Mateus</b>
<b>Lc</b>	<b>Evangelho de Lucas</b>
<b>Jo</b>	<b>Evangelho de Joo</b>
<b>NT</b>	<b>Novo Testamento</b>
<b>AT</b>	<b>Antigo Testamento</b>
<b>AP</b>	<b>Apcrifo</b>

## S U M Á R I O

<b>AGRADECIMENTOS</b>	6
<b>RESUMO</b>	10
<b>LISTA DE QUADROS E MAPAS</b>	12
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	13
<b>LISTA DE ABREVIÇÕES</b>	14
<b>INTRODUÇÃO</b>	20
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>O HELELINISMO NA DINÂMICA DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO CULTURAL PARA OS JUDEUS</b>	27
Da composição da memória judaica, helenismo e o movimento helenista	27
O Império persa e babilônico	31
Das culturas subjulgadas	32
Ciro derrota os babilônios	32
Dario e Alexandre	33
De Alexandre "O Grande" a Antíoco Epífanês IV	35
A linhagem ptolomaica	38
José filho de Tobias e Herodes	41
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>OS ATORES DA MEMÓRIA E DA CULTURA JUDAICA NO PERÍODO DOS MACABEUS E SEUS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS PARA A COMPOSIÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA</b>	43
A semiótica do discurso judaico e suas representações	44

A produção dos discursos	45
Identidade	44
Identidade e diferença	49
Dos apócrifos ao processo de identidade	50
A Judeia como centro da unidade administrativa	52
A formação cultural dos judeus	53
Ser judeu	56
Da Terra de Israel a universalidade	57
A formação do Cânon hebraico	57
Um conceito singular	58
Uma geografia cultural	60
Como os judeus se definem	60
Hebreu, israelita e judeu	61
Hebreu	61
Israelita	63
Judeu	64
Dos apócrifos	65
O Evangelho de Felipe: Os apócrifos e suas interpretações	66
Um assunto polêmico	68
Emaús	69

### **CAPÍTULO III**

#### **AS APROPRIAÇÕES DE FLÁVIO JOSEFO, DO LIVRO DE DANIEL E DAS FONTES PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MACABEIA** 71

Antiguidades judaicas	71
As fontes de Josefo	72
O livro de Daniel	72
Da cronologia apocalíptica	74
Reflexão sobre as fontes de Daniel	75
Multiculturalismo acerca das fontes de Daniel	76
A oração de Daniel: Profanação do templo	76

A visão de Daniel	77
A divisão do livro de Daniel: Dos ajustes cronológicos as interpretações do sonho do Rei	79
O sonho do rei e o simbolismo em Alexandre o Grande	81
Dos dez reinos	83
Mediações proféticas	88
Flávio Josefo	88
Guerra e antiguidades judaicas	90
Alexandre chega à Jerusalém?	95
Ao Deus de Israel, toda "reverência"	95
A Fábula de Josefo	95

## CAPÍTULO IV

<b>A BATALHA: SÍMBOLO MAIOR DAS INSURREIÇÕES E DA EDIFICAÇÃO DO HEROÍSMO MACABEU</b>	99
Das falanges selêucidas	99
Judas reúne seu contingente	100
A estratégia da batalha	100
Da ciência militar como fator de cultura	101
Bases militares do mundo antigo	102
A batalha como dispositivo simbólico	102
Das apropriações gregas	103
Das fontes (I Macabeus)	104
Características singulares	105
Da língua	105
Composição, o autor da memória	106
Historicidade	107
Fontes extras	108
Das fontes (II Macabeus)	111
Características singulares	114

Autoria	115
Da língua	118
Historicidade	118
<b>CONCLUSÃO</b>	120
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	123

*"A Terra de Israel é o centro do mundo; Jerusalém é o centro da Terra de Israel; o Templo Sagrado é o centro de Jerusalém; o Santo Santíssimo é o centro do Templo Sagrado; a Arca Sagrada é o centro do Santo Santíssimo e a Pedra Fundamental da qual o mundo foi estabelecido está diante da Arca Sagrada."*

**Midrash Tanhuma, Kedoshim**

## INTRODUÇÃO

Uma batalha, um evento singular e simbólico na luta contra as forças gregas. Um homem, *Yehudah HaMakabi* (Judas Macabeu) liderou um grupo de revoltosos contra as imposições gregas. Uma história conhecida com atos de bravura e do reconhecimento do Deus de seus antepassados israelitas. Essa batalha entre as forças do “bem e do mal” atravessou gerações e encantou multidões com seus atos heroicos em defesa de seus costumes e de uma fé que segue até os dias atuais. Esse é o modo judaico de se apropriar do passado<sup>1</sup>.

A história dos Macabeus nas insurreições contra o exército selêucida é peculiar, sobretudo para alguns aspectos de sua cultura e religiosidade, que em tempo permaneceram intactos em virtude da defesa dessa identidade. Isso só foi possível porque os cronistas desenvolveram um método de retórica (*rhetorike*) que foi capaz de levar esses eventos inerentes e distintos de uma geração para outra.

Os Macabeus e sua dinastia foram integrantes das revoltas judaicas entre os anos de 164 a 37 a.C., onde assumiram o controle de partes da Terra de Israel comandado pelo império Selêucida. Fundaram a dinastia Hasmoneus impondo a religião judaica. Expandiram fronteiras em Israel e reduziram as influências da cultura helenística<sup>2</sup>. Durante anos os Macabeus lideraram o movimento que levou à independência da Judeia, e que reconsagrou o Templo de Jerusalém que havia sido profanado pelos gregos. Após a independência, os hasmoneus deram origem à linhagem real que governou Israel até sua subjugação pelo domínio romano em 37 a.C.<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> O nome “Macabeus” originou-se dos irmãos Macabeus, que desempenharam o papel importante nas lutas contra a opressão e as tentativas de helenização por de Antíoco Epifanes.

<sup>2</sup> O primeiro livro dos Macabeus, segundo introdução da Bíblia de Jerusalém, observa que sua escrita aconteceu por volta do ano 134 a.C. Provavelmente escrito por um judeu palestinese e encerrando no ano 100 a.C. Escrito em hebraico e conservado na tradução grega, estendendo-se por um período de 40 anos. (Bíblia de Jerusalém, 716-717).

<sup>3</sup> Para uma melhor aproximação de compreensão das motivações que levaram os Macabeus à batalha, se faz necessário entender qual era a relevância do templo e sua importância simbólica para os judeus. Yahweh ordena que se faça um santuário, para sua habitação no meio do povo, para sacrifícios e remissão dos pecados. (1 Mc 1-7).

Além dos conflitos culturais que pregavam o racionalismo e o hedonismo, as insurreições também sofreram motivações políticas<sup>4</sup>, pois havia interesses particulares entre os sacerdotes judeus com as lideranças gregas afim de controlar as riquezas e despojos do templo. Em suma, os gregos não desejavam aniquilar o povo judeu ou destruir seu legado cultural, sua principal exigência era que o povo assimilasse seu estilo de vida<sup>5</sup>.

Foi necessário investigar a batalha por um viés simbólico, da preocupação dos Macabeus nas insurreições e seus sucessores da crônica em constituir uma hereditariedade, da máxima do mito e de seus elementos constitutivos da memória para a composição da identidade judaica. Por conseguinte, a questão mitológica e a edificação do heroísmo Macabeu assume tonalidades de santidade em muitas comunidades cristãs mediterrâneas após os primeiros séculos da era cristã, onde são abordados como novos eixos, para além da perspectiva meramente militar da batalha de Emaús, o sufrágio da hibridização cultural entre helenismo e judaísmo e suas representações<sup>6</sup>.

A dinâmica das narrativas corresponde aos eventos que inspira na sua grande maioria temas mitológicos. A fonte revela expressamente a extensão<sup>7</sup> de um grupo que desde o cativeiro persa na Babilônia tem passado por diversas situações de batalhas, onde triunfa uma religião monoteísta de um Deus capaz de guardar os acontecimentos de uma narrativa triunfante em diversos aspectos, principalmente o militar. De certo que pela ótica humana não há qualquer racionalidade nesses eventos recheados de simbolismos, mas sem qualquer pudor, seus escritos tomaram uma forma dinâmica de narrar a história judaica e que aguça a curiosidade no mundo até os dias de hoje.

---

<sup>4</sup> Segundo Chevitarese as motivações são políticas, pois famílias abastadas promoviam apoios diversos aos chefes e soberanos na busca do cargo de sumo sacerdote, com o objetivo de controlar as riquezas do templo. (CHEVITARESE, 2004, p. 77).

<sup>5</sup> Segundo Goldberg e Rayner, os ptolomeus deram continuidade à política herdada aos persas, que garantiria um elevado grau de autonomia política e religiosa às nações subjulgadas, podendo presumir que os judeus aceitaram passivamente seus novos senhores. (Idem p.80).

<sup>6</sup> "Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura - religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos, na arquitetura e na música". (BURKE, 2003, p.23)

<sup>7</sup> Extensão aqui significa amplitude do tema em detrimento de suas alegorias.

Um grupo pequeno de revoltosos, com armas que seguramente despojavam, pelo menos em sua grande maioria ferramentas de agricultura, onde lograram êxito diante de um exército tão numeroso quanto o exército grego, tendo como um dos protagonistas num passado não muito distante nada mais nada menos que Alexandre Magno, filho de Felipe II, que conquistou terras, despojos e um exército tão numeroso capaz de neutralizar o exército Persa comandado pelo rei Dario.

Nesse sentido, como bem lembra Le Goff, existe nesse contexto histórico a necessidade de se estabelecer um recorte, dividir em "fatias" ou "pedaços" da história, na tentativa de sistematizar e direcionar os eventos numa ordem segura, onde se possa compreender as rupturas no período do Macabeus<sup>8</sup>. Sob esse advento, foi preciso estabelecer uma conexão entre a história do povo judeu no passado, desde seus primórdios do cativo persa e babilônico<sup>9</sup>, suas conquistas e derrotas, passando pelo rompimento da cultura helênica (onde triunfaram nas questões centrais da sua religiosidade) até a ideia de cultura para os judeus sobre a base da religião, suas tradições basilares e elementares de sua tradição mosaica que vai até a primeira diáspora no período de Pompeu<sup>10</sup>.

A imposição cultural dos gregos tomou proporção relevante para o estouro das revoltas, mas não foi ela somente. A religião foi um caminho tortuoso também para se impor a cultura. Nem todo judeu aderiu as revoltas. Existiram naquele tempo judeus helenizados, que falavam o grego, que comercialização com os gregos, que se vestiam como gregos, que tomaram lugar de destaque na política grega, etc. Tanto que poderia ser difícil distinguir um judeu de um cidadão grego tamanha era sua inserção social.

Com relação aos grupos judaicos que compõe a pesquisa, não há a menor possibilidade de discorrer sobre o período Macabeu sem trabalhar com a história do povo judeu, principalmente no que tange os aspectos culturais, religiosos, filosóficos, de subsistência e territoriais<sup>11</sup>. Do judaísmo, grupos diversos na antiguidade tornaram a

---

<sup>8</sup> Le Goff, A história deve ser dividida em pedaços? São Paulo, Unesp, 2015.

<sup>9</sup> Essa passagem pelo período Medo-Persa e babilônico dar-se-á em virtude do livro de Daniel.

<sup>10</sup> Cneu Pompeu Magno, general e cônsul romano. Até aqui utilizamos o período de Pompeu para sinalizar o período em que as insurreições lograram êxito.

<sup>11</sup> Observar a página 58 sobre o uso dos termos Hebreu e Judeu.

cultura hebraica um simbolismo marcante, principalmente nos discursos da religiosidade e na figura dos heróis de batalha. As fontes nos sugere uma melhor compreensão desses grupos dentro do judaísmo, principalmente nos recortes das batalhas entre os séculos I e II AEC. É importante se obter o máximo de informações dessas revoltas, mesmo que seja pouco provável trabalhar dentro de toda sua extensão, principalmente quanto aos mais variados tipos de simbolismos que estão presentes nessas narrativas, afim de não tornar as informações repetitivas dentro do que se pretende trabalhar<sup>12</sup>.

Da mesma forma, não há a menor possibilidade de falar sobre helenismo sem buscar nas fontes seu significado. Esse resultado (ainda que parcial) só será obtido com os acontecimentos pós-passage de Alexandre Magno até o período das revoltas judaicas no II século a.C. Nesse sentido, entendemos que é preciso dividir para conquistar o objetivo, na intenção de que o trabalho não se disperse e tome uma proporção maior daquilo que propomos, mesmos sabendo que antes do período de Alexandre na história houve acontecimentos que nos sugere outros caminhos para uma maior compreensão da cultura helênica. Nessa fala, não abordamos conceitos de micro ou macro história, até porque, nos adverte o professor Assunção de Barros que a micro história não é necessariamente o estudo de um espaço reduzido ou regional. Mesmo que isso venha ocorrer, propõe também utilizar-se de uma escala reduzida na observação do historiador com o intuito de chamar atenção das questões que passariam despercebidas (BARROS, 2004).

Nessa recepção, tomamos o devido cuidado de salientar e sintetizar aquilo que mais interessa para pesquisa, sem que o leitor fique fadigado com tópicos tão extensos. Por outro lado, sabemos que todo documento, literário ou da própria história, seja ele qual for e de que tipo, é execução do real que se aprende e não se apaga da sua construção e de sua realidade (CHARTIER, 2001). Cada texto tem suas regras próprias em seu momento de produção ou uma intencionalidade na escrita, com uma linguagem específica na qual foi produzido (CHARTIER, 1990). Todorov dizia que "*o homem se constitui a partir da linguagem*" (TODOROV, 2003) e como historiadores, é possível

---

<sup>12</sup> Tomamos o devido cuidado de manter um ordem cronológica dos eventos, até porque o livro de Daniel foi escrito no mesmo período em que as narrativas da história dos Macabeus acontecia.

que tamanha liberdade nos coloque de frente com uma realidade intrínseca para produzir o que de fato possa levar não só a linguagem rebuscada da academia, mas, sobretudo, de levar o que produzimos para aqueles que buscam entendimento numa linguagem mais acessível. É obvio que um trabalho técnico nos força a criar uma dinâmica menos eloquente, mas tomamos o devido cuidado com isso<sup>13</sup>.

Retornando ao objeto, não sabemos ao certo se possamos trabalhar com escalas tão reduzidas de observação com fontes tão distantes uma das outras. De certo que, para tentar um resultado positivo, tratamos a questão helênica dentro de um único capítulo, bem como o livro de Daniel, das fontes de Flávio Josefo e de I e II Macabeus. A partir de então, sugerimos um recorte um pouco mais profundo dentro dessas fontes na intenção de se obter o melhor resultado possível. Como exemplo, sugere o livro de Daniel uma apocalíptica que começa antes do período persa e vai até o surgimento do conceito de União Europeia que existe nos dias atuais. O livro de Daniel não seria um problema se tratasse tão somente da construção do período dos Macabeus na história, muito pelo contrário, o livro de Daniel nos adverte não só para as questões simbólicas e culturais de um determinado grupo, mas sugere, além disso, uma extensão de elementos mitológicos que só podem ser analisados e traduzidos depois de confrontados com outras fontes e dialogando com a teologia, ou a teologia da história<sup>14</sup>.

Não podemos deixar de lado os textos de Flávio Josefo. Não temos a preocupação de tratar do período em que Flávio Josefo surgiu no mundo e viveu sob a égide romana, mas de emergir sobre a linha dos textos que foram escritos pelo mesmo. Nesse sentido, os textos de Josefo tomam a devida proporção nos episódios que retrata a possível chegada de Alexandre Magno na Judeia, onde foi recebido pelo sumo sacerdote ao descer de seu cavalo, submetendo-se a sua liderança religiosa e local. Essa alegoria

---

<sup>13</sup> Dessa forma, com bem salienta o professor Barros, contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável para ilustrar o lugar em que foi produzido, estilo, linguagem, a história do autor, a sociedade que envolve e penetra o escritor e seu texto. A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas. (BARROS, 2004, p. 137-140).

<sup>14</sup> Teologia da história é uma forma de pensamento que foi desenvolvida pela tradição cristã. A tradição cristã pensava toda a história humana através da revelação divina.

escrita por Josefo também faz parte de um conjunto muito peculiar para a exaltação dos feitos dos Macabeus e suas dinastias. De certo que, Flávio Josefo por ser judeu, narrou uma história que exaltava seu povo, mesmo que ainda distante dos acontecimentos. Contudo, é muito provável que essa "exaltação" trouxe consequências graves para seus escritos, até muito omissos ou mentirosos, mas isso observará mais adiante na pesquisa.

Ainda que o tema nos indique o livro de I Macabeus, foi necessário após uma extensa leitura, nos apropriar em parte dos textos de II Macabeus. Tratamos essa fonte com o tópico chamado "fontes extras" no capítulo IV da pesquisa. O livro de II Macabeus, como muitos supõe, não é a continuação do primeiro. Sobre essa questão, trataremos dos pormenores dentro do capítulo. Contudo, ainda que o segundo livro não seja a continuação do primeiro, ambos recordam-se da batalha por um viés simbólico e da narrativa dos atos de heroísmo de Judas Macabeus e seu grupo de insurgentes. Os livros fizeram questão de enaltecer os feitos do líder utilizando das estratégias militares e de oratório para destacá-lo, ainda que de forma subliminar, um líder carismático que foi capaz de vencer as forças gregas e diversos episódios das batalhas.

No raciocínio weberiano, o caráter revolucionário da liderança carismática, apesar de se opor à ordem cotidiana, parte necessariamente da própria realidade do grupo a qual pertence, sendo, portanto, uma transformação externa a partir da modificação da conduta interna do grupo. Essa característica carismática se contrapõe, segundo Weber, ao caráter (também, em certa medida) revolucionário da racionalização burocrática, que parte das transformações das ordens externas da vida cotidiana, para então transformar a conduta interna dos indivíduos em sociedade. (FILHO, p. 243).

Para Max Weber, a liderança carismática não compõe o cerne da natureza do objeto do carisma, mas sem dúvidas, no efeito dessa dominação. Um evento carismático não poderia ocorrer senão por um movimento relacional ou numa relação de dominação (FILHO, 2014). Por si só, Judas Macabeu (segundo a própria fonte) foi produto (se assim podemos chamar) dessa dominação carismática advindo de sua família e parte integrante de uma nova relação de dominação. É aquela devida ao apreço puramente dito, à admiração pessoal ao dominador e a seu carisma, ou seja, suas qualidades, seus poderes, sua forma de pensar e agir. Os tipos mais puros são com o dominador na

posição de profeta, herói guerreiro ou demagogo (político) <sup>15</sup>. É importante distinguir que a origem do poder é intrínseca às qualidades do líder, seus liderados não o obedecem por sua posição ou cargo, ou mesmo pela tradição, mas pura e simplesmente por suas qualidades, tendo esse carisma desaparecido assim desaparece também sua dominação. Da mesma forma o carisma é o fator de escolha do corpo funcional e a administração não é regida por regras estatutárias, as decisões vem do irracional, da decisão pessoal do chefe, e só podem ser substituídas por outra decisão do Líder<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Os textos de I e II Macabeus reforçam sempre que a liderança judaica está abaixo somente das forças religiosas. A religião é o cerne pelo qual os líderes nascem no judaísmo. São aqueles "aprovados" por Deus para estar diante do povo na liderança das batalhas. No conceito basilar da história judaica, Deus é quem promove o carisma e sustenta (no sentido de favorecer) liderança em tempos de guerra.

<sup>16</sup> "Para Weber, ao contrário de boa parte dos estudiosos do assunto, a importância não deve ser dada à natureza do carisma em si, mas de sua dominação e efeitos. Partindo de um ponto de vista mais sociológico e histórico do que filosófico, Weber viu na **dominação carismática** uma chave para compreender esses fenômenos sem necessariamente se deter na substância, ou elemento, que faz de uma determinada pessoa líder, em contraponto a seus sequazes. Sendo assim, o foco de análise passou a ser não a natureza elementar do carisma, mas sua existência enquanto relação entre dominador e dominado." (FILHO, 2014).

## **I - O HELENISMO NA DINÂMICA DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO CULTURAL PARA OS JUDEUS**

Neste capítulo, abordaremos os conceitos sobre cultura e identidade para a construção da memória macabeia, bem como das disposições gerais sobre os conceitos de helenização e do processo de transformação e ruptura desde Alexandre "O Grande", para impor as práticas culturais da religião, do idioma e do comércio para as demais culturas subjulgadas. Os eventos que marcaram a história social do antigo Israel são representados por fatores e elementos que constituíram essa identidade, tanto quanto as narrativas sobre memórias individuais e memórias coletivas sociais. São elas, compostas por lembranças valorizadas, mas com esquecimentos de coisas e fatos que deixaram seus rastros, seja por não serem mais lembradas, seja por personagens que impedem a sua rememoração. É um esforço trabalhado na condição do tempo e espaço para o alcance daquela memória em construção<sup>17</sup>.

### **Da composição da memória judaica, helenismo e o movimento helenista**

As batalhas que os judeus enfrentavam não eram somente as militares, questões culturais e espirituais eram amplamente debatidas quando o assunto era a interação com outras culturas. Preocupavam-se suficientemente com sua fé para transmiti-la aos seus filhos. Acreditavam que apesar das grandes realizações dos gregos na arte, arquitetura, literatura e filosofia, os judeus ainda possuíam uma grande contribuição para o mundo. Uma nova identidade judaica começou a emergir, baseada não em exércitos, mas em textos, professores e casas que eram até emprestadas para o estudo.

A memória parte das vivências do sujeito e não é algo homogêneo, compacto, ao contrário, mostra-se algo fluído, plural, movediço, em se tratando da coletividade algo correspondente a grupos sociais, que ao vivenciarem situações tem uma memória parecida por terem aspectos em comum, por pertencerem a um grupo. O público-alvo de determinados programas constitui também um grupo, e conseqüentemente as histórias vivenciadas e assistidas via televisão, desencadeiam simbolismos, identificações. (GONÇALVES, p. 1).

---

<sup>17</sup> Para Stuart Hall, a identidade passa por processos mutáveis, "quando adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, das experiências vividas e da vida cotidiana em comum. (HALL, 2014, pp. 8-9).

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que está em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p.476).

Nem toda identidade deriva da memória, mas as identidades mais profundas, aquelas que parecem mais naturais e indissolúveis, são as fundadas no passado e garantidas por ele. A memória em parte é a fundadora e legitimadora das identidades, pois é ela que define quais são as mais importantes, quais são as fluídas e passageiras, e quais são aquelas que adquirimos no nascimento, como herança de nosso passado<sup>18</sup>. Contudo, a memória é, com ebulição, um campo de conflitos, no qual personagens e fatos são valorizados ou rejeitados, interpretações com ou sem juízo de valor de acordo com cultura que narra os fatos e eventos com suas posições e interesses variados<sup>19</sup>.

Como conceito plural, denomina-se helenismo o período histórico e cultural caracterizado pela difusão da civilização grega (helênica) pelo mundo mediterrânico, euro-asiático e no Oriente, misturando-se com a cultura local. Nessa junção da cultura grega com as culturas da Ásia Menor, Eurásia, Ásia Central, Síria, África do Norte, Fenícia, Mesopotâmia, Índia e Irã. Este período foi um marco entre o domínio da cultura grega e o surgimento da civilização romana<sup>20</sup>. No que se refere à religião, o helenismo passou a representar a contraposição pagã à nova religião (Cristianismo) que dominaria o cenário histórico a partir da hegemonia de Roma.

---

<sup>18</sup> "A cultura molda a identidade ao dar sentido a experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis". (HALL, 2014, p. 19).

<sup>19</sup> Segundo professor José D' Assunção de Barros, a memória vem sendo progressivamente considerada pela história, por sua complexidade e riqueza de elementos, sendo que seu processo de apropriação dos fatos ocorre de forma ativa e dinâmica, até mesmo interativa, considerando a vida social do sujeito. (BARROS, 2011.).

<sup>20</sup> As práticas culturais helenistas compõe a religião, a linguagem, a escrita, a filosofia, as cidades-estados, as festas religiosas, o teatro e os jogos helênicos universalizou o desenvolvimento dos gregos. Os macedônios perceberam essa perspectiva cultural ou *Modus vivendi* helênico, passando a ser utilizado como estratégia de avanço e crescimento como projeto de dominação. (MOMIGLIANO, 1991, pp. 72-73).

"Hellenization refers to the spread of Greek culture and its adoption by non-Greek peoples. The term is most commonly used with reference to the period after Alexander the Great (...) Modern notions of "Hellenization" can encompass all kinds of cultural behavior, from language use, to the adoption of Greek forms of dress, to intellectual culture. A place or a group of people may be described as having "been hellenized," as passive recipients of cultural influence (MAIRS, 2011: 1-2)"<sup>21</sup>

Helenização pode assim significar a adoção ou a adaptação de nomes, palavras e instituições gregas, mas, sobretudo, a recepção de ideias políticas, estilo de vida, literatura, ideias e práticas artísticas e de arquitetura gregas (MAIRS, 2011). Por conseguinte, as ações, reações e disposições do helenismo frente às práticas culturais e religiosas do judaísmo, até porque nem todos aderiram à singularidade cultural como proposto pelo helenismo, desenvolvendo assim o espírito das revoltas judaicas frente aos exércitos selêucidas (MAIRS, 2011).

A expansão grega sempre foi um sonho antigo de seus monarcas, expandindo seu poderio bélico e cultural para todo oriente. A questão é que os antecessores de Alexandre estavam "presos" a formação de seus exércitos e no treinamento de seus contingentes, tanto que Alexandre herdou de seu pai um dos maiores exércitos de todo mundo antigo. Dessa forma, ficou evidente que Alexandre poderia criar um vetor para seus sonhos expansionistas preocupando-se menos com suas frentes militares. Foi no ano de 336 a.C., que Felipe II, rei da Macedônia foi assassinado, na capital da Macedônia, em Agen, durante uma festa em comemoração do casamento de sua filha Cleópatra, com o príncipe de Épiro. Em pouco tempo, mesmo com o falecido ainda quente, Alexandre foi reconhecido com rei em lugar de seu pai. No mesmo ano, na batalha de Queroneia, O rei Felipe II consolidou sobre as cidades gregas, onde participou dessa batalha o jovem Alexandre, seu filho, quanto estava entre seus dezessete ou dezoito anos de idade (GOLDBERG E RAYNER, 2013).

---

<sup>21</sup> "Helenização refere-se à propagação da cultura grega e sua adoção por povos não-gregos. O termo é mais comumente usado referindo-se ao período após Alexandre, o Grande. (...) Noções modernas de "Helenização" podem envolver todos os tipos de comportamento cultural, do uso da língua à adoção de vestimentas gregas e de sua cultura intelectual. Um lugar ou grupo de pessoas podem ser descritos como "sendo hellenizados" como receptores passivos de influência cultural".



Figura 1: Mosaico antigo: Alexandre Magno e seu cavalo Bucéfalo, na Batalha de Isso (333 a.C.). Mosaico encontrado em Pompeia, na Itália, hoje no Museu Arqueológico Nacional, em Nápoles.

Em quatorze anos, Alexandre, também chamado de Alexandre o "Grande" conquistaria um dos maiores e mais complicados impérios da antiguidade. Das suas conquistas e dos reinos que surgiram depois de sua morte, da Ásia Menor à Índia, sofreram impactos profundos em toda vida no Oriente. São eles a arte, a literatura, o governo, a cultura, a língua e a religião (GREEN, 1991). O expansionismo bélico e militar andavam próximos ao expansionismo cultura. O período é chamado pela historiografia de Época Helenística e tem como início a morte de Alexandre Magno em 323 a.C., e decorre até o século I a.C., com o avanço das conquistas romanas. Para tanto, achamos necessário discorrer sobre um breve panorama histórico com intuito de chegar ao momento em que viveram os judeus entre o final do século III e durante o II século a.C (GREEN, 1991).

Especialistas definem o Movimento Helenista ou Período Helenístico cerca de 300 anos entre o reinado de Alexandre até Augusto<sup>22</sup>. Período que teve como característica as monarquias helenísticas iniciadas por Alexandre e por seus generais que o sucederam. Como herança, Alexandre deixou um "grande terreno" para seus sucessores, muito além da Grécia e Macedônia, que geograficamente compreende as demais áreas que foram subjulgadas da Macedônica até as portas do Afeganistão, Mesopotâmia, Egito, Pérsia, Palestina, Ásia Menor, e por fim, um pedaço da Índia

<sup>22</sup> 31 a.C a 14. d.C.



No ano de 587 a.C., o rei Nabucodonosor destrói o templo de Salomão e toma Jerusalém de assalto juntando a província ao vasto império. Existia um objetivo claro em deportar a grande maioria desses israelitas. O primeiro, sem dúvidas, evitar as rebeliões, até porque tanto babilônios quanto persas reconheciam as frentes de batalhas e conquistas que os Israelitas empunharam no período das conquistas do rei Davi. O segundo, no âmbito político e cultural, tinha como objetivo os sacerdotes, políticos, artesãos, que além de ocupar um nível cultural elevado, seriam relevantes em suas áreas, sem contar ainda que eram líderes políticos e poderiam incitar rebeliões (OTZEN, 2003). É evidente que tanto assírios quanto babilônios trouxeram cativos outros povos e culturas.

### **Das culturas subjulgadas**

As culturas subjulgadas foram desenvolvendo-se no decorrer das décadas e formando novas estruturas administrativas sempre sob a ótica pagã de seus conquistadores. Dois grupos judaizantes se apropriaram de instrumentos distintivos em preservar as suas tradições culturais, religiosas e ideológicas. O primeiro ponto importante foram os muitos judeus que saíram da Babilônia de forma pacífica. Os que foram trazidos cativos do reino do sul e do reino do norte tiveram atitudes diferentes na forma judaica de observar sua cultura e tradição. Dar-se-á compreensão acerca do povo do norte que foi simplesmente incorporado ao novo ambiente servil, enquanto o reino do sul (Judá) tinha como objetivo manter as suas tradições culturais, de culto, se abstendo de toda influência pagã até que a sorte os favorecesse. Ambos os grupos tiveram influências de culturas estrangeiras, mas os de Judá mantiveram seu modo judaico de ver o mundo. Adaptar-se ao ambiente e manter as suas tradições é compreensivo para o entendimento das diversas revoltas judaicas após a diáspora babilônica.

### **Ciro derrota os babilônios**

Grande parte dos grupos judaicos na babilônia eram livres e outros sofreram a interferência da cultura dominante, principalmente a partir da tradição religiosa (pagã). O grupo que manteve suas características voltou a Jerusalém após a derrota dos

abilônicos por Ciro, o rei persa<sup>24</sup>. O recuo dos babilônios frente ao poderio persa marcou uma nova monarquia, perdurando mais tempo no poder que qualquer outro reino na antiguidade depois do Império romano<sup>25</sup>. Os judeus pertencentes ao domínio babilônio eram possivelmente os que foram deportados e formaram um grupo no leste, que mais tarde foram fundamentais no contexto cultural judaico na formação das suas características contra o paganismo heleno (OTZEN, 2003).

Existe uma narrativa equivocada e pouco discutida sobre o domínio babilônio e persa frente ao judaísmo de servidão. É comum um lugar de fala onde judeus foram subjulgados, hostilizados e tão somente obrigados a manter as tradições culturais e religiosas de seus dominantes. Contudo, é de fundamental importância observar que existiu dentro da cultura judaica um lugar de aprendizado, de renovação e das correntes que extraíram e estreitaram as similaridades dos movimentos babilônios e persas, como uma nova perspectiva de reforma da relação judaica com a forma política de administração de seus territórios<sup>26</sup>.

Foi dessa forma que depois do ano 540 a.C., o povo reestabeleceu o formato antigo da sua religiosidade e cultura e na reconstrução do templo, símbolo maior das relações judaicas com seu território chamado Judeia, ainda subordinado aos persas, recebendo autonomia administrativa e religiosa da tolerância do império persa (BRIGHT, 2003). O povoado ganhou destaque tendo como mantenedor o próprio rei persa, que contribuiu financeiramente para a reconstrução do templo sob o comando de Esdras e Neemias (GERSTENBERGER, 2014). Foi dessa forma que os domínios da Judéia e Samaria passaram por transformações importantes e cultuaram uma relativa paz (KEEGAN, 2006).

### **Dario e Alexandre**

Retornando ao ano de 334 a.C., Alexandre já consolidado no trono, inicia sua campanha militar contra o Império Persa. No mesmo período, enfrentava os sátrapas persas e teve êxito no avanço das forças militares gregas. No ano seguinte, em Isso,

---

<sup>24</sup> A grande dinastia persa: Ciro, Cambises, Dario e Xerxes.

<sup>25</sup> Geograficamente o Império persa manteve sua hegemonia territorial.

<sup>26</sup> As fontes relacionadas a esse período no Antigo Testamento são os livros de 2 Reis, Esdras, Neemias e Antiguidades Judaicas de Flávio Josefo.

próximo a atual faixa da Síria com a Turquia, Alexandre entra em combate direto com Dario III. Derrotado, Dario consegue escapar com vida, deixando para trás alguns pertences e parte da família<sup>27</sup>. A política expansionista de Alexandre tinha como foco a conquista de territórios gregos que antes era liderado pelas frentes de batalhas de seu pai Felipe II. Depois das conquistas da Ásia menor, Alexandre partiu ferozmente para conquistar o Império Persa de Dario. Essa batalha teve como resultado a derrota do exército persa. Alexandre parte com seu exército para o sul, onde tomaria o controle do Egito e da Fenícia em 332 (KEEGAN, 2006).



Figura 2: Mosaico de seixos, composto por aproximadamente 2 milhões de peças de vários tipos de mármores (tesselas). Dimensões: 2,72 x 5,13. Museu arqueológico Nacional de Nápoles.

Por fim, em 331 Dario foi assassinado por um de seus liderados nas planícies da Mesopotâmia após fugir da derrota em Gaugamela em confronto com os exércitos gregos. Após os eventos em Gaugamela as falanges gregas conseguiram êxito militar nas cidades Susa, Babilônia e Persépolis. Alexandre foi tomando pelo sonho das realizações territoriais e seguiu em frente com suas conquistas (KEEGAN, 2006). Foi distante ao Oriente, onde cruzou o Afeganistão liderando mais uma vitória militar

---

<sup>27</sup> Alexandre liderou junto com seus generais 30 mil homens através do Helesponto até a Ásia menor em 333 a.C. Derrotou o exército persa com mais de 90 mil homens liderados pelo rei Dario III, que como Xerxes, seu antecessor, foi conhecido como o rei dos reis. Dario provocou a guerra e Issus (atual Turquia) na intenção de sofrer o desgaste de suas linhas frente a zona de abastecimento de seu exército.

enfrentando o rei indiano Poros. Essa vitória deu a Alexandre caminho para a Índia mesmo diante de soldados cansados e muitos deles doentes de tanto esforço em seus trajetos, acumulando cansaço, sede e doenças<sup>28</sup>.

### **De Alexandre o Grande a Antíoco Epífenes IV**

Anteriormente vimos que Alexandre conquistou o vasto império persa com grande velocidade com suas estratégias militares. Um dos principais objetos desse trabalho está no encontro e nas bases culturais entre o Oriente e o Ocidente (GREEN, 1991). Esse encontro teve importância na formação e no desenvolvimento cultural de todo Oriente Médio. Essa singularidade cultural envolve também o povo judeu<sup>29</sup>. Independente de ter deixado herdeiros ou não após sua morte em 323 a.C., o que de fato aconteceu foi à ruptura que separava os portões entre o Oriente e o Ocidente. Os despojos territoriais repartidos por seus generais formaram uma grande influência e disputas de poder, quando de fato, os generais de Alexandre chegaram a decidir que territórios ocuparia (OTZEN, 2003).

No mesmo tempo em que, por um sentimento de glória tão comum entre os grandes príncipes, Antíoco Epifânio e Ptolomeu, sexto rei do Egito, estavam em guerra, para decidir pelas armas a quem pertenceria o reino da Síria, os maiores dos judeus estavam divididos entre si. O partido de Onias, sumo sacerdote, tendo-se tornado mais forte, expulsou de Jerusalém o filho de Tobias. Eles retiraram-se para junto do rei Antíoco, rogaram-no que entrasse na Judéia e ofereceram-se para servi-lo, com todas as suas forças. Como ele já tinha formado o seu desígnio, não tiveram dificuldade em obter dele o que desejavam. Ele se pôs em campo com um poderoso exército, tomou Jerusalém e matou um grande número dos que eram do partido de Ptolomeu. Permitiu o saque aos seus soldados, despojou o Templo de tantas riquezas de que estava cheio e aboliu durante três anos e meio os sacrifícios que ali se ofereciam todos os dias a Deus. Onias fugiu para junto de Ptolomeu, que lhe permitiu construir perto de Heliópolis uma cidade e um Templo da forma do de Jerusalém, de que poderemos falar a seu tempo. (JOSEFO, 2004; Antiguidades Cap. 6,7, 8, 9, 10, 11, 14 e 19).

---

<sup>28</sup> Alexandre morre aos 33 anos vítima da malária, não deixando herdeiros ou sucessores para o trono.

<sup>29</sup> Para Momigliano, é possível que os gregos tenham sido os pioneiros no interesse em estudar a singularidade cultural dos estrangeiros. (MOMILIANO, p. 71).

Quatro poderosos generais: Cassandro, Lisímaco, Seleuco e Ptolomeu. Os militares que ocupavam o cargo mais elevado no exército grego tinham a intenção de dividir o império conquistado por Alexandre. No ano de 306 a.C., Antígono se declarou rei de toda a nação e sucessor de Alexandre, visando manter a unidade do império<sup>30</sup>. Antes, os quatro aliados até então, deixaram seus títulos inferiores de sátrapas e declararam-se reis de seus respectivos territórios<sup>31</sup>. A longa luta entre os defensores da unidade sob o cetro de Antígono e seu filho Demétrio contra os quatro generais foi resolvida na Batalha de Ipso em 301 a.C. Antígono foi morto, Demétrio fugiu e seu território foi dividido (GREEN, 1991).

Depois de Alexandre, filho de Filipe, da Macedônia, se ter tornado rei da Grécia, saiu do seu país, a terra de Quitim, e derrotou Dario, o rei dos persas e dos medos, tornando-se assim também rei da Pérsia e da Média. Alexandre participou em muitas batalhas, arrasou fortalezas e matou reis pela terra. Ele foi até aos lugares mais distantes do mundo e saqueou as riquezas de muitos povos. Quando já não havia mais países para conquistar, envaideceu-se e o seu coração encheu-se de orgulho. Organizou um exército muito poderoso e conquistou províncias e nações; e os governantes destas eram forçados a pagar-lhe impostos. Depois de tudo isto, Alexandre ficou doente e ficou, a saber, que ia morrer. Reuniu os seus generais mais famosos, que tinham sido educados com ele desde criança. E, ainda em vida, dividiu entre eles o seu reino. Alexandre foi rei durante doze anos e morreu. Depois da sua morte, os seus generais começaram a governar, cada um no território que tinha recebido. Todos foram coroados como reis, e os seus descendentes também governaram como reis durante muitos anos e trouxeram muita miséria para o mundo. (I Mac 1-9)

Ficaram em pé quatro reinos independentes em lugar do imenso império que Alexandre tinha formado, mas que não tinha conseguido consolidar. Ptolomeu tinha Egito, Palestina e parte de Síria; Cassandro dominava Macedônia com soberania nominal sobre Grécia; Lisímaco tinha Trácia e uma grande parte do Ásia Menor; e Seleuco possuía a maior parte do que tinha sido o Império Persa: parte do Ásia Menor, o norte de Síria, Mesopotâmia e o oriente (GREEN, 1991). Demétrio, só ficou com a frota e várias cidades costeiras que não chegaram a conformar um reino, ainda que mais tarde deslocasse aos herdeiros de Cassandro e fundou a dinastia antigônida na Macedônia (GREEN, 1991). Uns 20 anos depois da divisão, os quatro se reduziram a três, porque Lisímaco foi eliminado (GREEN, 1991).

<sup>30</sup> Nobre macedônio e sátrapa de Alexandre.

<sup>31</sup> Nome dado aos governadores das províncias, chamadas satrápias, nos antigos impérios Aquemênida e Sassânida da Pérsia.

A legitimidade do líder carismático, seja ele profeta, mago, herói revolucionário, etc., deriva, portanto, não da tradição de cargos, ou da autoridade pré-estabelecida da posição social que ocupa. Ao contrário, o portador dos dons carismáticos (em sua forma pura e inicial, ou seja, ainda não rotinizado na forma de cargo, ou instituição) se opõe a toda forma de manutenção do cotidiano. Mais ainda, aquele que lidera uma dada comunidade por conta de seu carisma necessita provar a todo instante que sua missão possui algo de extracotidiano, algo de transcendente, de divino. (FILHO, p. 241).

Grande parte de seu território foi tomado pelo império selêucida, mas parte foi invadida pelos gauleses ou se desintegrou em pequenos Estados independentes. O mais importante deles foi Pérgamo. A duradoura divisão em três reinos principais permaneceu até tempos do Império Romano. Alguns estudiosos tentam procurar a continuação dos quatro reinos até o período romano, atribuindo a Pérgamo a sucessão do efêmero reino de Lisímaco (GREEN, 1991). Mas comparado aos três reinos principais o reino de Pérgamo era muito menor. Porém é fácil observar que no momento crítico - quando fracassou a última esperança de manter unido ao império de Alexandre, e se fez inevitável à divisão - todo o território, exceto fragmento menor, dividiu-se em quatro reinos (GREEN, 1991).

Uma raiz de pecado surgiu destes homens, foi Antíoco Epifânio, filho do rei Antíoco III. Ele tinha estado refém em Roma e subiu ao trono no ano cento e trinta e sete da era grega. Nesse tempo apareceram homens, no meio do povo de Israel, que desprezavam a lei e que enganaram muitas pessoas, dizendo: “Vamos fazer um acordo com os povos não judeus que vivem à nossa volta, pois desde que nos separamos deles temos passado por muitas desgraças.” Essa ideia agradou a muita gente, e algumas dessas pessoas foram falar imediatamente com o rei e receberam licença para seguir os costumes dos não judeus. Então construíram em Jerusalém um ginásio, segundo as normas dos não judeus. Procuraram encobrir as marcas da circuncisão e quebraram a aliança sagrada. Começaram a casar com não judeus e a praticar o mal. (I Mac 10-15).

Como foi dito anteriormente, pontos importantes estavam na discussão para tomar os territórios palestinos após a batalha de Ipso, onde Selêuco e Ptolomeu organizaram-se pacificamente e tiveram uma relação amistosa. Em 283 Ptolomeu morre de causas naturais e Selêuco é assassinado após as conquistas da Ásia Menor (GREEN, 1991). A morte do rei selêucida foi marcante e causou grandes conflitos nas terras selêucidas, tanto que seu filho foi forçado a liderar e a combater frentes armadas no

intuito de destruir o legado deixado por seu pai<sup>32</sup>. Antíoco, filho de Selêuco foi obrigado a intervir numa insubordinação dentro de suas tropas, rebelando-se em Selêucis (GREEN, 1991). Somente após o controle desses motins que Antíoco marchou para a próxima campanha militar (HEINEN, 1984).

<b>175 a.C</b>	<b>Antíoco reina sobre os Selêucidas</b>
<b>168 a.C</b>	<b>Invasão de Israel sob o comando de Antíoco (profanação do templo)</b>
<b>167 a.C</b>	<b>Início das revoltas sob a liderança de Matatias</b>
<b>166 a.C</b>	<b>Judas Macabeus surge no cenário das insurreições</b>
<b>165 a.C</b>	<b>O templo é purificado e Jerusalém reconquistada</b>
<b>164 a.C</b>	<b>Morre Antíoco Epifanes e assume Antíoco Eupator</b>
<b>163 a.C</b>	<b>Judas Macabeus é escolhido como sacerdote</b>
<b>160 a.C</b>	<b>Morre Judas Macabeu, assume seu irmão Jônatas</b>
<b>63 a.C</b>	<b>Sob o domínio de Pompeu, a Síria torna-se província do Império Romano.</b>

Quadro 1: Sobre os eventos que marcaram o início das insurreições judaicas até o domínio da Síria pelo Império Romano.

### **A linhagem ptolomaica.**

Entre os anos 200 e 300 a.C., os ptolomeus no Egito dominavam grande parte da Palestina, incluindo o território onde habitavam os judeus. Os judeus sempre mantiveram uma relativa paz após a diáspora sob o domínio persa e desde então os sacerdotes mantinham o lugar de liderança, influentes na questão administrativa e religiosa nas províncias, onde representavam em parte o rei ptolomaico. Esse relativo domínio sacerdotal nas terras ptolomaicas era relativo e seguia algumas concessões, até

<sup>32</sup> Veremos posteriormente na apocalíptica do livro de Daniel que segundo a escola preterista de interpretação (que coloca o cumprimento profético no passado), Antíoco IV Epifânio, o oitavo monarca da linhagem selêucida de reis, é a figura dominante no cumprimento das profecias do livro de Daniel. Alega-se que ele é representado pelos chifres pequenos dos capítulos 7 e 8, sendo a figura conclusiva na profecia de 09:24-27, e ocupando a maior parte do capítulo 11 (v. 16-45). Somente no capítulo 2 não há nenhum desacordo significativo entre os interpretes preteristas quanto ao grau de sua presença. Intérpretes mais antigos sustentam que ele estava presente também ali. Interpretes mais recentes têm mantido que essa profecia chegou à sua conclusão antes do seu tempo.

porque, não era comum que líderes estrangeiros pudessem manter uma total representação sob seus domínios. Nesse sentido, o povo judeu sofreu privilégios, podendo manter suas políticas internas e liberdade religiosa, tendo como intermediário o sumo sacerdote local (OTZEN, 2003).

Quando Antíoco subiu ao trono, resolveu conquistar o Egito a fim de ser o rei das duas nações. Invadiu o Egito com um exército enorme, com carros de guerra, elefantes e cavalaria, e com um grande número de navios de guerra. Lutou contra Ptolomeu, o rei do Egito, acabando este por fugir; e houve grande número de baixas entre os egípcios. O exército de Antíoco ocupou as cidades protegidas por muralhas, e ele levou consigo as riquezas do Egito. No ano cento e quarenta e três da era grega, depois de ter conquistado o Egito, Antíoco avançou com um forte exército contra Israel e atacou Jerusalém. Cheio de orgulho entrou no templo e levou de lá o altar de ouro, o candelabro e todos os seus utensílios; levou a mesa onde eram colocados os pães apresentados a Deus, os copos usados nas ofertas de vinho, as vasilhas, os queimadores de incenso feitos de ouro, a cortina e as coroas. Arrancou também todo o ouro que revestia a entrada do templo. E levou o ouro, a prata, os objetos de valor e todos os tesouros escondidos que conseguiu descobrir. Antíoco voltou para a sua terra com todas estas riquezas. Tinha matado muita gente e gabava-se, orgulhosamente, de tudo o que havia feito. E em toda a terra de Israel houve muito choro e lamentação. Chefes e governantes gemeram de tristeza, os jovens ficaram sem forças, a beleza das mulheres desapareceu. Os noivos começaram a lamentar-se, e nos seus quartos as noivas choravam de dor. O país tremeu de medo pelos seus habitantes, e toda a casa de Jacob se cobriu de vergonha. (I Mac 17-28).

Contudo, essa relativa paz entre os líderes sofreu desgastes no decorrer da trajetória judaica nos territórios palestinos. A autonomia e poder do sacerdote local foram enfraquecendo ao ponto de sua destituição. Com o fim da autoridade de Onias, José, um judeu-helenizado e cobrador de impostos dos ptolomeus na Palestina tornou-se o novo mediador entre as províncias na Palestina administradas pelos judeus e o rei Egípcio (OTZEN, 2003). A trajetória de José como líder foi notória, tudo isso em conjunto com o apoio da monarquia selêucida. Emergia uma nova classe superior na Palestina, dotada de grande prestígio em detrimento do longo alcance político e econômico em que se encontravam de um grupo que cresceu e enriqueceu consideravelmente, ao ponto que muitos se desligaram de suas tradições religiosas e culturais. Esse cenário demonstra que a Palestina passava por uma transição social, em escalas diversas, mudando as características provinciais como uma evolução social.

Dois anos depois, o rei Antíoco enviou às cidades de Judá o chefe dos cobradores de impostos, que marchou contra Jerusalém com um forte exército. Falou de paz com fingimento e os judeus acreditaram nele. Por isso, atacou a cidade de repente, causando sérios prejuízos, e matou muito povo de Israel. Roubou todos os objetos de valor, pôs fogo à cidade e destruiu as casas e as muralhas. Os soldados levaram como prisioneiras as mulheres e as crianças e ficaram com o gado. Depois fizeram da cidade de David uma fortaleza, construindo em volta dela uma muralha alta e forte, com torres de vigia. Puseram de guarda na fortaleza pagão pecadores, homens sem lei, que nela se fortificaram. Armazenaram armas e mantimentos na fortaleza, guardaram ali os objetos de valor que tinham saqueado em Jerusalém e puseram soldados de vigia. Isto se tornou um perigo constante para o templo, um inimigo perigoso para Israel. Derramaram sangue inocente à volta do templo e profanaram o lugar santíssimo. Por causa deles os moradores de Jerusalém fugiram, e a cidade tornou-se uma colônia de estrangeiros; os naturais de Jerusalém já não se sentiam na sua própria casa e abandonaram a sua cidade natal. O templo, abandonado, parecia um deserto; as suas festas tornaram-se dias de luto; os seus sábados, dias de vergonha; e a sua honra tornou-se humilhação. A sua humilhação chegou a ser tão grande quanto a sua antiga glória; no lugar do orgulho ficou a lamentação. Depois o rei Antíoco escreveu um decreto a ordenar que todas as pessoas do seu reino formassem um só povo, e abandonassem os seus próprios costumes. Todo o não judeu obedeceu à ordem do rei, e muitos israelitas adotaram com prazer a religião do rei; ofereceram sacrifícios aos ídolos e profanaram o sábado. O rei enviou a Jerusalém e às outras cidades de Judá mensageiros com ordens escritas, ordenando que seguissem os costumes dos outros povos. Proibiu que fossem apresentados no templo sacrifícios queimados, ofertas de cereais e ofertas de vinho; ordenou que profanassem os sábados, as festas sagradas e que manchassem o santuário. Mandou também que construíssem altares pagãos, templos e outros lugares sagrados para os ídolos; que sacrificassem porcos e outros animais impuros; que não circuncidassem os seus filhos. Enfim, mandou que corrompessem as suas almas com toda a sorte de costumes impuros e abominações, a fim de esquecerem a lei e desobedecerem a todos os seus mandamentos. E a ordem terminava assim: “Quem não obedecer à ordem do rei será morto.” Foi isto o que Antíoco escreveu a todos os habitantes do seu reino. Também nomeou administradores para governar o povo e ordenou aos moradores das cidades de Judá que em todas elas fossem oferecidos sacrifícios pagãos. Muitos de entre o povo — todos os que desprezavam a lei — seguiram a ordem do rei e praticaram o mal por todo o país, fazendo com que os de Israel se escondessem em qualquer lugar onde pudessem estar seguros. No dia quinze do mês de Quisleu, do ano cento e quarenta e cinco da era grega, o rei Antíoco mandou construir a abominação devastadora em cima do altar do templo. Construíram altares pagãos nas cidades de Judá, e ofereceram incenso em frente das portas das casas e nas ruas. Rasgaram e queimaram também todos os livros da lei que encontraram. E quando encontravam alguém que tinha um livro da aliança e que obedecia à lei, mandavam matá-lo, de acordo com a ordem do rei. Assim, durante vários meses, esses homens abusaram do seu poder e perseguiram os israelitas que encontravam nas cidades do

país. No dia vinte e cinco de cada mês ofereciam um sacrifício no altar pagão que havia sido construído em cima do altar do templo. De acordo com a ordem do rei, as mulheres que mandavam circuncidar os seus filhinhos eram mortas, com os meninos pendurados nos seus pescoços. Também matavam as famílias dessas mulheres e os homens que tinham circuncidado os meninos. Muitos em Israel resistiram firmemente e não comeram nada impuro. Resolveram que morreriam, mas não deixariam que qualquer comida os tornasse impuros nem profanariam a aliança sagrada; e morreram. A ira de Deus caiu de forma pesada em Israel. (II Mac 29-64).

Com essa mudança social, cidades foram criadas em todo território helênico e com os mesmos moldes da pólis grega. Esse crescimento era o modo grego de alcançar seus objetivos expansionistas<sup>33</sup>. As cidades começaram a emergir com novos centros militares e comerciais tornando-se autônomas, compostas por gregos de linhagem nativa e grupos de outros países. Com o decorrer do tempo, judeus seguiram para essas cidades apropriando-se das riquezas e unido-se as classes mais abastadas.

### **José filho de Tobias e Herodes**

José, no século III alcança grande prestígio e poder nos territórios palestinos. Dotado de sabedoria e sagacidade, modernizou e influenciou as províncias com o apoio dos gregos. José era fruto de uma aristocracia voltada para o enriquecimento e pelo poder político local, um oportunista com uma grande oratória política<sup>34</sup>. Dinâmico, flexível (até certo ponto) e sem dúvidas voltadas para o trato daqueles que o governavam. Tempos mais tarde a história se repete com Herodes, meio-judeu, que reinou sobre os judeus e foi ovacionado pela aristocracia grega e também um grande "apreciador" da cultura judaica, a princípio, apropriando-se do entendimento da cultura para chegar ao seu objetivo (OTZEN, 2003).

---

<sup>33</sup> O modo grego de expansão não era radical em detrimento das questões singulares dos subjulgados, muito pelo contrário. Em certo ponto a dinâmica cultural e religiosa acontecia de forma gradual até o ponto em que os subjulgados se rendiam as "pressões" econômicas e culturais (língua) do modo helênico de viver.

<sup>34</sup> Não era de interesse dos ptolomeus instalar um governo nos territórios da Palestina. Um sacerdote era necessário para fazer a ponte entre as culturas e tinha grande influência na representatividade dos interesses judaizantes. Os sacerdotes eram representantes das antigas famílias aristocratas e mantinha certo prestígio político na região.

Herodes foi um grande entusiasta dos novos feitos gregos e promoveu diversas frentes dando importância ao desenvolvimento cultural e social das cidades gregas. Seus interesses levaram os judeus à percepção do novo desenvolvimento cultural nas sociedades judaicas na região. Iniciou-se por volta do II século uma grande instabilidade na política nos domínios gregos, quando a linhagem ptolomaica não teve mais forças para manter os domínios sobre a Palestina e a Síria. Foi então que o exército de Ptolomeu perdeu a batalha para os selêucidas comandados por Antíoco III. Esse épico confronto aconteceu às margens das nascentes do Jordão, junto aos territórios palestinos<sup>35</sup>. Com o poder nas mãos dos selêucidas, uma nova fase viveram os judeus, do novo momento judaico de ver o mundo, para o momento em que se viram novamente subjulgados como no seu passado não muito distante (OTZEN, 2003).

---

<sup>35</sup> As cidades antigas que eram livres e de maior importância: Gaza, Ascalon, Jâmnia, Jope, Cesaréia, Decápole, Hipos, Gadara, Abila, Pela, Gerasa, Filadélfia Citópolis, Samaria, Antipátria, Tiberíades, Maresa, entre outras. É importante ressaltar que nem todas atingiram o ápice de polis no período ptolomaico. Muitas dessas cidades localizavam-se às margens do Mediterrâneo, oriundas de grandes rotas de comércio e política.

## II - OS ATORES DA MEMÓRIA E DA CULTURA JUDAICA NO PERÍODO DOS MACABEUS E SEUS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS PARA A COMPOSIÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA

Neste capítulo trataremos das discussões acerca dos cenários das insurreições no período Macabeu, dos elementos constitutivos da memória judaica, dos discursos e da preocupação dos Macabeus para a construção da memória, e o papel fundamental dessa memória para o nascimento do cristianismo primitivo. Reflexão sobre a contribuição dos gregos para a formação da identidade e da memória judaica. As disposições e os grupos que marcaram a trajetória dessas revoltas e o que esses grupos representaram para a formação da identidade judaica. Buscaremos também a apreciação de quadros representativos para cada grupo social, suas raízes, estruturas religiosas, formação e época dentro do cenário das disposições do judaísmo desde o exílio babilônico.

(...) embora ciosos de sua originalidade e cômicos do privilégio extraordinários que lhes fora conferido pela escolha divina, esses judeus, habituados a conviver com os pagãos em pé de igualdade, ao invés de numa relação entre súditos e ocupantes, deviam nutrir a seu respeito sentimentos mais amistosos que os de seus irmãos palestinos. Por mais desconfiados que se mostrassem para com a cultura e os modos de vida greco-romanos, ser-lhes-ia quase impossível evitar sua influência, que se exercia quando menos, em particular, graças ao emprego da língua comum. Com efeito, era muito natural que os judeus da diáspora, ignorando o mais das vezes o hebraico e o aramaico, adotassem a língua ambiente em que viviam: o latim ou, com a maior frequência, no mesmo Ocidente, o grego (...). (BENOIT & SIMON, 1987, p.73).

Dentro desse mesmo contexto, mais adiante, agruparemos através de tabelas os grupos sociais envolvidos, os partidos políticos, interesses, ideologias e convicções dos grupos e suas posições variadas<sup>36</sup>. Como exemplo, deparamo-nos com os pró-Selêucidas, pró-Lágidas, judeus do Egito, judeus de Jerusalém, pessoas que desejam se helenizar, pessoas que se opõem ao helenismo, pessoas ricas e interesseiras ligadas à família de Tobias, determinados grupos ligados aos vários sumos sacerdotes que brigam entre si, grupos defensores a observância da Lei conforme a tradição de Esdras e Neemias, pessoas desiludidas com o projeto de Esdras e Neemias, pessoas que veem os

---

<sup>36</sup> Observar o quadro 2 sobre os grupos sociais envolvidos.

problemas dos pobres e estrangeiros, pessoas ligadas ao movimento apocalíptico, pessoas que tentam resgatar o profetismo e o messianismo que foram esquecidos<sup>37</sup>.

Os primeiros cristãos, como descrito nos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos, eram judeus ou gentios convertidos ao judaísmo, conhecidos pela historiografia como judeu-cristãos, descendentes do judaísmo ou convertidos no período do cristianismo<sup>38</sup>. A identidade macabeia está repleta de simbolismos marcados pelo ideal do discurso de seu passado construído pelos patriarcas, de um ideal religioso, do mito, que permaneceu como um discurso vivo e legítimo segundo a sua própria retórica. O bem da verdade, sua legitimação tornou-se um processo difusor de uma construção simbólica, pois permaneceu independente da pressão helênica, intactos em seus costumes e com a história do seu passado ainda mais presente no discurso.

Por fim, a linguagem como forma de comunicação é um elemento para se estabelecer uma comunicação, podendo ser múltipla e capaz de apresentar peculiaridades, que vai de acordo com a intenção do interlocutor e da possível necessidade de defender uma determinada identidade. A linguagem é multifacetada, que pode transmitir uma informação objetiva expondo dados da realidade da narrativa, ou pode mudar objetivos de sua realidade.

### **A semiótica do discurso judaico e suas representações**

Nosso desejo era o de trabalhar um pouco mais nossas fontes segundo o olhar da semiótica dos discursos. Reconhecemos a amplitude do tema e do legado deixado por Umberto Eco, que na vanguarda de suas pesquisas tratou o tema de forma muito abrangente. Para esse objeto, a expansão do tema é um assunto que iria demandar muitas páginas até que consigamos atingir ainda que modesto algum sentido dentro do

---

<sup>37</sup> Para Collins, a revolta macabeia não tinha como foco proteger o patrimônio cultural e religioso, até porque a edificação construída com ginásio a Zeus Olímpico não fora ofensivo para muitos judeus, embora nem a profanação do templo, mas que já deviam ter motivos o suficientes para o encontro dessas batalhas. (COLLINS, 2010).

<sup>38</sup> Segundo Ernst Cassirer, a linguagem se aproxima das origens e qualquer observação acerca da linguagem é determinante enquanto dinâmica do ser humano, na construção do conhecimento como instrumento que desempenha um papel na própria identidade do indivíduo. Defende ainda a ideia de que o homem é um animal "construtor" de símbolos e não definidos somente por razões humanas, mas também criado por uma atmosfera racional do próprio simbolismo, ou do que ele representa. (CASSIRER, 2009).

que ele propôs. A exposição do seu significado e de suas percepções sobre o tema foram mantidos.

O judaísmo carrega em si elementos culturais que possuem significados variados. Esses elementos são peculiares em todo tipo de religião, principalmente no universo dos símbolos que representam essas religiões, onde carregam em seu bojo linguagens verbais e não verbais. O judaísmo nos ajuda a entender como interpretar questões ideológicas inerentes dentro do próprio conceito de religião, onde para muitas (com suas exceções) existe "alguém" ou um "ser" superior acima de tudo e de todas as coisas existentes no universo, ou daquele que está acima de tudo o que existe. Esse é o lugar de fala para todas as religiões, cujo universo simbólico está abaixo da entidade religiosa numa espécie de classificação.

A literatura goza, como se vê, de um estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela, portanto não só como o primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem. (TODOROV, p.53).

Não temos a pretensão de discutir o tema na sua mais elevada consideração, mas o de expor um breve ensaio para pesquisas futuras. No universo de tantas informações como religiosidade e cultura, o ensaio da semiótica pode nos levar a certas ponderações relevantes dentro do que a pesquisa de fato pode se apropriar, embora saibam que há perguntas nos discursos simbólicos que devemos observar nas fontes de I e II Macabeus. A semiótica pode analisar diversos conceitos, tendo como base a representação do seu objeto na mente humana em seus diversos significados, daquilo que é singular (senso comum) ou daquilo que produzimos através dessas singularidades. O homem pode se apropriar do discurso e torná-lo segundo a dimensão que se propõe.

### **A produção dos discursos**

O discurso é produzido através das informações que está na mente humana. Ninguém aprende uma retórica sem a base de qualquer conhecimento, mesmo que este

seja empírico. O discurso é um elemento construído através da memória, sejam das memórias individuais ou da própria coletividade. O discurso é uma representação simbólica precursora de uma atividade sensorial. É dessa forma que o ser humano aprende a dar significado as coisas dentro do ambiente em que vive, criando seu próprio modo de conexão com a literatura (linguagem). Dentro dessa perspectiva é que o homem deu sentido e direção à construção da sua identidade.

Analisando o significado "das coisas" é que podemos dar sentido ao que ela nos propõe, essencialmente para que se formem elementos necessários para compreensão de pessoas em determinados grupos. É através do estudo da semiótica que teremos a capacidade de interpretar palavras que formam a linguagem, atribuindo significados, ou seja, no caso da linguagem não verbal, os sinais são elaborados através de significados, cada um dentro da sua especificidade.

Segundo Umberto Eco (1991, p.17) entende-se por significado qualquer coisa que faz relação com algo presente, ou seja, um objeto que possa ligar um termo a esse objeto. E, a partir do momento que a prática dos movimentos simbólicos se propõe a uma relação com seu significado, ali está o processo de comunicação<sup>39</sup>. Os sinais estão em todo lugar, principalmente através da linguagem que passa ter um significado para uma determinada mensagem, ou atribuí-la dentro do contexto que ela está inserida, seja o cultural ou social. A identificação desses sinais nos conduz a duas vertentes: a primeira delas são os elementos peculiares, visíveis e que estão a nossa volta. São os sinais que representam e dá sentido a mensagem. Exemplo: um chapéu nos remete a ideia de que o mesmo está para cabeça no sentido de proteção dos raios solares. Nesse sentido, o objeto nos remete a sua utilização. Mas o chapéu, que nos dá a ideia de proteção, também poderá ser utilizado para outras situações e pode nos remeter a ideia de estilo de vida, uma imagem mais conservadora, intelectual, ausência de cabelos, moda, etc.

O chapéu não é só um objeto que representa um status, ou que causa um diferencial na roupa que se veste, mas que revela um estilo, um conceito, e diz aquilo que você é ou queria ser. O chapéu é um símbolo que pode ser utilizado para uma série

---

<sup>39</sup> Umberto Eco utiliza a palavra signo como definição da palavra sinal.

de contextos<sup>40</sup>. Já o segundo ponto, Umberto Eco chama de linguagem corporal, ou seja, aquelas que fazemos, mas sequer entendemos o seu verdadeiro significado, são sinais invisíveis e imateriais que dão forma a um tipo de linguagem. Por outro lado, sinais que são identificados de pronto, como um gesto de parar, ou de comer, mas que todos sabem do seu significado<sup>41</sup>.

Dentro da linguagem judaica, sentimentos extrapolados e gestuais canalizam o que de fato trás a compreensão para o cerne da sua comunidade. Determinados gestos não são inerentes às demais culturas, muito pelo contrário, até porque são apropriados pela própria extensão da cultura judaica. Acreditamos que Umberto Eco carrega em seus escritos, uma linguagem acessível ao senso comum, como o gesto de parar, comer, de atirar, de correr, gestos que são comuns a qualquer comunidade. É como dentro de um determinado círculo empresarial onde seus colegas interagem com as mesmas linguagens corporais, criando uma dinâmica capaz de levar a comunicação sem qualquer tipo de fala. Dentro desse contexto, a linguagem religiosa exige uma dinâmica com formalidades para aqueles que assistem da primeira vez. A partir do momento que indivíduo está inserido dentro da camada religiosa, esses movimentos são realizados de forma até que involuntárias, seguindo uma norma corporal advinda das repetições, mas oferece benefícios durante o percurso da informação até a sua extensão. Nesse sentido, não é preciso falar ou gritar para se reconhecer uma intenção.

## **Identidade**

Com os debates surgidos no século XX sobre o termo identidade, as discussões acerca do conceito foram melhor aprofundados e inúmeras contribuições surgiram sobre o tema. A ciência antropológica também entrou no rol das discussões sobre identidade, apropriando-se e criando novas discussões, principalmente para o desenvolvimento dos estudos das chamadas interdisciplinaridades. O conceito foi se modernizando, até alcançar os educadores, que, todavia levaram amplamente as discussões para as salas de aula, como gênero, etnias, regionalização, religião, entre outras.

---

<sup>40</sup> Uma imagem, um objeto, pode dizer muito para o que se veio, ou reafirmando a sua personalidade através de uma linguagem subliminar.

<sup>41</sup> O autor sinaliza esse tipo de linguagem como uma linguagem fria, mas que dão personalidade as intenções.

Segundo Stuart Hall, a identidade é um processo de construção por meio das diferenças e não fora dela. Assim, toda identidade se estabelece na relação com o outro, daquilo que o outro possui e lhe falta, partindo para um interesse aproximado, como uma tentativa de medir forças ou até de impor autoridade sobre o outro para legitimar sua identidade. Por esse contexto não é difícil entender a lógica expansionista dos gregos, que remete toda sua hegemonia para além de um processo de legitimação da identidade, pois seus objetivos são expansionistas, diferente para os judeus, que para eles o interesse era motivado pelas relações parentais, comerciais e políticas. Esses processos de ruptura são diferentes e foram à causa de diversos conflitos. A questão é entender como essas relações foram construídas e quais foram as suas bases. Trata-se de questões míticas, conflitos étnicos, políticos e religiosos, arroubo sobre as diferenças culturais. Para Stuart Hall são identidades que adquirem formas por intermédio da linguagem e dos simbolismos que elas representam (HALL, 2014).

Segundo Ernst Cassirer, a linguagem se aproxima das origens e qualquer observação acerca da linguagem é determinante enquanto dinâmica do ser humano, na construção do conhecimento como instrumento que desempenha um papel na própria identidade do indivíduo. Defende ainda a ideia de que o homem é um animal "construtor" de símbolos e não definidos somente por razões humanas, mas também criado por uma atmosfera racional do próprio simbolismo, ou do que ele representa (CASSIRER, 2009).

Uma identidade depende da outra para existir, pois a primeira, a que legitima, cabe o convencimento de sua superioridade em detrimento da outra, que pode ser fugaz, advindo de perspectivas quase sempre incertas, possivelmente incorretas de sua alienação para o conhecimento do outro. É possível que essas diferenças envolvam a negativa de que existe alguma coisa semelhante entre essas culturas, vantagens ou superioridades quase que absolutas (HALL, 2014). Ao que parece ser uma construção de um argumento sobre o passado, pode caracterizar uma verdade histórica e dizer muito sob a perspectiva do sujeito, que argumenta a defesa do sentimento de sua identidade naquela perspectiva pretérita, ou em razão do que foi um processo até a construção do presente. Os argumentos sobre o passado são uma tentativa de reafirmar a história como verdade, sua redescoberta é um elo importante para construção da identidade que permeia o sujeito na história (HALL, 2014).

## Identidade e diferença

A identidade é um processo das relações e a diferença fica marcada por questões simbólicas, causando um relativismo a outras identidades. Perspectivas sócio-culturais do passado são bandeiras para legitimar uma identidade. A identidade do indivíduo começa no seu nascimento, sendo legitimada pelo registro feito pelos responsáveis, ou seja, o primeiro item da identidade é a sua nacionalidade, sua bandeira e o território que esse indivíduo agora pertence. A partir do processo de crescimento e amadurecimento desse indivíduo, outra etapa no processo de identidade surge com o papel social que cabe ao grupo em que ele vive, ou seja, limites, direitos e deveres que podem ser diferentes daqueles nascidos em outros locais. Nesse caso o processo de identidade construído é cultural e a diferença é o nacionalismo.

Se o estudo antropológico da religião está, de fato, num estado de estagnação geral, eu duvido que ele se possa pôr em movimento novamente apresentando apenas pequenas variações sobre temas teóricos clássicos. E, no entanto, uma meticulosidade maior em relação a proposições já bem estabelecidas, como a de que o culto dos ancestrais apoia a autoridade dos mais velhos, de que os ritos de iniciação são meios de estabelecer a identidade sexual e a posição de adulto, de que os grupos rituais refletem oposições políticas ou de que os mitos fornecem os quadros das instituições sociais e as racionalizações dos privilégios sociais, poderá finalmente convencer um grande número de pessoas, tanto dentro como fora da profissão, de que os antropólogos, como os teólogos, dedicaram-se firmemente a comprovar o indubitável. Na arte, essa reduplicação solene das realizações dos mestres aceitos é chamada academicismo — crê que este é o nome adequado também para o nosso mal. (GEERTZ, p. 65).

A religião também é um campo legítimo para o processo de identidade do indivíduo. Esse aspecto não representa tão somente um processo de identidade, mas, sobretudo uma história do seu passado, da construção dos seus mitos, das ideologias e das práticas rituais. A defesa de sua fé em detrimento da religião do outro também é um processo de legitimação da sua identidade, ou seja, o poder em detrimento da religião. Ao examinar as identidades e seus processos de formação, se faz necessário formular perguntas acerca dos agentes envolvidos e qual a sua perspectiva quanto a sua própria identidade, ou dirigir-se as questões mais complexas e qual é a perspectiva da identidade do outro. Certamente, as perspectivas são diferentes, difusas, ou até mesmo incompreensíveis quando observado de fora.

Pelo amplo aspecto da cultura, podem-se levantar questões sobre essas representações, ou como alguns significados são evidentes em detrimento de outros. A cultura é um processo legitimador da identidade e por mais “evoluído” que o ser humano seja, esse sempre será o mais representativo.

A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tonar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. ( HALL, 2014 p. 19).

O desconhecido causa estranheza, limitando-nos a buscar informações e observações sobre as experiências de outras culturas. É nessa relação que os gregos teriam certa vantagem, pois além de sua expansão, conheciam os limites das culturas conquistadas. Para Stuart Hall, passado e presente são importantes e exercem um papel importante para formar um conceito de identidade. Contesta o presente para justificar e criar novas e futuras identidades, rememorar origens, mitos e fronteiras do passado.

### **Dos apócrifos ao processo de identidade**

O documento apócrifo de I Macaréus é a tradução de um original semítico e traduzido posteriormente para o grego, fornecendo informações sobre a expedição punitiva de Antíoco IV Epífanes no ano de 165 a.C (SAULNIER, 1987), aonde fronteiras helênicas chegam à Judeia e Jerusalém nos séculos I e II a.C (ROST, 2004). Esse território era caminho para os exércitos que marchavam da Ásia Menor para a Síria e desta para o Egito<sup>42</sup>, condicionando assim enfrentamentos de diversas campanhas militares.

Ali viviam judeus, helenizados<sup>43</sup> ou não, que cultivavam os hábitos e costumes da Lei de Moisés em seus rituais de adoração como o sábado, à circuncisão e o

---

<sup>42</sup> “Parte Macedônica na Europa; o Oriente Médio com a Síria como a capital, governando pelos selêucidas; e o norte da África, com Egito a testa, controlado pela dinastia dos ptolomeus”. (BRENNER, 2013, p. 29).

<sup>43</sup>“Helenização refere-se à propagação da cultura grega e sua adoção por povos não gregos. O termo é mais comumente usado referindo-se ao período após Alexandre, o Grande. (...) Noções modernas de “helenização” podem envolver todos os tipos de comportamento cultural, do uso da língua à adoção de vestimentas gregas e de sua cultura intelectual. Um lugar ou grupo de pessoas podem ser descritos como “sendo helenizados” como receptores passivos de influência cultural”. (MAIRS, 2011, pp. 1-2).

sacrifício de animais (ARMSTRONG, 2000). Para os judeus praticantes da religião judaica, a cultura helênica era uma forma de escravidão, destruição e violência.

O reinado de Antíoco IV Epífanes (175-164), filho de Antíoco III, marca uma data importante para os judeus nas revoltas judaicas. Desde o início de seu reinado, produziram-se movimentos em favor dos costumes gregos e, um grupo de judeus assimilou a proposta de aderir ao helenismo sem o desvio de sua singularidade cultural, enquanto outros, por uma questão religiosa e ideológica não aderiram à cultura helênica (ARMSTRONG, 2000).

Em 165 a.C., Antíoco, sabendo da resistência dos judeus a helenização em Jerusalém, enviou seu comandante, Apolônio para uma repentina e bem sucedida invasão. A invasão levou vários judeus à morte, incluindo saques e incêndios provocados pelos soldados selêucidas. Quanto mais os judeus resistiam, mais Antíoco promovia sua intenção de exterminar o judaísmo, promovendo uma série de proibições, como por exemplo, os sacrifícios no templo (ARMSTRONG, 2000). Outras medidas de ordem social foram tomadas, como a proibição da observância do sábado e das festas tradicionais dos judeus.

Em lugar dos rituais populares e da adoração monoteísta pelos judeus, o rei promoveu altares não judaicos em toda a Judéia para oferta de animais impuros para os helenos (SAND, 2007). Zeus Olímpico<sup>44</sup> foi introduzido no templo e os judeus foram obrigados a oferecer sacrifícios e a comer carne de porco sob pena de morte<sup>45</sup>. Com esses decretos, judeus helenizados obedeceram às ordens, enquanto outros abandonaram a região com medo de morrer e assim, as resistências começaram a eclodir com a presença de Matatias no cenário das rebeliões.

---

<sup>44</sup> O templo de Jerusalém foi dedicado ao Zeus Olímpico, e do monte Garizim, ao Zeus hospitaleiro. Em dezembro de 167 a.C., inaugurou um altar de religião helênica no templo – (abominação da desolação) – celebrando-se sacrifícios não judaicos, particularmente sacrifícios de porcos, e as festas dionísticas. Foi decretada a morte de quem observasse os costumes israelitas: sábado, circuncisão, tabus alimentares. Os livros da Lei foram rasgados e queimados (I Macabeus 1, 41-53; I Macabeus 1,56).

<sup>45</sup> O porco era um animal impuro segundo a tradição da religião judaica (BRENNER, 2013, p. 37).

Matatias foi um sacerdote judeu, que assassinou um de seus pares por oferecer sacrifícios a uma entidade não judaica e assassinou também um oficial enviado para ordenar os sacrifícios e destruir um altar. Com a morte de Matatias<sup>46</sup>, as revoltas deram continuidade com seu filho Judas Macabeus<sup>47</sup>.

### **A Judeia como centro da unidade administrativa**

Como outras regiões no Oriente Médio, a Judeia foi um centro da singularidade e destacou-se em virtude dos domínios grego e romano, onde mais tarde tornou-se província. A Judeia foi uma área delimitada e reconhecida como unidade administrativa do Império Romano. Mesmo antes de existir no mapa, a Judeia era um terreno de disputa de outros centros culturais. Dessas culturas, três destacaram-se nos eventos que marcaram a trajetória urbana da província: O Império Aquemênida (Persa), os Lágidas e os Selêucidas. O nome Judeia foi o território ocupado pelos judeus da diáspora após o exílio babilônico/Persa, isso no período que vai do século V ao século IV a.C., até o século II d.C.<sup>48</sup>.

---

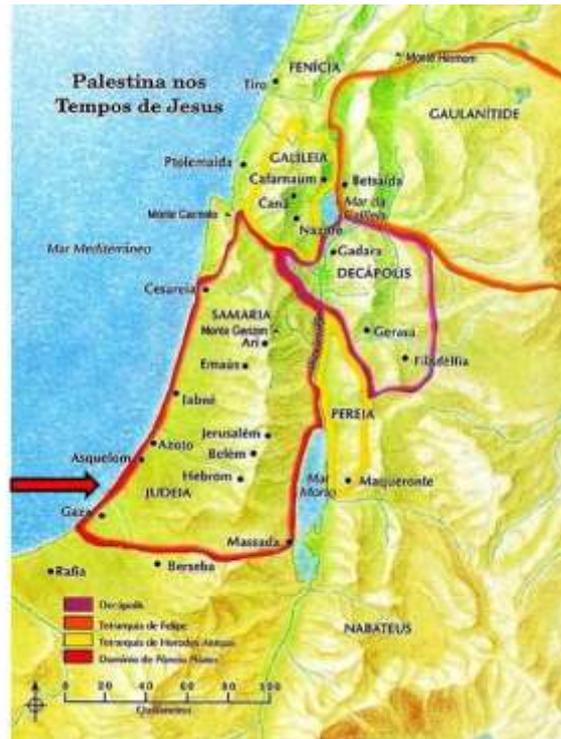
<sup>46</sup> “Morto Matatias (166/165), Simão, seu filho mais velho, tornou-se chefe político da revolta, enquanto Judas, cognominado “Macabeu”, foi feito chefe militar. As investidas, muitas vezes realizadas a noite, tiveram certo sucesso. Em uma emboscada, Judas matou Apolônio, que estava acompanhado de um contingente pagão e samaritano, e repeliu um exército de apoio na subida de Bet-Horon”. (LAMAIRE, 2011, p. 109).

<sup>47</sup> “Embora a identidade do autor do primeiro livro dos Macabeus seja desconhecida, os estudiosos acreditam que ele tenha vivido na Judeia uns trinta anos depois da revolta e estivesse intimamente afiliado aos asmonianos durante o governo de João Hircano. O texto foi escrito em hebraico, mas rejeitado pela herança judaica e excluído do cânone judaico. Como o texto original foi perdido, tudo que resta é uma versão grega na Septuaginta, que, como os textos de Filo de Alexandria e Flávio Josefo, sobreviveram graças as cristãos helenistas”. (SAND, 2014, p. 114).

<sup>48</sup> Império Persa (538-331); Macedônico (331-301); dinastia lágida (301-200) e dinastia selêucida (164-142) todos a.C.

## JUDEIA

- Fica a sul da Samaria
- Zona pobre, seca e montanhosa
- Pastoreio de ovelhas e cabras mas é lá que estão os lugares mais importantes ligados à vida de Jesus – Belém e Jerusalém



Mapa 2 : A palestina nos dias de Jesus  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Judeia>

### A formação cultural dos Judeus

Os eventos que marcaram a história social do antigo Israel são representados por fatores e elementos que constituíram essa identidade, tanto quanto as narrativas sobre memórias individuais e memórias coletivas sociais. São elas, compostas por lembranças valorizadas, mas com esquecimentos de coisas e fatos que deixaram seus rastros, sejam por não serem mais lembradas, seja por personagens que impedem a sua rememoração. É um esforço trabalhado na condição do tempo e espaço para o alcance daquela memória em construção<sup>49</sup>.

Como toda cultura no Mediterrâneo antigo, povos e línguas surgiram em algum ponto no tempo, sejam por questões de hibridização, religiosidade, por influências, relações comerciais e parentais promovendo o fortalecimento do território. Com o

<sup>49</sup> Para Stuart Hall, a identidade passa por processos mutáveis, "quando adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, das experiências vividas e da vida cotidiana em comum. (HALL, 2014, pp. 8-9).

judaísmo não foi diferente. Havia seitas, grupos, tribos, que de certo modo uniram-se em tempo para o mesmo fim. Dividiram ideias, grupos e formaram novas identidades de acordo com suas perspectivas religiosas e culturais. Com a origem dos macabeus não foi diferente, tendo surgido dentro de uma linhagem parental e de sacerdócio (SIMON e BENOIT, pp. 57-70).

<p style="text-align: center;"><b><u>SUMO SACERDOTE</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Presidente do Sinédrio</li> <li>- Chefe da nação judia perante os ocupantes estrangeiros</li> <li>- Declínio do Sinédrio na Palestina e em todo mundo judaico</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b><u>SCRIBAS E DOUTORES DA LEI</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não existe sacerdócio, pois o lugar é ocupado por sábios e rabinos.</li> </ul>
	<p style="text-align: center;">(Judaísmo Oficial)</p> <p style="text-align: center;">Saduceus e Fariseus</p>
<p style="text-align: center;"><b><u>TEMPLO</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- (sacrifício, Santo dos Santos).</li> <li>- Perde o caráter hereditário após a dinastia dos Asmoneus (<b><u>macabeus</u></b>)</li> <li>- Pagãos são proibidos, cultos divididos em classe com alternâncias.</li> <li>- Local de sacrifício</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b><u>SINAGOGA</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Origem na diáspora do exílio babilônico</li> <li>- Criada para todo judeu, independente do local para prática da religião.</li> <li>- Santuário, escola de leitura, meditação e se comenta o livro.</li> <li>- Cultos totalmente espirituais</li> <li>- No início as Sinagogas complementaram e substituíram o templo.</li> </ul>

	- Uma em cada aldeia Palestina e outras em Jerusalém <sup>50</sup>
<b><u>SADUCEUS</u></b>	<b><u>FARISEUS</u></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aristocracia sacerdotal (Sadoque – Sumo Sacerdote da época de Salomão</li> <li>- Desapareceu em 70 d.C após a destruição do templo</li> <li>- Zelosos ao extremo à ordem pública</li> <li>- Conservadores (política e religião)</li> <li>- Interpretação literal da Lei</li> <li>- Negaram a vida futura e avanço nas discussões do Novo Testamento (Josefo)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- PERUSHIM (separados em Hebraico)</li> <li>- HASIDIM insurreição dos <b><u>macabeus</u></b></li> <li>- Em 70 d.C judaísmo e farisaísmo tornaram-se praticamente sinônimos (o judaísmo deve sua sobrevivência aos fariseus</li> <li>- O ano 70 d.C marca a história dessas escolas</li> </ul>
<b><u>ZELOTES<sup>51</sup></u></b>	<b><u>ESSÊNIOS</u></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Surgiu em 6 e 7 d.C., no momento em que organizada a Judéia como província romana.</li> <li>- Judas o Galileu fomenta uma insurreição</li> <li>- Representa a forma virulenta do nacionalismo judaico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Representavam uma forma bastante original de judaísmo</li> <li>- A principal base de apoio da seita localizava-se em pleno deserto, em Qumran, nas margens inóspitas do Mar Morto.</li> <li>- Segregação voluntária e ensinamentos esotéricos</li> </ul>

<sup>50</sup> Religião da Bíblia, do livro revelado, isto é, não apenas como religião codificada no Livro, mas também como aquela cuja razão de ser é cujo centro é constituído pelo Livro, então a Sinagoga representa sua expressão mais perfeita, por ser ao mesmo tempo, o lugar, santuário e escola onde se lê, medita e comenta o Livro. (SIMON e BENOIT p. 54).

<sup>51</sup> Sicário é um termo aplicado, nas décadas imediatamente precedentes à destruição de Jerusalém em 70 d.C., para definir um grupo extremista separatista de zelotas judeus, que tentaram expulsar os romanos e seus simpatizantes da Judeia usando adagas curtas, ou siccae.

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recusa em reconhecer o poder humano</li> <li>- Anarquistas e defensores de uma teocracia cuja instauração a prévia eliminação de todos os pagãos</li> <li>- Pregavam o ódio e as ações violentas contra os estrangeiros</li> <li>- Estimulada na revolta de 66 e na catástrofe de 70</li> <li>- Seus seguidores eram recrutados das camadas mais miseráveis do proletariado rural palestino</li> <li>- Duvidas sobre sua piedade e patriotismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desconfiança aos demais judeus</li> <li>- Para eles a eleição era certa</li> <li>- A origem se vincula possivelmente na insurreição dos macabeus. Seria bem possível ver nos hasidim os antepassados dos fariseus e dos essênios</li> </ul>
--	--

Quadro 2: Divisão dos principais grupos religiosos na estrutura do judaísmo antigo<sup>52</sup>.

### Ser Judeu

Ser judeu é o mesmo que dizer que sua história começa em Ur dos caldeus, com o patriarca Abraão dirigindo-se à Terra Prometida com suas famílias, ou à Canaã bíblica, que logo depois foi chamada de Palestina. Para os judeus eternamente chamados de Terra de Israel. Jacó desce do Egito e lá permaneceu por 430 anos. Depois Moises sai da terra de língua estranha e lidera seu povo através do Mar Vermelho<sup>53</sup>. E, nas entranhas do Monte Sinai, guardou a descida com as Tábuas da Lei. Há 2.500 anos o povo foi acorrentado para a Babilônia sobre as hostes de Nabucodonosor. 70 anos após o cativo, o povo judeu retornou as suas origens que subiam as terras de Israel com Esdras e Neemias (SIMON e BENOIT, 1987).

Ser judeu é cair com seus irmãos em defesa do último bastião judaico na batalha de Massada, comandados por Bar Guiora<sup>54</sup>, defenderam Israel diante da potente esfera

<sup>52</sup> Flávio Josefo descreveu quatro seitas: Saduceus e Fariseus (**Judaísmo oficial**); Essênios e Zelotes (**Seitas**)

<sup>53</sup> Livro do Gênesis, 43, 19 e 20.

<sup>54</sup> Líder Judeu que defendeu as frentes de batalha com Giscalá e Eleazar.

romana de guerra. Massada cai, mas não derrotada, tanto que no I século da Era comum o povo judeu empunhavam armas contra resistência romana. Assim, seguiram com seus irmãos para a diáspora, muitos vendidos como escravos, outros espalhados pelo mundo. Enfrentaram as cruzadas, a inquisição, as fogueiras e resistiram<sup>55</sup>.

### **Da Terra de Israel a universalidade**

Constituem-se o trinômio povo, terra e língua, elementos da cultura de um povo marcados por eventos distintos. Aqui, uma relação de interdependência formada por esses elementos constitui o cerne de uma sociedade. Para associar um determinado tipo a sua "linhagem" social, basta perguntá-lo de onde veio e qual é a sua língua, nesse caso, as escrituras são inseridas num espaço cultural muito abrangente e, distingue-se da relação com suas demais etnias<sup>56</sup>. É como se perguntarmos o que é um alemão, a resposta, sendo óbvia: "é todo aquele que nasce na Alemanha e que fala alemão". Mas, para a questão dos judeus com relação ao hebraico, a resposta pode ser mais complexa do que imaginamos, nesse caso, com duas respostas: hebraico é a língua do Estado de Israel e a língua dos judeus. Isso se levarmos em consideração que o Estado de Israel é muito novo em relação à língua hebraica pelos menos 4.500 e 5.000 anos. Dessa forma, os judeus andarilhos de terras longínquas falavam outros idiomas, ou até dezenas deles, mas nada comum ao hebraico (NEUSNER, 2002). Nem todos os que professam a religião leem os livros das sinagogas, ou entendem de fato o que leem, e hoje, pouco menos de um terço de todo judeu praticante da religião falam hebraico<sup>57</sup>.

### **A formação do cânon hebraico**

No ano de 398 a.C., Esdras, o sacerdote que estava encarregado pelos persas na construção dos muros junto com Neemias, direcionou para os portões de Jerusalém escritos que foram oriundos das diversas escolas judaicas na Babilônia (lembrando que

<sup>55</sup> O judaísmo inicia em 586 a.C., após a reedificação do 1º templo e o cativeiro babilônico. No período anterior fala-se sobre "religião de Israel". (SIMON e BENOIT, p. 49).

<sup>56</sup> As línguas utilizadas em seus textos são: hebraico, aramaico e grego.

<sup>57</sup> Os judeus experimentaram o contato direto com outras religiões e culturas como os Egípcios, Mesopotâmios, Persas, Gregos e Romanos. Para os judeus, toda religião que não fosse a judaica era considerada pagã. A Lei mosaica reforçava a barreira entre a dualidade religiosa experimentada pelos judeus. Nesse sentido era importante manter-se acima de todo compromisso e "pureza" da religião tradicional, mas isso não impedia a atuação das influências externas. (SIMON e BENOIT p. 51).

já falamos sobre a liberdade de culto quando cativos) onde esses mesmos textos foram escolhidos como a lei dada por Deus a Israel<sup>58</sup>. A narrativa desse acontecimento traduz com a formação do judaísmo que sabemos. Depois desses acontecimentos, surgiram opiniões que divergiam e quais seriam os livros adotados pela Escritura Sagrada<sup>59</sup>. O cânon da bíblia hebraica, aceito pelos judaizantes tomou seu formato em Judá, onde os sacerdotes cuidavam do templo e dos pergaminhos escritos sob a máxima vigilância. Quando os líderes asmoneus (vide quadro 2) se apropriaram do sacerdócio, os essênios e os fariseus separaram-se dos sacerdotes do templo<sup>60</sup>. Os saduceus reivindicaram também que seriam mais capazes de guardar os pergaminhos sagrados<sup>61</sup>.

### **Um conceito singular**

Judeu é aquele que pratica e professa a religião judaica. Esse seria o entendimento do leigo para conceituar e definir um judeu, somente pelo aspecto da religião e do modelo judaico de viver a Lei mosaica. Contudo, se tentarmos definir esse modelo somente por essas distinções, podemos correr o risco de conceituar de forma equivocada os termos. Uma definição baseada na cultura reforça que cada homem vive conforme suas características que cresceu e viveu<sup>62</sup>. Dessa forma, não seriam os judeus apenas fieis a determinada religião. Qualquer sociedade tem como base de suas crenças a religião, o abstrato, ou na divindade que queiram acreditar. No caso do judaísmo, não estamos falando de um grupo que tem por finalidade uma determinada religião, e tem em comum com as demais a divindade com a qual se acredita. Mas, sobretudo, são devotos da terra a que um dia pertenceram (assim afirmam). Uma religião não exige necessariamente de seus fieis uma determinada associação territorial. Como exemplo,

---

<sup>58</sup> Livro de Neemias, cap. 8

<sup>59</sup> A versão mais longa é uma tradução grega que foi produzida no Egito a partir do III século a.C.

<sup>60</sup> No século III a.C., estabeleceram definitivamente a abrangência e a estrutura do cânon judaico.

<sup>61</sup> Importante ressaltar que a doutrina dos fariseus historicamente impõe que todos os judeus, sem exceção deveriam viver a vida sacerdotal, porque todos foram chamados como guardiões das Escrituras. Essa doutrina foi importante até porque diversas correntes judaicas desapareceram e o judaísmo sobreviveu em virtude dos ensinamentos do farisaísmo, onde o centro da vida judaica está nas Escrituras e nos seus ensinamentos.

<sup>62</sup> "...estamos acorrentados aos grilhões das tradições". BOAZ, pp.18.

nenhum católico está associado diretamente a Roma simplesmente porque a sua religião está ligado ao catolicismo romano<sup>63</sup>.

Enfatizamos de tal forma o termo "símbolo" que precisamos decidir primeiro o que ele deve significar. Não se trata de algo fácil, pois, como a "cultura", o "símbolo" vem sendo usado numa ampla gama de coisas, muitas vezes várias coisas ao mesmo tempo. Para alguns, ele é usado para qualquer coisa que signifique outra coisa para alguém — as nuvens escuras são as precursoras simbólicas de uma chuva que vai cair. Para outros é usado apenas em termos de sinais explicitamente convencionais de um ou outro tipo — uma bandeira vermelha é um símbolo de perigo, uma bandeira branca, de rendição. Para outros, ainda, limita-se a algo que expressa de forma oblíqua e figurativa aquilo que não pode ser afirmado de modo direto e lateral; assim, há símbolos em poesia, mas não em ciência, e é errado falar em lógica simbólica. “Para outros, entretanto, ele é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção significado” do símbolo. (GEERTZ, p. 67).

Existia um modo judeu de ver o mundo das diferentes culturas ligado a terra, a nacionalidade, as raízes que um dia subjulgaram e ocuparam culturas que ali já estavam. Assim, há diversas variáveis de análises para se chegar a um determinado resultado em se tratado da religião e da cultura judaica (NEUSNER, 2002). Não se pode analisar a sociedade judaica das demais apenas por um viés racial, religioso ou antropológico. Faz-se necessário analisar os aspectos dessas culturas que foram subjulgadas pelo judaísmo e em muitas delas até apropriadas em termos culturais (BOAZ, 2004). Ou seja, não há a menor possibilidade de afirmar que as demais culturas apropriadas e muitas delas subjulgadas pelo judaísmo eram inferiorizadas. É possível, que o modo judaico de ver o mundo passou, e ainda passe pelos dias de hoje, como um cultura superior as demais somente em virtude do binômio terra e religião. Da mentalidade podemos assim afirmar que toda religião nasce da evolução do pensamento, ou se escolhe o que de fato adorar um elemento ou outro. Assim, todos os judeus eram religiosos porque está intrinsecamente ligada a religião judaica. Com esse formato qualquer leigo poderia dar um sentido objetivo à religião judaica. Mas não é bem assim, hoje, ser judeu não necessariamente está ligando a religião judaica. Uma grande

---

<sup>63</sup> Nenhuma religião exige um território para seus fiéis praticarem sua religião. Ou até mesmo está radicalmente ligada a qualquer lugar de cunho especial. Entretanto, é comum que a sociedade judaica sempre esteve ligada a Canaã e a Israel.

proporção de judeus não tem religião, outros até são ateus, mas continuam judeus. É uma afirmativa que está diretamente ligado ao território.

### **Uma geografia cultural**

Existe um consenso popular de que todo judeu é descendentes dos ancestrais de Hebron. Nem os textos da bíblia hebraica foram capazes de tal façanha. Ninguém ousaria em dizer que um brasileiro poderia ser chamado de português somente em virtude da descendência de um parente português. Assim ficou separado que hebreu é utilizado até o reino de Davi, enquanto judeu advém das tribos de Israel após a separação do reino de Israel em tribos. É nesse sentido que os termos nacionalidade, religião e origens são aplicados sem qualquer confusão entre os termos (MONTEFIORE, 2009).

No caso do judaísmo os termos foram utilizados de forma alegórica, ocasionando um equívoco nos conceitos, que indiscriminadamente um judeu possa ser chamado de hebreu por descendência de um grupo que viveu centenas de anos atrás na Judeia e muito antes disso no reino de Judá. Mesmo sem contar que seus antepassados perduravam a diáspora desde a época da destruição do primeiro templo pelos babilônios. Há ainda, aquele indivíduo que se assemelhou ao judaísmo por adoção, ou seja, pela conversão a religião, tornando-se parte do grupo e de pleno direito. Por essas razões é que não podemos nos apropriar dessas “precisões” de cunho popular e cair nas armadilhas do senso comum<sup>64</sup>. Elaboramos acima uma forma sintética sobre o que significam esses termos. De qualquer forma seguiremos adiante com essas informações com o objetivo de sistematizar esses encontros culturais entre os três objetos, hebreu, judeu e israelita.

### **Como os judeus se definem**

Judeu é o outro que considera judeu, ou seja, que por diversas vezes sofre preconceito, do antissemitismo, fazendo preservar o judeu com denotações de racismo.

---

<sup>64</sup> “Muitas vezes é aplicado o termo raça ao judeu indevidamente. Até mesmo por muitos acadêmicos, inconscientemente talvez, influenciados pelos conceitos provenientes da Europa de antes da Segunda Guerra, onde vigoraram durante séculos, e que subliminarmente penetraram em sua formação.” (NETO, 1987).

Sem isso, o termo judeu já teria desaparecido. A acomodação ou a posição discriminatória fez com que o uso fosse ou tornasse obrigatório<sup>65</sup>. Por si só, um determinado grupamento humano que possui qualquer vínculo com a terra e um punhado de características culturais comuns, tem orgulho e como regra constante, a transmissão desses valores as tradições futuras.

Os judeus sempre tiveram uma ligação territorial com Israel. Mesmo distante, falando outros idiomas, os fins litúrgicos e da escrita sempre foi o hebraico. Tanto que um judeu da Europa, da Ásia, da America Latina, sempre se considerou ligado às mesmas tradições judaicas, mesmo variantes as questões pontuais de um lugar para o outro. Dessa forma, um judeu carrega os mesmos hábitos das festas, das vestimentas, da comida e de seu calendário. Esses traços sociológicos universais, com um corpo jurídico próprio (Leis), governo próprio dentro do seu território, se transformaram em algo relevante, pois sempre se guiaram por suas regras e códigos de leis judaicas.

É comum para o leigo imaginar que todo judeu é nascido na Judeia. Não, acontece que a Judeia não mais existe. Hoje, naquele território possuem habitantes denominados árabes<sup>66</sup>. Uma região que politicamente deixou de existir há pelo menos 2.000 anos. A geografia é um elemento cultural que define a relação de seu povo com sua história, cultura e identidade. É o caso do povo judeu. Não podemos classificar os árabes que ali estão como judeus, bem como não podemos associar um judeu somente aquele que é nascido na Judeia. Contudo, apesar disso, judeus nascem ao redor do mundo e continuam sendo judeus.

## **Judeu, Hebreu e Israelita**

### **Hebreu**

A compreensão é o primeiro caminho de partida para se buscar um determinado resultado. Seguramente a definição dos termos e de sua utilização nos adverte sobre determinados valores e conceitos sobre um determinado grupo. Judeu, hebreu e israelita

---

<sup>65</sup> Do ponto de vista haláquico (Halacá, a Lei tradicional judaica), judeu é o filho de mãe judia ou que se converteu ao judaísmo.

<sup>66</sup> "Israel" ou "Terra Santa" são termos utilizados para definir o território de Israel onde viveram os antepassados das origens judaicas.

é empregado de forma equivocada a um único grupo, mesmo que esses grupos tragam propostas e ideias diferentes. Tudo isso vai depender da carga cultural e de certos preconceitos que são advindos do desconhecimento. Há uma dificuldade enorme de separar as respectivas características há seu tempo.

Muitos entusiastas sobre o assunto ainda se confundem sobre a diferença entre os termos *hebreu, israelita e judeu*. Culturalmente, é importante entender a origem e significado dos nomes por trás desse povo. A primeira vez nos livros de Moisés em que o termo “hebreu” aparece é no livro de Gênesis 14h13min, referindo-se, exatamente ao pai deste povo chamado Abraão<sup>67</sup>, embora a tradição judaica ofereça pelo menos duas correntes para explicar o nome. Ela se refere aos descendentes de Héber. Já, o capítulo 10 de Gênesis fala dos descendentes de Noé e das nações que se formaram a partir deles e de seus filhos. Os filhos de Noé foram *Sem, Cam e Jafé*, além de outros mais que nasceram depois do perídio diluviano. Héber foi um dos trinetos de Sem, filho de Noé (NETO, 1987).

O nome de Héber é importante porque, segundo a tradição judaica, foi graças a ele que a língua falada foi preservada. Segundo a tradição judaica, Héber teria se recusado a participar da construção da Torre de Babel e, portanto, o idioma hebraico foi preservado e recebeu este nome em homenagem a Héber, e desta forma, deu também nome ao povo que falava Hebraico, o povo Hebreu (NETO, 1987).

É muito comum a dificuldade de entender os documentos bíblicos, principalmente quando se discute um livro tanto quanto surreal como o Gênesis, carregado de muita simbologia e de muitos acontecimentos que fogem da perspectiva humana ocidental. Em Gênesis 10:5, 10:20 e 10:31, estes textos parecem ser contraditórios ao citar grupos com suas próprias línguas antes do capítulo 11, onde esse mesmo capítulo fornece informações que só havia uma língua na Terra, e dentro desse mesmo capítulo descreve como houve as divisões de línguas (NETO, 1987). De certo que não há uma cronologia para esses eventos, mas um texto como uma observação do

---

<sup>67</sup> Para os judeus Torá, para os cristãos Pentateuco.

autor. Ao ler o capítulo 10:25, o autor apresenta um dos filhos de Héber, Pelegue. Héber teve dois filhos, Pelegue e o outro foi Joctã<sup>68</sup>.

Existe um motivo para Pelegue ter este nome<sup>69</sup>. É provável que ele tenha recebido este nome em relação ao ato da criação das vários idiomas ou línguas com o evento da Torre de Babel, que dividiu completamente o mundo em grupos linguísticos específicos segundo a tradição bíblica.

Importante salientar que existem indícios extracanônicos, como por exemplo, as tábuas sumérias que relatam a existência de apenas uma língua universal no mundo antigo. De igual forma, podemos assim dizer que “hebreu”, por uma perspectiva etimológica, provem de Héber. No tocante ao grupo de pessoas, podemos dizer que “hebreu” é o povo que descende de Sem, filho de Noé. Ou seja, é o povo semita. Por isso, observamos na atualidade o uso de antissemitismo como um posicionamento contrário ao povo judaico<sup>70</sup>.

### **Israelita**

O termo “israelita” é a versão em português do termo “filhos de Israel” (Bnei Yisrael), que aparece várias vezes na Bíblia (são 608 vezes em traduções como a Almeida)<sup>71</sup>. Assim, a melhor maneira de entender o significado de israelita é procurar o significado de Israel<sup>72</sup>. O nome “Israel” foi atribuído ao patriarca Jacó<sup>73</sup>. De acordo com as escrituras judaicas e as escrituras islâmicas (Corão), Isaac foi o único filho de Abraão com Sara. Esse por sua vez teve dois filhos com Rebeca, sendo Jacó e Esaú. Enquanto a descendência de Esaú formou os Edomitas, a descendência de Jacó gerou os israelitas<sup>74</sup>. Israelita é o povo descendente de Jacó. Jacó, juntamente com seu pai (Isaac) e avô

---

<sup>68</sup> Livro do Gênesis 10:25.

<sup>69</sup> Em hebraico significa separar e dividir.

<sup>70</sup> Abraão Disse: IVRI ANOHI (Eu sou Hebreu). NETO, p. 39

<sup>71</sup> Bnei Yisrael.

<sup>72</sup> São 608 vezes em traduções como a Almeida revista e corrigida.

<sup>73</sup> No hebraico significa “lutar com Deus”. Gênesis 35:10.

<sup>74</sup> Jacó teve o nome mudado para Israel.

(Abraão), são considerados os patriarcas dos filhos de Israel, os israelitas<sup>75</sup>. O próprio Deus confirma isso, anos depois, a Moisés<sup>76</sup>.

## Judeu

Para entender o significado do termo “judeu“, temos que primeiro entender que dos 12 filhos de Jacó surgiram as 12 tribos de Israel. O termo “judeu” está ligado ao nome Judá, mas não quer dizer que ele se refira apenas ao povo desta tribo. O termo “judeu” se refere ao povo de todas as 12 tribos. No livro de Ester, esta tribo foi predominante durante o período que antecedeu o retorno daquele povo à "terra prometida", assim como durante os primeiros anos deste retorno, conforme os livros de Esdras e Neemias (NETO, 1987). O fato que justifica o uso generalizado do termo judeu é que havia a predominância da tribo de Judá neste período, assim todo o povo das doze tribos passou a ser chamado de judeu. Embora as primeiras aparições no nome “judeu” em muitas traduções das Escrituras só se deem no livro de Reis, no hebraico a tradução mais adequada seria “homens de Judá”. Apenas nos livros de Esdras, Neemias e Ester é que podemos dizer que há efetivamente a utilização deste termo no sentido de povo das doze tribos.

Basta um comentário sobre o tema para o emprego dessas palavras sem o devido sentido de cada uma delas. Judeu, Hebreu e Israelita é empregado dependendo do nível cultural ou de uma carga de preconceitos que cada uma delas carrega, ou das situações mais variadas. Essa é um das causas que impossibilita a definição do que é ser judeu. Para entendermos precisamos buscar informações nos livros do AT, ou pré-babilônicos<sup>77</sup>, que não usam a palavra judia, que somente aparece nos livros Ester e Malaquias, e no período dos domínios helênicos e romanos<sup>78</sup>.

Já nos livros Históricos e Proféticos criou-se uma confusão entre "Israel", que é utilizado para designar por inteiro o povo, e "Israel" apenas para o Reino do Norte após o cisma. Assim, com o desaparecendo do Reino de Israel, o reino do norte, ficando o

<sup>75</sup> Jacó teve 12 filhos com quatro mulheres diferentes (Gênesis 49), além de uma filha (Gênesis 30:21), e teve 70 descendentes diretos (Êxodo 1:5).

<sup>76</sup> Livro do Êxodo 3:6.

<sup>77</sup> Anterior ao exílio babilônico.

<sup>78</sup> Os livros mais antigos utilizam constantemente a frase "o povo de Israel", ou Israelitas.

Reino de Judá, o de Jerusalém com o termo judeu, de uso geral, tomando foros nacionais com a junção das tribos. É importante salientar que judeu era utilizado para tratar dos pertencentes ao Reino de Judá e não aos demais povos<sup>79</sup>. Com o rompimento das 10 tribos do norte, o termo passou a ser substituído por "israelita ou povo de Israel". Com o regresso da Babilônia, o território habitado pelos judeus passou a ser chamado de Judeia<sup>80</sup>.

### **Dos Apócrifos**

Os livros apócrifos ou pseudoepígrafos<sup>81</sup> foram documentos utilizados para designar fragmentos ou outros escritos que, em algum tempo, estiveram posicionados entre a Bíblia Hebraica e o Novo Testamento bíblico. Esses livros são importantes fontes documentais para o conhecimento da história judaica nas relações de poder entre judeus e gregos e de judeus e romanos nos séculos I e II a.C<sup>82</sup>.

Há uma interdisciplinaridade quando utilizamos o conjunto literário dos apócrifos com a historiografia e, sobretudo com a exegese bíblica do livro de Daniel. Esse eixo trata dos temas da apocalíptica judaica até o estudo das comunidades no Mediterrâneo (NOGUEIRA, 2015). Para as pesquisas bíblicas, tornou-se inevitável o estudo dos apócrifos do AT e do NT, consolidando pesquisas importantes nos quadros culturais do cânon, sem qualquer interferência das ideias religiosas do judaísmo antigo e do cristianismo primitivo (NOGUEIRA, 2015).

Ainda há em muitos pesquisadores o sentimento universalizado dos apócrifos “proibidos”, ou até mesmo do medo em incluir esses textos na discussão no sentido de não buscar novos olhares ou novos adeptos sobre seus escritos, ou ainda, aqueles mais conservadores, onde afirmam que ao misturá-los ao cânon, comete um pecado literário

---

<sup>79</sup> Referência as 12 tribos de Israel.

<sup>80</sup> Remanescentes do Reino de Judá. Em hebraico não há diferença entre Judá e Judeia (*Iehudá*).

<sup>81</sup> “As denominações de “apócrifos”, “pseudoepígrafos”, “escritos extracanonicos”, tiveram conteúdos diversos ao longo da história do Cristianismo até chegarmos a conceituação atual. Na terminologia das igrejas protestantes que só reconhecem como normativos os livros que figuram no Cânon Hebraico, os apócrifos correspondem aos deutero-canônicos”. (ROST, 2004, p. 13).

<sup>82</sup> Não reconhecimento da canonicidade pelos judeus apesar dos aspectos nacionais e espirituais.

para a “morte” eterna. No entanto, é sistematizado o estudo do cristianismo primitivo para as discussões canônicas, enquanto os textos deuterocanônicos acontecem somente por uma perspectiva alternativa. Há nesses textos apócrifos uma narrativa cultural, ao ponto de torna-los infinitamente inesgotáveis sobre o aspecto literário. É nesse contexto que narrativas históricas sobre as origens cristãs tornaram-se um processo inesgotável<sup>83</sup>. As fontes, muito além de serem testadas, podem sofrer caminhos opostos dependendo do olhar e do viés que o pesquisador se apropria, ou até mesmo de seu interesse.

### **O Evangelho de Felipe: o apócrifo e sua interpretação**

Podemos tomar o exemplo do apócrifo de Felipe<sup>84</sup>. Esse AP trata da relação de Cristo com Maria Madalena. O maior interesse dos pesquisadores é no seu ponto chave: Jesus beijo Maria Madalena tomando-a como sua mulher? Ou realmente foi uma especulação dos discípulos em denegrir a imagem de Maria Madalena por ciúmes? Haja vista que Maria Madalena tomava grande parte da atenção de Cristo, aprendendo os mistérios da vida e das relações interpessoais. Segundo os Evangelhos Maria Madalena foi à primeira mulher seguidora de Cristo e o que se sabe dela é que era uma mulher importante entre os grupos que seguiam e uma liderança reconhecida entre as mulheres (Mc 15.40,41). É ela que, presencia o episódio do túmulo vazio e proclama a ressurreição de Cristo. Uma posição privilegiada e, diga-se de passagem, invejada por muitos, que também pode sofrer especulações.

---

<sup>83</sup> A inspiração duvidosa destes livros foi a principal causa de sua exclusão, devido não ter autor bem definido, e tratar de assuntos que vão de encontro com a doutrina dos escritos canônicos, como a “salvação por boas obras” (Tobias 12.9) e a “oração pela remissão dos mortos” (Macabeus 12.45). O número de apócrifos do Antigo Testamento pode variar, pois há muitas separações diferentes. Normalmente são estes os livros que encontramos nas bíblias católicas: Tobias; Judite; Eclesiástico ou Sirácida; Sabedoria; Baruque (Baruc); a Epístola de Jeremias; I Macabeus; II Macabeus; acréscimos a Ester; acréscimos a Daniel. Junto ao livro de Baruc está inserido no último capítulo ou como um complemento do livro de Baruc a Carta de Jeremias. Porém, esta é tida como um escrito independente. Além destes livros, temos outros livros que também são considerados apócrifos, inclusive na visão da Igreja Católica Apostólica Romana: Livro de Enoc; Livro dos Jubileus; Testamento dos Doze Patriarcas; 3º e 4º Macabeus; 3º e 4º Esdras; Apocalipse de Baruc; Salmos de Salomão; Oráculos Siberinos e Assunção de Moisés.

<sup>84</sup> Trata-se de um escrito contido no Codex II da coleção dos Códices coptos de Nag-Hammadi (NHC), atualmente no Museu copto do Cairo.

Três caminhavam todo o tempo com o Senhor: Maria, Sua mãe, Sua irmã e Maria Madalena, quem foi chamada Sua companheira. Assim havia três Marias: Sua mãe, Sua irmã e Sua companheira. (EV de Felipe, 32).

A igreja do Oriente manteve o respeito à primeira mulher da cristandade, compondo sua identidade diferente para os dois comportamentos: a mulher prostituta e pecadora que unge os pés do Cristo e a discípula a quem Jesus aparece (Ev Mt, Mc, Lc e Jo). O AP de Felipe e Maria Madalena tem seu lugar nas fontes, até porque, entre eles, discute-se sobre o universo das relações humanas, dos comportamentos sociais a época e principalmente do corroborar com fontes canônicas dos evangelhos em algumas de suas passagens<sup>85</sup>.

Dependendo do olhar do pesquisador e para o que ele se propõe em produzir, as duas "verdades" são possíveis: A primeira é o olhar para a Madalena sobre a ótica do papel social da mulher naquela época, principalmente das mulheres esquecidas pela sociedade (viúvas, separadas e prostitutas). Ou, fazer o que fez a Igreja da Reforma, que através das leituras bíblicas, descobriram em Maria Madalena um novo modelo de mulher independente, pegadora do evangelho e coautora de uma nova relação social, com um papel de destaque semelhante aos demais, ou até mesmo de uma tipologia.

Nosso objetivo nesse contexto acima não é o papel da mulher naquele tempo, contudo, mostrar que a literatura extracanônica pode sofrer diversas vertentes, de acordo com o propósito e o olhar do pesquisador.

---

<sup>85</sup> Ao lado dos livros canônicos da Escritura Sagrada, existem outros livros da mesma época dos outros, porém, estes não são considerados inspirados por Deus, portanto, não fazem parte do cânon oficial da Bíblia. A palavra "apócrifo" vem da palavra grega *apócrifos* que significa escondido, secreto, oculto. E receberam este nome porque eram pouco usados nos cultos públicos e oficialmente, nunca eram usados na liturgia de ensino. Mas a Igreja Católica Apostólica Romana os coloca em pé de igualdade com o restante das Escrituras. Logo, a Igreja Católica não os chama de Apócrifos, mas de Deuterocanônicos, isto é, pertencentes a um 2º cânone. A inspiração duvidosa destes livros foi a principal causa de sua exclusão, devido não ter autor bem definido, e tratar de assuntos que vão de encontro com a doutrina dos escritos canônicos, como a "salvação por boas obras" (Tobias 12.9) e a "oração pela remissão dos mortos" (Macabeus 12.45).

## Um assunto polêmico

Grande é a polêmica em torno dos apócrifos sobre sua autenticidade ou historicidade. Há quem defenda e outros que preferem dizer que em nada pode acrescentar aos canônicos<sup>86</sup>. De certo que, não se pode afirmar até que ponto é verossímil, e que podem substituir os livros canônicos. Nesse sentido, são textos complexos, que em regra falam do ministério de Jesus em termos humanos, como uma história que vem de baixo e que pouco preservam o lado santo do Cristo, daquele que andava entre os pobres, que comia com os pobres, que participava de festas e andava de chinelos pela terra dura da Palestina. São textos que expressam a compreensão de grupos muitas vezes marginalizados que fez tremer a igreja cristã dos primeiros séculos.

É nesse sentido que devemos observar com críticas e verificar o que de bom existe, analisando em conjunto com a literatura bíblica, assim, podendo auxiliar na compreensão do perfil do exemplo que utilizamos com Maria Madalena, que muito do seu legado na história foi omitido nos textos canônicos e da história do início do cristianismo<sup>87</sup>.

Entre os grupos de estudiosos sobre o assunto, divide-se em grupos o que defendem que os extracanônicos não passam de fantasia da piedade do povo e os que acreditam que a literatura, mesmo com seus exageros de narrativas, pode contribuir com as compreensões dos textos canônicos. Nesse sentido, há espaço crítico entre ambos. Há evidências nos escritos que ambos conviviam juntos quanto à aceitação nos lugares de fala das igrejas cristãs do II século d.C. O Evangelho de Tomé é anterior a alguns textos neotestamentários, como Evangelho de João<sup>88</sup>. É no Evangelho de Tomé, textos introduzidos por Jesus e a conversa com alguns de seus discípulos. Já o Ev de Felipe é tratado como texto reflexivo, com um punhado de filosofia e especulações. Os livros

---

<sup>86</sup> O número de apócrifos do Antigo Testamento pode variar, pois há muitas separações diferentes. Normalmente são estes os livros que encontramos nas bíblias católicas: Tobias; Judite; Eclesiástico ou Sirácida; Sabedoria; Baruque (Baruc); a Epístola de Jeremias; I Macabeus; II Macabeus; acréscimos a Ester; acréscimos de Dn.

<sup>87</sup> O uso do termo "Evangelho" para os documentos de Tomé, Maria Madalena e Felipe não significam em dizer que os mesmos pertencem ao cânon do Novo Testamento. Esses livros também são denominados Apócrifos.

<sup>88</sup> Algo relativo ou referente ao Novo Testamento, porção bíblica que insere o período entre o nascimento de Jesus Cristo e a consumação total. A palavra "Igreja" só aparece no período neotestamentário.

menos usuais tinham menor valor do que aqueles mais conhecidos, havendo critérios de seleção no jogo das lideranças judaicas e cristãs. A disputa pelo poder dos apóstolos nas comunidades fez com que as mulheres fossem coladas de lado.

### **Emaús**

A Emaús dos apócrifos foi o lugar onde Judas Macabeus derrotou Górgias, próximo às planícies e que posteriormente foi fortificada por Bacchies. Ficava a vinte quilômetros da estrada principal de Jerusalém, para Jaffa, no século III chamada de Nicópolis. Jerusalém era uma cidade com poucos recursos, pobre, sem incentivo para criação de animais e ausente de matérias-primas para algumas profissões (ROLLAND, 2014). O trigo era a base da alimentação e existia em toda parte, cultivado na sua totalidade na Galileia e esta distribuía seu excedente para Judeia e Jerusalém, que também armazenava contra fome em tempos ruins de colheita e para as festas locais, quando recebiam peregrinos de todas as regiões. Sua região não era geograficamente importante para as rotas de comércio, pois as caravanas se detinham em Petra e Gaza. Também não era uma cidade fortificada e suas fronteiras não eram guarnecidas, tanto que foi caminho para as tropas que subjogavam e dominavam seus oponentes durante o domínio de Antíoco IV Epífanês<sup>89</sup>.

Foi uma cidade sem importância política, bélica, econômica e a vida girava em torno do templo, da Lei e era um local pouco interessante para a política externa, e na medida em que as invasões aconteciam, ocorria um enfraquecimento das bases políticas da vida judaica (ARMSTRONG, 2000). Para muitos judeus, aceitar o helenismo era uma forma de atingir oportunidades nas áreas da cultura e do comércio, para outros, a própria decadência da religião e da cultura dos seus antepassados. As relações entre Antíoco e Judas não se estreitavam, de um lado Antíoco tentava impor sua autoridade

---

<sup>89</sup>“(…) a fronteira meridional, considerando-se o país no sentido de comprimento (norte e sul, é formada por um burgo situado na fronteira árabe e que os judeus da região denominam de Iarda. Em largura, estende-se do Jordão a Jope. A Judeia, aliás, está dividida em onze clerúquias (esta menção é surpreendente, pois a Judeia não possui abertura para o mediterrâneo, mas pode estender-se no plano da geografia física, pois a cordilheira da Judeia termina junto de Ptolomaida, monte Carmelo). Depois delas, as outras clerúquias correspondem às toparquias; segundo lugar vem Gofna e, depois, Acrabete; em seguida Tamma, Lida, Emaús, Pela, Idumeia, Engadi, Heródion e Jericó. A essas faz-se necessário acrescentar Jamnia e Jope”. (JOSEFO, 2011, p. 23).

aos judeus<sup>90</sup> quanto à helenização e ao mesmo tempo teria que contar com as lutas internas entre os soldados selêucidas (MOMIGLIANO, 1991)<sup>91</sup>.

A narrativa dos Macabeus apresenta um relato histórico nas linhas das crônicas de Israel. Os escritos são anônimos e tratou em primeira instância da perseguição do rei Antíoco, dos feitos heróicos de Matatias e seus filhos, terminando com a autoridade e poder de João Hircano em 134 a.C. A intenção da crônica é exaltar e glorificar os feitos dos Macabeus, de estabelecer uma memória coletiva que pudesse perdurar e legitimar suas origens<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> “O helenismo, mais do que uma mescla de culturas, é uma metamorfose dos componentes que nela se encontram: o helenismo era uma moda e, ao mesmo tempo, uma necessidade civilizacional onipresente. Quem almejava riqueza e um modo de vida superior precisava abrir-se a ele e, pelo menos aprender grego”. (GUNNEWEG, 2005, p. 250).

<sup>91</sup> “(...) a fronteira meridional, considerando-se o país no sentido de comprimento (norte e sul, é formada por um burgo situado na fronteira árabe e que os judeus da região denominam de Iarda. Em largura, estende-se do Jordão a Jope. Exatamente em seu centro está localizada a cidade de Jerusalém. A Judeia, aliás, está dividida em onze clerúquias (esta menção é surpreendente, pois a Judeia não possui abertura para o mediterrâneo, mas pode estender-se no plano da geografia física, pois a cordilheira da Judeia termina junto de Ptolomaida, monte Carmelo). Depois delas, as outras clerúquias correspondem às toparquias; segundo lugar vem Gofna e, depois, Acrabete; em seguida Tamma, Lida, Emaús, Pela, Idumeia, Engadi, Heródion e Jericó. A essas faz-se necessário acrescentar Jamnia e Jope”. (JOSEFO, 2011, p. 23).

<sup>92</sup> “Nem toda identidade deriva da memória, mas as identidades mais profundas, aqueles que parecem mais naturais e indiscutíveis, são as fundadas no passado e garantidas por ele. A memória é a grande fundadora e legitimadora das identidades, porque é ela que se define quais são as mais importantes, quais são as fluídas e passageiras, quais são aqueles que adquirimos de nascença, como herança de nossos ancestrais.” (GUARINELLO, 2014).

## V - AS APROPRIAÇÕES DE FLÁVIO JOSEFO E DO LIVRO DE DANIEL COMO FONTES PARA A CONTRUÇÃO DA MEMÓRIA MACABEIA

Os capítulos que iniciam o livro de Daniel apresentam diversas dificuldades, sobretudo da sua datação, apocalíptica judaica e interpretações. A questão persiste, pois o texto nem sempre é analisado levando-se em conta o contexto sócio-histórico no qual estava inserido quando escrito. Este capítulo busca apresentar os contos de corte do livro de Daniel, identificando os elementos estruturais do texto, tornando clara a mensagem de resistência cultural e religiosa ao “modus vivendi” helênico, utilizados para isso tanto o livro dos Macabeus como os escritos do historiador Flávio Josefo como referências que corroboraram para a construção da memória e identidade macabeia, dada importância dessas fontes para as narrativas do período dos Macabeus (COLLINS, 2010). Josefo trata dos escritos do I século da E.c., enquanto a narrativa do livro de Daniel contempla parte do período de seus escritos no II século da E.c. A obra de Flávio Josefo contempla um intervalo de 75 e 79 da E.c. Menciona no mesmo conjunto de dedicação do templo de paz, entregando uma cópia de seus escritos a Vespasiano, que foi morto em 79. Escrito em aramaico, na língua materna de Josefo. A versão para os nossos dias é a versão do grego ático.

### Antiguidades judaicas

Na obra *Antiguidades Judaicas e Guerra Judaica*<sup>93</sup>, Flávio Josefo relata os feitos seguindo os escritos de I Macabeus. Segundo Saulnier<sup>94</sup>, Josefo não trás elementos substanciais, mas sua importância cabe a uma adaptação livre que complementa as narrativas judaicas e insere outras fontes. Obras que por sua vez dão interpretações diferentes sobre os mesmos feitos, mas são fundamentais para narrativas em períodos diferentes das raízes de I Macabeus tratados no I e II séculos da Era Comum<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> HADAS-LEBEL, M. Flávio Josefo. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

<sup>94</sup> SAULNIER, Christiane. A Revolta dos Macabeus. São Paulo, Edições Paulinas, 1987.

<sup>95</sup> Saulnier divide as fontes em diretas e indiretas: As fontes diretas: 1e 2º Livro dos Macabeus, Flávio Josefo e o Livro de Daniel. As fontes indiretas: 3 e 4º Livro dos Macabeus e os escritos essênios.

## **As fontes de Josefo**

Josefo é a única fonte que faz menção da passagem de Alexandre "O Grande" por Jerusalém. O primeiro ponto questionado no capítulo foi a "veracidade" dentro da sua perspectiva de escrita, até porque, como mencionado anteriormente, o mesmo discursa em seus escritos sobre a narrativa macabeia seguindo o curso do Livro dos Macabeus. Entretanto, esse mesmo Livro não faz menção dessa passagem, o que seria de grande relevância para os Macabeus.

A revolta macabeia atribuído ao Livro de Daniel encontra-se nos capítulos 7 a 12. Os capítulos não tratam das insurreições, mas de um tempo histórico importante por volta dos anos de 164 a 170 a.C. Segundo Chevitarese, o início da leitura do Livro de Daniel, mesmo que este apresente uma unidade, foi dividido em duas partes em torno de Antíoco IV Epífanes, nos capítulos 1 a 6<sup>96</sup>, onde considera a primeira parte e os capítulos de 7 a 12 com as visões apocalípticas, que compõe o fim das narrativas<sup>97</sup>.

Quanto aos essênios, escritos descobertos em Qumrã sugerem que o início da vida em comunidade desse grupo aconteceu no período das insurreições dos Macabeus (Saulnier, p.11). Pesquisar esse grupo é importante devido ao período histórico do seu nascimento no II século a.C., e que partem para o deserto, separado das demais facções judaicas no I século da E.c. O surgimento desse grupo ocorre numa época em que a classe abastada de Jerusalém, na Palestina, estava sob forte influência da cultura grega. Uma das consequências da influência foi o afastamento entre o governo judeu local e alguns grupos religiosos, que pregavam a defesa de costumes mais tradicionais desse povo (SIMON, Marcel; BENOIT, André. pp. 62-65).

## **O livro de Daniel**

As fontes de Flávio Josefo, do Livro de Daniel, I e II Macabeus, conhecidos também como os livros dos mártires de Israel são tratadas como fontes diretas. Os livros

---

<sup>96</sup> Tratam da história de Daniel e seus três amigos.

<sup>97</sup> CHEVITARESE, André Leonardo. Judaísmo e Helenismo. Reflexões em torno de Daniel 9,1-19. UFES, dimensões, 2004.

de III e IV Macabeus e os escritos essênios como indiretas<sup>98</sup>. As fontes indiretas serão tratadas em outro capítulo, essenciais para estudar os acontecimentos que levaram entendimento à crise que se estabeleceu e afetou o judaísmo na Palestina no II século a.C (SAULNIER, pp. 7-9). É importante ressaltar que existe uma dificuldade em analisar os textos do livro de Daniel, até porque sua historicidade é questionada, por se tratar também de um livro de caráter profético na segunda parte<sup>99</sup>. Contudo, para a elaboração desse trabalho, não há como descartar essas fontes, levando em consideração que a Bíblia também é um documento histórico de caráter relevante, onde se traduz noções de propriedade, das relações sociais e de poder entre Israel e seus dominadores. Indispensável na formação da cultura ocidental com textos históricos e poéticos. É um Livro que trata das ligações entre política e poder. Os textos bíblicos e extrabíblicos "Apócrifos" apresentam, de certo modo, descrições comentadas como fontes para a historiografia da antiguidade:

"Contada no pretérito, à história da Torá é profundamente contemporânea em vários aspectos temporais porque a maior parte dos eventos e transações da narrativa não é do tipo que produz provas materiais para verificação arqueológica. A história registra o resultado da nossa investigação sobre o passado, sempre experimentalmente e sujeita a revisões. A história é a narrativa que o passado nos está transmitindo. A maior parte das afirmações que a Torá faz sobre Deus e seus acordos com a humanidade não pode ser comprovada ou contestada por objetos enterrados. De maneira mais objetiva, a história do judaísmo refere-se à história não só do passado, mas no presente perpétuo. Isso não significa que o judaísmo rejeita a história." (NEUSNER, p.63).

Sempre é importante para o historiador manter os cuidados necessários na investigação desses livros, que devem ser analisados com outras fontes históricas. De fato, são precauções quanto às interpretações e sobre os argumentos das questões dogmáticas e religiosas, onde poderá afastar o historiador da sua perspectiva. Não é esse

---

<sup>98</sup> Manuscritos que foram descobertos nas grutas de Qumrã em 1947, descrevendo circunstâncias onde as seitas de construíram, levando ao entendimento que os essênios estabeleceram suas comunidades no momento das revoltas ou logo depois.

<sup>99</sup> Segundo Chevitaresse as imprecisões históricas parecem sugerir um desconhecimento do autor, quanto a primeira parte do livro, do próprio contexto histórico, onde os eventos são narrados, pois quanto mais distantes dos acontecimentos, maiores são as possibilidades de imprecisões. (CHEVITARES, p. 18).

o caso aqui exposto, mas, sobretudo, no entendimento de não tornar demasiadamente descritiva uma análise das generalidades dos textos da Torá e da Bíblia hebraica<sup>100</sup>.

### **Da cronologia apocalíptica**

O livro de Daniel é o único representante da literatura apocalíptica presente na Bíblia Hebraica onde é conhecido como “modelo de apocalíptica”, sendo este um dos motivos que levaram muitos a escrever sobre estes<sup>101</sup>. O livro deve ter tido um pleno destaque daqueles livros que foram escritos no mesmo período para finalidade que foi escrito, exercendo influência no desenvolvimento do pensamento judaico. Essa mesma influência pode ser constatada nas referências dos textos e de seu acontecimento. Por conseguinte, a cronologia tem como limiar o espaço e o tempo entre o surgimento dos primeiros escritos por ocasião dos séculos XVIII a.C., até o I século da Era Comum, ficando evidente a presença de narrativas épicas, levando o texto para um surrealismo em diversas passagens<sup>102</sup>. Em contrapartida a esta afirmativa, existe uma riqueza de informações que, nos dias atuais e para a historiografia antiga, podem ser incorporados a despeito de inúmeras civilizações, tribos e povos que existiriam em algum momento na história<sup>103</sup>.

Há ainda fatores formais que fortalecem esta teoria: o conhecimento do grego, como o grego usado no período macabeu, haja vista que na antiga história babilônica e persa o grego não era tão conhecido; - a língua bem como sua linguagem são de uma época bem mais tardia ao período exílico. Grande parte do Livro de Daniel está escrito em aramaico (Dan 2,4b - 7), ou seja, uma língua que só aproximadamente em 400 a.C. começou a surgir e que no período dos Macabeus era a língua de comunicação comum. Além do aramaico temos um hebraico

<sup>100</sup> A Bíblia é um instrumento antigo: sua redação começou por volta do séc. XV a.C., e somente se encerrou no final do séc. I d.C.. Esse é, sem dúvidas, o motivo pelo qual muitas passagens são difíceis de serem compreendidas, obrigando-nos, às vezes, a recorrer a outros livros de apoio. Por ser um livro repleto de aspectos metafóricos e de várias fábulas, onde a credibilidade muitas vezes é posta em dúvida. (SIMON E BENOIT, p.4).

<sup>101</sup> *Apocalypsys* (grego) significa revelação.

<sup>102</sup> De certo que nem todos os livros bíblicos foram escritos dentro de uma ordem cronológica.

<sup>103</sup> "O último dos Livros da Bíblia, o de Daniel, foi composto nesse tempo como resposta á opressão selêucida. Enaltecendo a coragem de Daniel e seus companheiros, que preferiram enfrentar Nabucodonosor a comer alimento impuro". (GOLDBERG, p. 83).

no livro de Daniel cujas expressões e estrutura pertence a um período bem mais tardio ao período exílico. (SOUSA, pp. 7-9).

Daniel é colocado entre os grandes profetas da Bíblia hebraica, entre os escritos localizados entre os livros de Ester e Esdras. São textos que tratam de um jovem judeu exilado na Babilônia, compondo o quadro histórico na corte neobabilônica e depois aquemênida. No tocante as fontes de Daniel, são imprescindíveis que a estrutura do livro seja explicada. O livro é dividido em duas partes: a primeira, histórica, que vai do capítulo 1 ao 6. A segunda, profética, que vai do capítulo 7 ao 12<sup>104</sup>.

### **Reflexão sobre as fontes de Daniel**

As fontes e reflexões acerca do livro de Daniel são limitadas segundo (CHEVITARESE, p. 29), seguido de falhas na história, sobretudo sobre as tensões sociais que envolviam o tratamento discriminatório das comunidades judaicas. Esses adjetivos depreciativos eram a causa das mais variadas críticas às ideias helenistas que atravessava toda sociedade judaica no capítulo 9 do referido livro de Daniel. Admite os autores que as três culturas discutidas na obra interagiram entre si (helenismo, judaísmo e cristianismo), porém a questão judaica é mais delicada, pois sofreu diretamente os avanços da cultura helênica, enquanto o cristianismo dependeu diretamente da estrutura judaica para existir, com traços oriundos do helenismo, mas advindo da relação com o judaísmo e sofrendo um menor impacto.

Discutem os autores sobre as influências do livro de Daniel para corroborar com as fontes gregas, dos complicadores dos helenistas adaptados aos conceitos clássicos gregos, mesmo quando enveredam sob as influências dos escritos selêucidas (CHEVITARESE, pp. 29-30). Indica os autores, por análises contextuais e sistematizadas, a complexidade de considerar que essas fontes não foram produzidas por um autor grego e muito menos na língua grega. Dessa forma, por considerar uma série

---

<sup>104</sup> A dinastia aquemênida governou o primeiro Império Persa entre os anos 559 a 30 a.C. Linhagem do Aquêmenes que governou a Pérsia entre os anos 700 a 680 a.C. Alcançaram o domínio do Oriente Médio sob o governo de Ciro II da Pérsia, que era bisneto de Aquêmenes, quando tomou a Média e as demais tribos arianas na atual Irã. Após conquistou a Lídia, Síria, Babilônia, Palestina, Armênia e o Turquestão, surgindo então o Império Persa. (ARRUDA, p. 64).

de dificuldades, atenua os autores para uma maior cautela ao apropriar-se das complexidades das fontes em detrimento de sua historicidade dentro do discurso.

Não há dúvidas sobre o intenso e evidente processo de interação cultural, no que tange diversos conceitos dentro das disposições helenistas sobre política, religião e cultura em Jerusalém. Grande parte dos judeus dentro e fora da Palestina, inclusive na bacia do Mediterrâneo, apontam para a grande dificuldade de aplicar as leituras de textos em hebraico, até porque, nesta altura já se distanciavam da língua materna, evidência de um processo multicultural.

### **Multiculturalismo acerca das fontes de Daniel**

Outra evidência de multiculturalismo é a oração de Daniel no capítulo 9. Mesmo criticando as ideias helenizantes no preâmbulo do capítulo, que atravessava toda sociedade judaica, não deixou de criticar os doutrinadores da Lei de Moises em aceitar passivamente o movimento helenista. Outro ponto importante na oração de Daniel também está inserido no contexto do período das lutas ou que antecedem o período dos Macabeus (CHEVITARESE, p. 26). A intenção do escritor é de justamente criticar e trazer à consciência do povo as consequências desse processo, onde observou como um grande e perigoso delito, sujeito as penalidades da parte do Deus de Israel. Nessa altura, o autor reconhece que uma grande parcela da sociedade judaica adere ao singular e inevitável movimento helenista<sup>105</sup>.

### **A oração de Daniel: profanação do templo**

A oração de Daniel, de forma simbólica, tratou de criticar a profanação do templo, das proibições quanto ao processo de adoração, dos sacrifícios, festas e práticas religiosas. É uma oração que chamou o povo para a reconciliação, na intenção de livrar Israel da opressão religiosa. Mesmo inevitável, o processo de transição já teria dividido o povo judeu, mas era preciso diminuir esse impacto que buscasse chamar a atenção,

---

<sup>105</sup> As referências do livro de Daniel sobre as críticas os povo: Pecadores (9,5;9,8;9,15-16); Iníquos (9,5); Ímpios (9,5); Que se rebelaram contra Deus (9,5;9,9); Que se afastaram dos mandamentos (9,5); Não atentam aos profetas (9,6); Infiéis (9,7); Aqueles que transgridem as leis (9,11); Aqueles que não atentam para a voz de Deus (9,10-11;9,14) e maus (9,15).

principalmente sobre o aspecto religioso e moral, para aqueles que ainda estavam indecisos quanto ao movimento helenista.

Mesmo não sendo uma afirmativa em que o livro de Daniel teve seus escritos no século VI a.C., embora Chevitarese e Cornelli expliquem suas "armadilhas" contextuais, é importante trazer para pesquisa questionamentos e análises de diversas frentes para não cair no embaraço das fontes que não possuam uma maior veracidade. É importante saber a origem dos escritos, para melhor entender o tipo de linguagem produzida, seu aspecto material, social e antropológico para demarcar o objeto. É sem dúvidas, mesmo para autores experientes que existe certo desconforto com a historicidade desses escritos. De qualquer forma, a história não tem o efeito de determinar ou chegar à conclusão de um determinado fato histórico, até porque ele poderá ser analisado por outras perspectivas e novas premissas acerca do que se pretende buscar.

### **A visão de Daniel**

Quanto à datação, Chevitarese e Cornelli apontam para uma direção que desperta um maior interesse sobre os capítulos 1 ao 6 de Daniel. Refere-se o autor na terceira pessoa do singular, enquanto que, na segunda parte "profética" verificou-se uma mudança da terceira para a primeira pessoa, quando o próprio Daniel descreve as visões. Prova disso é que o primeiro capítulo não aborda textos apocalípticos, como vem abordando o segundo<sup>106</sup>.

Dois anos depois da vitória obtida por Nabucodonosor sobre os egípcios, esse príncipe teve um sonho estranho, do qual Deus lhe deu a explicação enquanto ele dormia. Depois que acordou, porém, esqueceu o sonho e o seu significado. Por isso mandou chamar os maiores sábios dentre os caldeus, os que se dedicavam à predição do futuro, chamados magos devido à sua sabedoria. Disse-lhes que tivera um sonho, mas o havia esquecido, e ordenou-lhes que lhe dissessem

---

<sup>106</sup> A interpretação posterior é a que chama atenção. Daniel explica de forma alegórica ao rei como o sonho é uma metáfora para a sucessão das representações dos reinos que se seguirá ao reino de Nabucodonosor. Dessa forma, o presente é representada pela cabeça de ouro da estátua, como um reino de muitas riquezas e poder, sendo uma época desejada por todos os reis. Após período, teríamos o surgimento na sequência de novos reinos, cada qual mais fraco que seu predecessor. O último dos reinos seria um reino dividido, os pés que são parte ferro, parte bronze, o qual seria esmagado pela grande pedra que representaria o quinto e último reino, suscitado por Deus, e que jamais seria destruído.

qual era e o que significava. Eles responderam que era impossível aos homens o que ele desejava. Tudo o que podiam fazer era explicar o sonho depois que ele o tivesse narrado. O rei ameaçou-os de morte se Não obedecessem, e, como continuassem a dizer a mesma coisa, mandou matá-los. (JOSEFO, 2004).

A primeira etapa desta datação se dá a partir das referências dos textos de Daniel 2,43, com a união matrimonial de Antíoco II com a filha de Ptolomeu II, no ano de 250 a.C. Nesse sentido, os capítulos de 1 ao 6 poderiam estar situados nos anos de 250-230 a.C. Com relação à datação da segunda parte do livro de Daniel 7-12, não há tantas variáveis na datação, haja visto que o autor desconhece a morte de Antíoco IV Epífanês em 164 a.C. Sendo assim, os capítulos podem ser datados entre os anos de 167 a 164 a.C. (CHEVITARESE, pp. 19-21).

Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível. A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze, as pernas eram de ferro; e os pés, parte ferro e parte de argila. Estavas olhando, quando uma pedra, sem intervenção de mão alguma, destacou-se e veio bater na estátua, nos pés de ferro e de argila, e os triturou. Então se pulverizaram ao mesmo tempo o ferro e a argila, o bronze, a prata e o ouro, tornando-se iguais à palha miúda na eira de verão: o vento os levou sem deixarem traço algum. E a pedra que havia atingido a estátua tornou-se uma grande montanha, que ocupou a terra inteira. (Dn 2: 31-45).



Figura 3: Representação do sonho do profeta Daniel e a queda dos Impérios mundiais.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Profecia\\_da\\_est%C3%A1tua\\_de\\_Nabucodonosor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Profecia_da_est%C3%A1tua_de_Nabucodonosor)

Simon e Benoit corroboram com a datação de Chevitarese e Cornelli quanto aos escritos de Daniel para efeito dos acontecimentos no tempo dos Macabeus no II século a.C. Já para os capítulos 7 a 12, destaca-se o conflito como uma evolução cultural. Para Simon e Benoit o livro de Daniel é o mais recente dos escritos acolhidos no cânon da Bíblia hebraica. Logo após estão os escritos intertestamentários, os apócrifos e pseudo-epígrafos. Alguns desses apócrifos foram incorporados à Bíblia grega pelos judeus da diáspora, e posteriormente aceita pela igreja católica, ao contrário, pelos rabinos da Palestina. Consequentemente os reformadores protestantes do século XVI discutiram e organizaram esses textos, onde foram negados em blocos a despeito do valor extracanônicos desses escritos (SIMON E BENOIT, 1987).

### **A divisão do Livro de Daniel: dos ajustes cronológicos as interpretações do sonho do rei**

A primeira parte dos escritos de Daniel, como dito anteriormente, foi narrada na terceira pessoa, enquanto que na segunda parte é ele o narrador (CHEVITARESE, 2007). Cada capítulo sugere os seguintes temas: Capítulo 1, Daniel e seus companheiros

na corte de Nabucodonosor, o sonho do rei com respeito à grande imagem, simbolizando quatro reinos; Capítulo 2, a fornalha de fogo; Capítulo 3, o sonho de Nabucodonosor em que foi vista uma grande árvore, sendo esta interpretada na sua destruição como figura da loucura do imperador; Capítulo 4, o banquete de Belsazar; Capítulo 5, Daniel na cova dos leões; Capítulo 6, visão dos quatro grandes animais que subiam do mar e o seu juízo diante do "Ancião de dias", e a entrega do reino a "um como o Filho do homem"; Capítulo 7, visão do carneiro com dois chifres<sup>107</sup>, o qual foi ferido pelo bode, que tinha um chifre insigne entre os olhos, quebrado este chifre, dele saíram quatro outros chifres, e de um destes um chifre pequeno, que se tornou grande e perseguiu os santos; Capítulo 8, a Daniel é dada a compreensão da profecia de Jeremias (Jr 25.12 e 29.10) quanto aos setenta anos das "idolatrias" de Jerusalém; Capítulo 9, Daniel, depois do jejum e do luto, teve ainda outras visões, dos capítulos 10 a 12. As visões são interpretações de discussões e controvérsias, onde é descrito que o anjo Gabriel explica a visão do capítulo 8, onde o Império Persa, estabelecido por Ciro, durou de 538 até ao ano 333 a.C., em que foi destruído por Alexandre Magno na batalha de Ipsus<sup>108</sup>.

---

<sup>107</sup> Segundo a tradição judaica, Daniel foi um profeta, o quarto dos chamados “Profetas Maiores”, e personagem principal do livro de Daniel presente no Antigo Testamento. Nada se sabe sobre sua vida além do que é relatado no livro que traz seu nome. A bíblia hebraica afirma que Daniel foi um israelita de linhagem nobre e real (Dn 1:3), levado cativo de Judá para a Babilônia pelo rei Nabucodonosor, em aproximadamente 605 a.C., no terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá (Dn 1:1). Na Babilônia, juntamente com outros companheiros com qualidades semelhantes a ele, Daniel foi educado para o serviço no Império Babilônico, sendo instruído sobre a língua e a civilização dos caldeus (Dn 1:4). Dentre os companheiros de Daniel na Babilônia, o relato bíblico destaca três nomes: Hananias, Misael e Azarias, também conhecidos por seus nomes babilônicos Sadraque, Mesaque e Abednego respectivamente. Conforme o costume babilônico que atribuía nomes que faziam referências as suas deidades, Daniel também recebeu outro nome, no caso Beltessazar.

<sup>108</sup> A Batalha de Ipsus, travada na Frígia, Ásia Menor (atual Turquia), em 301 a.C.

Peito e braços de prata	"E, depois de ti, se levantará outro reino, inferior ao teu." <sup>109</sup>	Daniel 2:39	Império Medo Persa
Ventre e coxas de cobre	"E um terceiro reino, de bronze (cobre), o qual terá domínio sobre toda a terra." ...	Daniel 2:39	Império Grego
Pernas de ferro	"E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro esmiúça e quebra tudo, como o ferro quebra todas as coisas, ele esmiuçará e quebrantará." <sup>110</sup>	Daniel 2:40	Império Romano
Pés parte de ferro e parte de barro	"E, quanto ao que viste dos pés e dos artelhos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, isso será um reino dividido." <sup>111</sup>	Daniel 2:41	As 10 nações
Pedra que despedaça a estátua e se transforma em montanha	A pedra segundo a narrativa bíblica é Jesus de Nazaré, que irá estabelecer seu Reino na Terra.	Daniel 2:44	

Quadro3: sobre a interpretação do sonho de Nabucodonosor segundo livro de Daniel.

### O sonho do rei e o simbolismo em Alexandre o Grande

<sup>109</sup> Após reinar por 67 anos, o império babilônico foi vencido pelo reino dos medos e persas. A monarquia medo-persa durou 208 anos, de 539 a.C. a 331 a.C. O próprio profeta Daniel testemunhou a derrota de Babilônia. De fato, o reino medo-persa (representado pelo peito e pelos braços de prata) não foi tão rico quanto o babilônico, embora seu exército tenha sido mais poderoso. Observe como os metais aumentam em força à medida que diminuem de valor.

<sup>110</sup> Em 168 a.C., foi a vez do império romano estabelecer a supremacia. O ferro é o símbolo perfeito desse reino: a disciplina militar, a dominação sobre os povos conquistados, as leis, tudo nele era como o ferro. Esse reino existiu até 476 d.C.

<sup>111</sup> 1 - Os saxões, originando a nação inglesa. 2 - Os francos, originando a nação francesa. 3- Os alamanos, originando a nação alemã. 4 - Os visigodos, originando a nação espanhola. 5 - Os suevos, originando a nação portuguesa. 6 - Os lombardos, originando a nação italiana. 7 - Os burgúndios, originando a nação suíça. 8 - Os hérulos, que desapareceram. 9 - Os vândalos, também desaparecidos. 10 - Os ostrogodos, povo que também desapareceu.

Da idade de trinta e três anos morre Alexandre Magno (simbolizado pelo chifre quebrado), que havia estabelecido domínio quase universal e não tendo deixado herdeiros, sendo seu império repartido entre os seus generais. Depois de vinte anos de rivalidades e lutas, estabeleceram-se quatro reinos: Macedônia e Grécia, Trácia e Bitínia, Egito e Síria, sendo dada a parte oriental com a Babilônia a Seleuco. Por esta razão viveu a Judéia sob o governo dos reis selêucidas, por Antíoco Epifanes o nono (175 a 164 a. C.), que está na profecia figurada pelo "pequeno chifre". As suas perseguições aos judeus resultaram numa revolta, chefiada por Judas Macabeu, e na reconsecração do templo em 165 a.C., cerca de três anos depois da sua profanação. Antíoco morre alguns meses mais tarde<sup>112</sup>.

Apresentando-se diante do soberano, ele disse que, embora fosse lhe manifestar o sonho, rogava que o não julgasse mais hábil que os magos que não o puderam fazer, pois na realidade não era mais sábio que eles: a revelação que tivera foi motivada pela paixão que Deus sentira pelo perigo em que ele e seus companheiros se encontravam, por isso Ele lhe revelara o sonho e a sua significação. E acrescentou: "Eu, majestade, não estava menos apreensivo pelo risco que corria eu e os meus companheiros que pela tristeza de ver a injustiça que vossa majestade cometeu, condenando à morte tantos homens de bem por não terem conseguido fazer uma coisa inteiramente impossível aos homens, por mais inteligentes que sejam, e que somente Deus pode fazer. E vossa majestade não estava menos apreensivo pelo risco que corria e estava ansioso para saber quem dominaria depois de vossa majestade sobre todo o mundo. Deus, para vos fazer conhecer esses monarcas, fez-vos ver em sonhos uma grande estátua, cuja cabeça era de ouro, os ombros e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze e as pernas e os pés de ferro. Vossa majestade viu depois uma pedra rolar da montanha sobre a estátua, quebrando-a em pedaços e reduzindo-a a um pó mais fino que a farinha, o qual o vento levou sem que tivesse ficado o menor vestígio. Por fim, vossa majestade viu essa pedra crescer de tal modo que esmagou com o seu peso toda a terra. Esse foi majestade, o vosso sonho, e esta é a explicação: a cabeça de ouro representa os reis da Babilônia vossos predecessores. Os ombros e os braços de prata significam que o vosso império será destruído por dois reis poderosos. As coxas de bronze dizem que outro rei, vindo do lado do ocidente, destruirá esses dois reis. As pernas e os pés de ferro mostram que, sendo o ferro mais duro que o ouro, a prata e o cobre, virão outro conquistador, que subjugará esse". (JOSEFO, 2004).

---

<sup>112</sup> Império Babilônico 606-653 a.C; Império Persa 339-331 a.C; Império Grego 331-168 a.C; Império Romano 168 a.C. a 476 d.C.; As 10 nações 476 d.C., em diante.

	<b>GOVERNO</b>	<b>DATAÇÃO</b>	<b>FUNÇÃO</b>
CASSANDRO	MACEDÔNIA, PARTE DA GRÉCIA, PARTE DA TRÁCIA.	358 A 297 a.C	GENERAL NO TEMPO DE ALEXANDRE
LISÍMACO	LIDIA, JÔNIA, FRIGIA E ATUAL TURQUIA.	361 A 281 a.C	GENERAL NO TEMPO DE ALEXANDRE
<b>SELÊUCO</b>	<b>ATUAL IRÃ, IRAQUE, SÍRIA, PARTE DA ÁSIA MENOR.</b>	<b>FALECIDO EM 281 a.C</b>	<b>GENERAL NO TEMPO DE ALEXANDRE</b>
PTOLOMEU	EGITO E REGIÕES ADJACENTES.	FALECIDO EM 283 a.C.	GENERAL NO TEMPO DE ALEXANDRE

Quadro 4: Reinos dos sucessores de Alexandre: após a Batalha de Ipsus, 301 a.C.

### Dos dez reinos

Pode-se entender como a clara predição do capítulo 8 se acha repetida e desenvolvida na parte restante do livro, antecipa-se nas profecias do mesmo gênero, porém mais obscuras, dos capítulos 7 e 2, e que os reinos da Média, Pérsia e Grécia estão também compreendidos nos quatro simbolizados pelos animais e pela imagem. Além disso, o primeiro dos quatro é o do próprio Nabucodonosor, isto é, Babilônia (2.38). Chegado a este ponto, dividem-se expositores. Será a Média e a Pérsia um só império, fundado por Ciro, e simbolizado pelo carneiro de chifres mais compridos e mais curtos. Sendo então, a Grécia como terceira, e o quarto naturalmente acha-se identificado com o império de Roma, tendo passado para os domínios romanos o império fundado por Alexandre Magno<sup>113</sup>. Desta interpretação derivam diversas interpretações a respeito dos dez reinos - (os dedos dos pés da imagem, capítulo 2 e os chifres do quarto animal, capítulo 7) - em que havia de dividir-se o império romano.

Se não me dais a conhecer o sonho, uma só sentença vos espera. Estais, pois, combinados para inventar explicações falsas e funestas diante de mim, enquanto o tempo vai passando. Portanto, relatai-me o sonho, e saberei que podeis dar-me também a sua interpretação (Dn 2. 9).

<sup>113</sup> "Com relação ao período persa, em que pese o fato de existirem pouquíssimas informações sobre a época ao longo da narrativa, o autor afirma, em Daniel (5,30-31) que Dario, o medo, conquistou a Babilônia com a morte de Baltazar. Ocorre, porém, que não há nenhum registro histórico que comprove a existência de Dario. Ao contrário, os documentos assinalam Ciro, o persa, como conquistador da babilônia". (CHEVITARESE, pp. 18-19).

De principal interesse, o capítulo 7 em diante é de suma importância para as questões de domínios e eventos quanto às insurreições na Palestina no II século a.C. Não há qualquer intenção de aplicar os textos de Daniel como pretexto para qualquer sistema apocalíptico, muito pelo contrário, o interesse aqui é abrir a visão e esgotar as fontes até o advento da história dos Macabeus e suas insurreições, no sentido de marcar a história dos seus feitos, como marca de um heroísmo que foi capaz de produzir uma série de discursos quanto à imposição de suas ideias de fé e de movimento simbólico. Nesse sentido, será necessária a aplicação de algumas passagens dos textos hebraicos, apresentados de forma sistemática e cronológica a despeito dos eventos que figuram o governo e as conquistas de Alexandre Magno, passando pelo domínio e divisão por seus quatro generais, até as insurreições judaicas.

No primeiro ano de Belsazar, rei de Babilônia, teve Daniel um sonho e visões da sua cabeça quando estava na sua cama; escreveu logo o sonho, e relatou a suma das coisas. Falou Daniel, e disse: Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande. E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão, e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, e foi levantado da terra, e posto em pé como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem. Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne. Depois disto, eu continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas suas costas; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. Depois disto eu continuei olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres. (Dn 7: 1-7).

O capítulo trata da elevação e queda do sistema político mundial. Os impérios são vistos como ponto de vista político, quanto a sua queda e forma de governo. No capítulo 7 a questão moral é relevante, como castigo, com seu caráter feroz e de destruição, como descrito através das bestas e feras. As quatro feras, de forma simbólica representa os primeiros quatro anos do rei Belsazar, indicando que Daniel teve a visão no tempo do Império Babilônico.

ANIMAL	GOVERNO	DATAÇÃO	FONTE
LEÃO	<b>IMPERIO BABILÔNICO</b>		DANIEL 7:4
URSO	<b>MEDO-PERSA</b>		DANIEL 7:5
LEOPARDO	<b>GRÉCIA</b>		DANIEL 7:6
ANIMAL TERRÍVEL (SEM DEFINIÇÃO) <sup>114</sup>	<b>IMPÉRIO ROMANO</b>		DANIEL 7: 9

Quadro 5: Os quatro animais simbólicos e os quatro reinos mundiais.

O profeta Daniel relata a sua visão: “Eu estava olhando, numa visão noturna, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o Mar Grande. E quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão, e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, e foi levantado da terra, e posto em dois pés como um homem; e foi-lhe dado um coração de homem. Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne. Depois disto, continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças; e foi-lhe dado domínio. Depois disto, eu continuava olhando, em visões noturnas, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez chifres.” (Daniel 7:1-7).

Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra. A historiografia descreve estes quatro reinos como: 1) Império Babilônico

<sup>114</sup> Além das características acima mencionadas que o diferenciaram dos demais animais, o quarto animal tinha dez chifres ou pontas na sua cabeça, os quais simbolizavam os fragmentos deste potente reino, depois de sua derrota em 476 d.C., pelas tribos bárbaras, a saber: Hunos, Francos, Burgúndios, Anglo-Saxões, Visigodos, Suevos, Lombardos, Vândalos, Hérulos e Ostrogodos. Interessante esclarecer que os dez chifres na cabeça do quarto animal e os dez dedos da estátua (Daniel 2:41-43) representavam o mesmo acontecimento, ou seja, a divisão ou fragmentação do Império Romano. Isto quer dizer que, até a segunda vinda do Messias, nenhum outro império mundial será instalado. É muito importante enfatizar que o próximo império mundial retratado na profecia de Daniel, será o reino milenar messiânico (Daniel 2:44; 7:13, 14 e 27). Ele será estabelecido na Terra quando ocorrer a segunda vinda de Cristo. (SILVA, 127-138).

(Nabucodonosor, Nabonido e Belsazar). 2) Império Medo-Persa (Dario<sup>115</sup>, Ciro Cambises<sup>116</sup>, Esmerdis<sup>117</sup>, Dario, o Persa, e Xerxes. 3) Império Greco-Macedônio (Alexandre Magno e seus sucessores). 4) Império Romano.

"E de uma delas saiu uma ponta mui pequena, a qual cresceu muito para o meio dia, e para o oriente, e para a terra formosa.". (Daniel 8.9).

O pequeno chifre da narrativa saiu de uma das pontas, de Seleuco, representa em seu primeiro momento, Antíoco Epífanes, monarca selêucida, do ramo sírio do Império Grego, o qual fez um esforço extremo para extinguir a religião judaica<sup>118</sup>. Antíoco Epífanes, sem dúvida alguma, foi o princípio para a formação do cumprimento da profecia de Daniel até seu quadro final. A terra formosa, de que fala o texto é Israel. Antíoco Epífanes, durante seu governo, cresceu para o sul e para o oriente, ou seja, Egito e a Mesopotâmia, respectivamente. Porém, depois virou-se para a "terra formosa", ou seja, para a Palestina, especificamente Israel<sup>119</sup>.

"E o exército lhe foi entregue, com o contínuo sacrifício por causa das transgressões; e lançou a verdade por terra; fez isso, e prosperou." Daniel 8.12.

---

<sup>115</sup> Como já salientado por Chevitarese, não há qualquer registro histórico que comprove a existência de Dario. Os escritos históricos apontam para Ciro, o persa, como conquistador da Babilônia.

<sup>116</sup> Também conhecido como Assuero. Não deve ser confundido com o Assuero marido de Ester, mas posterior a ele.

<sup>117</sup> Também conhecido como Artaxerxes.

<sup>118</sup> Todos os detalhes até aqui apresentados constituem evidentemente o pano de fundo, ou mera introdução dos temas maiores do capítulo 7 de Daniel. A principal atenção do profeta Daniel estava voltada para um pequeno chifre ou pequena ponta que ele viu subir dentre os dez chifres ou pontas existentes na cabeça do quarto animal (Daniel 7:8). É muito importante ressaltar que esta ponta pequena levantou-se depois da fragmentação ou divisão do Império Romano. Isto quer dizer que ela assumiria o seu poder somente após a queda do Império Romano. A décima primeira ponta, que se levantou entre as dez, representa o mandatário da Igreja de Roma. Para se estabelecer, derribou três das dez tribos: Hérulos, Vândalos e Ostrogodos. O profeta Daniel descreve as atividades desta ponta pequena, a sua arrogância, os seus desafios a Deus e como conseguiu mover uma intensa perseguição aos santos do Altíssimo. (SILVA, 130-140).

<sup>119</sup> Segundo o livro de Daniel, são esses os atributos negativos quanto a Antíoco IV Epífanes: Injusto (3,32); Malvado (3,32); O que insulta o Deus de Israel (7,25;8,9;8,25;11,36); Miserável (11,21); Sorrateiro (11,21;11,24); Voltado para o mau (11,24); Mentiroso (11,27); Profanador (11,31).

Nessa passagem, o texto descreve o que realmente fez Antioco. Não só desejou helenizar toda a Palestina, mas lutou incansavelmente até levar a muitos a abandonar a religião de Israel. Não obstante aos que não aceitaram a helenização, profanou o templo de Jerusalém, suprimindo o contínuo sacrifício, das 9 da manhã e das 3 da tarde, estabelecidos conforme a lei de Moisés (Torá). Proibiu toda e qualquer divulgação da Torá, e assim "a verdade foi lançada por terra".

"E se fortalecerá a sua força, mas não pelo seu próprio poder; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que aprouver: e destruirá os fortes e o povo santo.". Daniel 8.24.

Os governantes selêucidas praticaram várias atrocidades semelhantes às que estão mencionadas no versículo acima. Os Macabeus foram vítimas desse tempo de assolação desses reis furiosos.

"Após a morte de seu pai, Antíoco V, confirmou o direito dos judeus de viverem segundo sua Lei. Judas fortificou o templo e a fortaleza de Betsur na fronteira da Idumeia. Depois, ao apelo dos israelitas perseguidos, empreendeu ataques vitoriosos à Idumeia, a Acrabatena, aos baianitas e aos amonitas. Nesse tempo, Simão conduziu uma expedição à Galileia até sob os muros de Aco, enquanto Judas, em Galaad, ia até Borsa. Os israelitas dessas duas regiões foram conduzidos a Jerusalém para garantir sua segurança. Durante esse tempo, o exército sírio de Górgias derrotou um corpo expedicionário judeu às portas de Jâmnia. Em seguida, Judas Partiu em guerra contra Idumeia, apoderou-se de Hebron e de sua região e depois de Marisa. Investiram sobras as cidades da planície Filistina com ataque sobre Azoto." (I Mac 4,60; 2 Mac 11,22-26; I Mac 6,18).

A pequena parte dos capítulos 7,8, 20, 21,25 é, também muitas vezes, identificada com o papado. A interpretação do quarto reino está em estreita conexão com a controvérsia que diz respeito à data, sobretudo da autoria do livro. Em conformidade a invariável tradição dos judeus e da igreja cristã, de que livro foi escrito por Daniel em Babilônia, então não somente teria como certa a historicidade dos capítulos 1 ao 6, sobretudo que seriam verídicas as predições que concerne o reinado de Antíoco Epífanes, anunciadas quatro séculos antes do acontecimento<sup>120</sup>.

---

<sup>120</sup> trata-se aqui de uma especulação meramente teológica. Observar (CHEVITARESE E CORNELLI, p. 19); (SIMON E BENOIT, pp. 52-53) e (MOMIGLIANO, p.75).

## Mediações proféticas

Em favor desta data há várias razões: A primeira, de ter o livro o seu lugar no Cânon. Ele foi recebido como Escritura Santa no tempo dos Macabeus<sup>121</sup>, e diz Flávio Josefo que as suas profecias foram apresentadas a Alexandre Magno na ocasião da sua chegada a Jerusalém. o livro está na versão dos Setenta do A.T., havendo começado essa tradução cerca do ano 280 a.C. Segunda, o testemunho de Jesus Cristo (Mt 24.15). Terceiro, o testemunho da igreja cristã. Porfírio, um escritor pagão<sup>122</sup> pela primeira vez atacou as qualidades proféticas de Daniel, e S. Jerônimo tratou das suas objeções. Quarto, os pormenores das narrativas, que de certa forma torna os acontecimentos impressionantes. Todavia, o valor religioso do livro, a sua revelação do plano de Deus, a sua promessa da vinda de Cristo, e todas as lições morais e espirituais, que a igreja, em todos os tempos, tem recebido por meio das suas páginas, devem julgar-se independentes de qualquer conclusão sobre o tempo em que foi escrito e a respeito do seu autor, nesse argumento, destaca-se o aspecto da religiosidade.

## Flávio Josefo

Meu pai chamava-se Matatias. Meu nome é Josefo, e sou hebreu de nascimento, sacerdote em Jerusalém. No princípio, combati contra os romanos, e a necessidade, por fim, me obrigou a empreender a carreira das armas. (JOSEFO, 2004).

Flávio Josefo, *Yosef ben Mattityahu*, em hebraico, nasceu no ano de 37 d.C., e sua morte datada no ano 100 d.C. Josefo é visto pela maioria dos escritores da antiguidade como historiador. Nasceu em Jerusalém, conhecedor das comunidades primitivas cristãs e membro da nobreza sacerdotal judaica. Josefo participou da guerra aos romanos no ano 70, onde mais tarde escreve seu livro *Antiguidades Judaicas*<sup>123</sup>.

"Minha família não é destituída de glória, oriunda como é de sacerdotes. Os diversos povos têm cada um deles, sua maneira própria de fundamentar a nobreza; entre nós, são as afinidades como o sacerdócio que atestam o cunho ilustre de uma família. Ora, no meu caso, não somente minha família é de raça sacerdotal, mas ainda pertence á primeira das vinte e quatro classes - distinção muito

---

<sup>121</sup> 1 Mac 2.59,60.

<sup>122</sup> 233 a 302 d.C.

<sup>123</sup> A Guerra macabeia é relatada por Flávio Josefo no livro *Antiguidades Judaicas* (12,240-13,329).

apreciável - e é mais importante do que a mais ilustre de suas tribos. Eu mesmo sou, por parte de minha mãe, de raça real, porque os descendentes de Asmon, seus antepassados, foram durante um período bem longo sumo sacerdotes e reis de nosso povo. Nasci de Matias<sup>124</sup>, no primeiro ano do reinado de Caio César<sup>125</sup>. Tenho três filhos: o mais velho, Hircano, nasceu no quarto ano do reinado de Vespasiano César, Justo, no sétimo ano, Agripa, no nono ano”<sup>126</sup>. (AUTOBIOGRAFIA, p. 10).

Josefo nasce no primeiro ano do reinado do imperador Calígula e viveu no tempo dos imperadores Tito e Vespasiano (JOSEFO, 2011). Josefo esteve a serviço de Roma realizando uma série de pesquisas de campo que exigiu alguns anos de sua vida<sup>127</sup>. É citado em várias obras, como iniciativa de entender um período conturbado para o contexto histórico, político, econômico e geográfico das comunidades judaicas. Sendo assim, trata-se de uma fonte histórica, científica, contudo ainda carece de investigações.

"Os escritos de Flávio Josefo constituem – juntamente com os textos do Novo Testamento – as principais fontes sobre a história judaica do primeiro século. Em *A Guerra Judaica*, o autor escreve a respeito do poder dos romanos sobre os judeus com uma forma semelhante àquela que Políbio, dois séculos antes, utilizara para justificar a hegemonia dos romanos sobre os gregos. Trata-se de uma obra escrita por uma testemunha ocular dos fatos narrados (GJ 2 1,1-23), como fora Tucídides, o autor de *A Guerra do Peloponeso*." (ROCHA, p. 239).

A *História dos Hebreus* de Josefo, I e II Macabeus são os únicos relatos que a historiografia tem acerca do período helênico na Judéia. Diga-se de passagem que Josefo "parafraseou" o livro de I Macabeus, porém, suas narrativas são bem mais completas e diferem em algumas datas e pontos vigentes, como exemplo, no que tange ao intento de Antíoco conquistar o Egito: Conforme I Macabeus, ele logrou fazê-lo, enquanto Josefo diz que Antíoco foi dissuadido por ameaças dos romanos a abandonar o Egito.

<sup>124</sup> Antepassado dos Macabeus, que deu seu nome à dinastia asmonéia .

<sup>125</sup> Imperador Calígula.

<sup>126</sup> Todos os imperadores usam o título de César.

<sup>127</sup> Carta de Aristeas (31;312) Flávio Josefo, contra *Apionem*.

Suas obras são objetos de interesse de vários seguimentos científicos, e faz dele uma fonte para algumas disciplinas das ciências humanas: história, sociologia, filosofia, literatura e principalmente para o estudo da teologia cristã<sup>128</sup>. Isso justifica a grande produção e busca editorial (ROCHA, 2004)<sup>129</sup>. Josefo é, sem dúvidas, o autor que, além de transitar por uma diversidade cultural, é o que melhor exprime os acontecimentos no século II entre judeus e romanos.

### **Guerra e antiguidades judaicas**

Importante também, dialogar com os escritos de Josefo em *Guerra Judaica e Antiguidades Judaicas*<sup>130</sup>. Ambas, de caráter imediato, dispõem entendimento que Josefo manifesta o interesse em atribuir algo novo para sua comunidade. Não apenas se preocupando com o advento das "façanhas" romanas, mas levando algo notória para a sociedade romana o interesse pelas comunidades judaicas antes dele. Sua preocupação de estabelecer um legado para as gerações futuras, como forma de produzir um lugar no tempo para honrar seus antepassados. São obras extensas, com diversos volumes, que honra a comunidade judaica como um todo, e que manifesta de forma clara sua passagem por Roma e seus feitos, passando pela corte romana, gozando de grandes privilégios na casa dos Flavianos.

*Guerra aos Judeus*, ou *Guerra Judaica* foi um dos primeiros trabalhos de Josefo, mesmo tendo trabalhado em outras versões como o aramaico. Porém, a versão que chegou aos nossos dias foi escrita em grego, sem qualquer afirmação da data de publicação. É provável que a tradução para o grego tenha sido editada no final do governo de Vespasiano<sup>131</sup>. *Guerra Judaica* foi organizada em sete livros, com o intuito de investigar a história dos judeus na Palestina desde a passagem de Antíoco IV Epífanes até o evento de Massada (DEGAN, 2009). O que nos importa, para efeito de

<sup>128</sup> Durante a Idade Média, Flávio Josefo chegou a ser o autor antigo mais lido além da Bíblia. São inúmeras as edições completas ou parciais de suas obras, publicadas a partir de 1544 (ROCHA, p. 240).

<sup>129</sup> Presente na literatura cristã em Orígenes (184-254), Eusébio de Cesaréia (265-340) e Jerônimo (342-420). (ROCHA, p.240)

<sup>130</sup> "O interesse por Flávio Josefo, principalmente por *A Guerra Judaica*, sua primeira e mais famosa obra, foi despertado desde cedo, sobretudo pela Igreja, por tratar-se praticamente do único documento contemporâneo no início do cristianismo" (ROCHA, p. 240).

<sup>131</sup> Entre os anos de 75 a 79 d.C.

pesquisa, são os primeiros cinco livros, pois os demais somam para efeito, tratamento direto dos eventos específicos ao cerco de Jerusalém. Mesmo existindo inúmeras cópias de suas obras na tradução grega, após os eventos narrados por ele nos cinco últimos livros, somente após os séculos IX e X que surgiram novos interesses, através de copistas medievais (DEGAN, p. 24)<sup>132</sup>.

Ao que tudo indica Josefo não tem interesse na construção de uma crônica sobre a relação do judaísmo com o helenismo, mas, sobretudo, inicia seus escritos quando findam os registros feitos pelos profetas da antiguidade quanto à história do povo judeu. Dessa forma, o livro I começa atravessando os conflitos entre judeus palestinos e o Império selêucida, passando pela narrativa dos Macabeus, pela dinastia asmonéia, e pelas intervenções romanas pela Judéia, até Herodes.

"Cerca de um ano depois de iniciada a revolta, Matatias veio a falecer, vindo a ocupar seu lugar na liderança do grupo seu filho Judas, de apelido Macabeu, cujo significado é "martelo", de onde vem o nome revolta dos Macabeus. Conforme a tradição judaica, a revolta dos Macabeus abriu um precedente na história da humanidade: nunca antes uma nação ousou morrer por seu Deus. Esta foi a primeira guerra religiosa e ideológica da história da civilização. Judas Macabeu provou na liderança de seu povo ser um general competente, havendo derrotado sucessivas vezes exércitos imensamente mais numerosos e mais preparados no sentido militar. Era, segundo se constata, dono de quatro predicados importantes: forte senso de determinação, coragem pessoal, visão militar e fé incondicional no Deus de seus pais. Depois de sucessivas vitórias sobre o exército de Antíoco Epifânio, Judas logrou reconquistar Jerusalém. Ocupou-se então de restaurar e purificar o Templo, vindo a consagrá-lo novamente ao serviço religioso judaico, exatamente três anos após Antíoco o haver violado." (DEGAN, p.26).

De igual forma, Judas Macabeu propõe aos romanos uma aliança, aproveitando as sucessivas vitórias em campo de combate, em que Roma se comprometeria em cooperar em advertir os que estavam sobre sua liderança e não usar o ataque ou colaborar com os que estivessem contras os judeus. Sendo assim, Judas manteria o mesmo acordo com Roma. Na sua liderança, Antíoco faleceu, conforme descrito por Josefo, de pleno desgosto, por ter assistido inúmeras vitórias dos Macabeus na Judeia, e também as sucessivas vitórias de seus inimigos frente à vergonha de seus exércitos e

---

<sup>132</sup> Josefo se identifica com a linhagem sacerdotal dos Asmoneus, heróis das resistências dos Macabeus, conforme relata em sua autobiografia.

liderados. A morte de Antíoco é evidente, porém não sabemos ao certo se Josefo atribuiu algum juízo de valor em seus escritos na intenção de exaltar o povo judeu.

Segundo Josefo, o filho de Antíoco, o Eupator, reinou em seu lugar, propondo aos judeus um reinado de paz. Proposta que não demorou a descumprir, com primeiro ato a destruição dos muros ao redor do Templo e ordenou também a morte de Onias, o sumo sacerdote. Cita Josefo, as maldades praticadas pelo novo governante:

"O cruel príncipe fazia a estes morrer por vários tormentos. Depois de tê-los feito retalhar a golpes de chicote, sua horrível desumanidade não se contentava de fazê-los sacrificar, mas, enquanto respiravam, ainda fazia enforcar e estrangular perto deles suas mulheres e os filhos que tinham sido circundados. Mandava queimar todos os livros das Sagradas Escrituras e não perdoava a um só de todos aqueles em cujas casas os encontravam." (Hist. Dos Hebreus, Vol 4, Cap. 4, § 465).

Independente do valor de suas obras, Flávio Josefo não tem o mesmo "status" acadêmico que outros autores pela academia brasileira como Tácito ou Suetônio (PASSUELLO, 2013). É Josefo, que trás a passagem de Alexandre Magno por Jerusalém, narrado somente por seus textos, e que trás um perfil do monarca macedônio, onde o mesmo firmou laços de amizade e políticos com o sumo sacerdote local. Seus textos sugerem, além da passagem pelo judaísmo, seu conhecimento linguístico, cultura e principalmente quanto a Lei - (Torá) - apresentado por seus textos e por inúmeras passagens pela bíblia hebraica<sup>133</sup>.

"A primeira dúvida que certamente surge sobre Flávio Josefo é quanto à sua cidadania. Um historiador judeu com nome romano certamente atrai grande curiosidade. Originalmente seu nome patronímico judaico *Yosef ben Matityahu*, Josefo Filho de Matias foi utilizado até receber a proteção do Imperador Vespasiano e seu filho, o general romano Tito Flávio. O nome latinizado Flávio, derivado da *gens* Flaviana, foi lhe dado após sua rendição às tropas de Tito na batalha de Jotapata, cidade fortificada localizada na Galiléia, em 67 EC. Tornou-se assim amigo e colaborador dos romanos durante o cerco à Jerusalém, em 70 EC. Graças a esta aliança política firmada com os imperadores Vespasiano e Tito, a publicação de sua obras tornou-se uma realidade." (PASSUELLO, p. 169)<sup>134</sup>.

<sup>133</sup> *Guerra dos Judeus, Contra Apião, Autobiografia e Antiguidades Judaicas* foram obras deixadas por Josefo.

<sup>134</sup> *Guerras judaicas* trata da questão de Josefo pertencente a casa dos Flavianos.

Mesmo existindo um peso nos seus escritos sobre sua identidade judaica, Josefo em particular, transitou também pela cultura helênica. Sendo judeu, Josefo transborda grande ênfase pela cultura judaica, adquirindo em suas obras, discussões acerca de suas tradições, como a defesa do povo judeu e de suas tradições culturais, marcadas pelas narrativas das passagens pela bíblia hebraica. Questões contempladas pela preocupação na preservação, existência e manutenção das tradições e leis antigas de seu povo:

"Sobre o conjunto da guerra e sobre o pormenor dos fatos, escrevi uma relação verídica, tendo assistido pessoalmente a todos os acontecimentos. Porque eu era general dos que entre nós se chamam galileus, enquanto a resistência foi possível, depois, capturado, vivi prisioneiro no campo romano. Vespasiano e Tito, que me mantinham sob sua vigilância, em obrigaram a ficar sempre perto deles, no princípio, preso; mais tarde, livre das minhas cadeias, fui enviado para Alexandria com Tito, até o cerco de Jerusalém. Durante este período nenhum fato escapou ao meu conhecimento. Com efeito, eu observava cuidadosamente não só o que se passava diante dos meus olhos no exército romano, mas ainda as informações dos desertores, que eu era o único a compreender. Em seguida, nos momentos de lazer que tive em Roma, já havendo terminado inteiramente a preparação da minha história, na redação grega procurei a ajuda de algumas pessoas e foi assim que relatei os acontecimentos para a posteridade. Disso resultou para mim tal confiança na veracidade da minha história, que, antes de todos os outros eu quis tomar como testemunhas os que haviam comandado, como chefes, a guerra, Vespasiano e Tito. Foram eles que, em primeiro lugar, dei meus livros e, em seguida, a muitos romanos que haviam participado da campanha."<sup>135</sup> (AUTOBIOGRAFIA, p. 17-18).

Josefo entende que sua transição pelo mundo grego trouxe para si e seus escritos grande benefícios, tanto que as traduções de suas obras ganharam grande repercussão quando disponíveis na língua grega. Entende-se que mesmo para um judeu, por mais resistente que fosse a assimilação da cultura grega, existiria uma grande dificuldade quanto à comunicação, conseqüentemente com as relações políticas e comerciais, sem contar, é claro, com as questões religiosas, que ficavam a cargo do sumo sacerdote que possuía trânsito livre pelas lideranças gregas em Jerusalém. No tempo em que viveu Josefo essa assimilação era menos resistente em que no tempo dos Macabeus. Esses por

---

<sup>135</sup> Existia uma preocupação dos judeus e de suas sinagogas com a preservação e manutenção de suas tradições e leis.

sua vez, por não aceitarem a cultura grega, se afastaram para as mediações da cidade e às beiras do Mediterrâneo, quando muito em terras bem distantes<sup>136</sup>.

"A cultura grega, durante os primeiros séculos da Era Comum, se encontrava bem difundida tanto em Roma como entre as elites nativas que habitavam as regiões Mediterrâneas e do Oriente, incluindo a Palestina. Durante séculos, a Palestina foi dominada por duas dinastias helenísticas<sup>137</sup>, antes da chaga dos romanos." (PASSUELLO, p.170).

Em *Antiguidades Judaicas* Josefo relata que Alexandre Magno dominava parte da região da Síria, quando expulsava as tropas de Dario<sup>138</sup>. Por conseguinte, fez menção quando o imperador macedônio enviou uma carta para sumo sacerdote judia, administrador de Jerusalém, solicitando assistência para seus exércitos e a cobrança de tributos que eram pagos a Dario. O sacerdote judeu negou-se em cumprir suas ordens, até porque os judeus eram leais a Dario. Após a recepção da resposta negativa por parte do sacerdote judeu, Alexandre decidiu punir e atacar Jerusalém<sup>139</sup>.

"Flávio Josefo deixa I Macabeus 10,48 em *Antiguidades Judaicas* (AJ) 13,58, e só retorna em I Macabeus 10,51, em *Antiguidades Judaicas* 13,81, para fazer um detalhamento da morte de Demétrio I e recordar a história de Onias IV no Egito. Além de que, Flávio Josefo apresenta um resumo muito breve da revolta macabeia na Guerra Judaica (GJ) 1,31-56. Em todo caso, estas obras permanecem indispensáveis à medida que, a propósito dos mesmos acontecimentos, elas dão às vezes, interpretações diferentes de I Macabeus, ilustrando assim, por contraste, o que moveu seu autor a das explicações." (SAULNIER, p. 9).

Após a ameaça de Alexandre em atacar Jerusalém, o sacerdote judeu teve um sonho, e nesse mesmo sonho Deus diz e instrui o sacerdote em que nada haveria de acontecer com seu povo e que ele não temesse Alexandre. Nessas instruções, os judeus deixaram seus portões abertos para recepção dos exércitos de Alexandre, que todos os

<sup>136</sup> Peter Burke chama de "aculturação", cunhado pelos antropólogos, de uma cultura subordinada adotado características da cultura dominante.

<sup>137</sup> Aqui se refere a tripla identidade de Josefo: Judeu, grego e romano.

<sup>138</sup> Ciro, "O Persa". (CHEVITARESE, pp. 18-19).

<sup>139</sup> Os eventos sobre a derrota de Dario III já eram amplamente conhecidos pelos autores helenos e romanos.

sacerdotes deveriam vestir-se das indumentárias, decorar a cidade, e atribuir rituais sagrados para recepção do monarca<sup>140</sup>.

### **Alexandre chega a Jerusalém**

Segundo a narrativa de Josefo, Alexandre Magno chega a Jerusalém, e de forma surpreendente, se prostrou diante do sacerdote, em respeito e adoração ao nome de Deus, cujo nome estava escrito em uma placa que o sacerdote carregava. Logo após a reverência de Alexandre, os judeus se aproximam e cumprimentam o monarca. Muitos de sua delegação, principalmente os reis sírios não entenderam o comportamento de Alexandre e questionaram perguntando se estava tudo bem com o monarca (AJ 11.337-339). Para muitos de sua delegação, tal comportamento foge a norma comum. O mais incomum disso tudo é que inimigos do judaísmo, Samaritanos e Fenícios também estavam na comissão, aguardando até mesmo uma punição, onde também ficaram surpresos com o comportamento pacífico de Alexandre.

### **Ao Deus de Israel, toda “reverência”.**

Dessa forma, explica Alexandre que seu comportamento não foi em reverência ao sacerdote, mas ao Deus que estava sendo representado na figura do sacerdote. Josefo por sua vez relata um sonho que Alexandre teve, onde o mesmo no sonho via a imagem do sumo sacerdote Jedua. A imagem dizia a Alexandre que deveria prosseguir em sua campanha militar contra o povo persa, e que seguramente conquistaria seus territórios. Nesse mesmo sonho Alexandre viu o sacerdote Jedua, com a mesma roupa divina na sua recepção. Foi depois de todas essas explicações a Parmênio, Alexandre deu a mão a Jedua como num gesto político e diplomático e se dirigiram para o templo de Jerusalém. Assim, instrui Jedua que o monarca deve oferecer sacrifícios ao Deus de Israel, onde demonstra clara consideração com os judeus e o sumo sacerdote (AJ 336).

### **A fábula de Josefo**

A fábula josefiana continua, quando o sumo sacerdote apresenta para Alexandre passagens do livro de Daniel, que na visão do próprio Josefo, Alexandre teve a confirmação de que sua labuta em conquistar o mundo e a destruição do governo Persa

---

<sup>140</sup> *Antiguidades Judaicas* 11.

era real, acreditando na veracidade do livro<sup>141</sup>. Após isso, Alexandre convoca os judeus e oferece presentes. Quando Alexandre pergunta a Jedua o que gostaria de ganhar como presente, o sacerdote pede o direito de que o povo judeu observe as tradições e as leis judaicas sem qualquer tipo de restrição. Aproveitando ainda o semblante aliviado de Alexandre, anestesiado pelos contos do livro de Daniel, Jedua ainda pede que Alexandre deixe de cobrar impostos de qualquer natureza por alguns anos. Pediu ainda, para que os judeus babilônicos pudessem retornar segundo suas leis e tradições. Sendo assim, Alexandre acata todos os pedidos de Jedua e convida os judeus para se unirem aos seus exércitos em campanha e que os mesmos poderiam observar seus costumes<sup>142</sup>.

Após esse esforço de Josefo em trazer essa passagem de Alexandre por Jerusalém, podemos fazer algumas perguntas quanto à narrativa. A primeira é saber quais foram às fontes que Josefo alimentou esse discurso, mesmo sabendo que autores como Flávio Arriano<sup>143</sup>, Quinto Cúrcio<sup>144</sup>, Plutarco<sup>145</sup> e Diodoro<sup>146</sup> trouxeram com detalhes, a vida de Alexandre, bem como a passagem de Alexandre à Fenícia, Gaza e Egito. Após a estada no Egito, Alexandre retorna pela mesma rota e seguiu direto para tomar o Império Persa. Em nenhum momento foi figurado pelos escritos desses autores que Alexandre passou por Jerusalém (MONTEIRO, 2014).

O segundo ponto, o que era muito comum nas tribos judaicas antigas, era o de narrar contos no sentido de exaltar os feitos judaicos e as benevolências do Deus de Israel, de forma a fortalecer um discurso de exaltação, de grandes vitórias, do Deus que tudo provê segundo as ordens do que tudo pede. É provável também que Josefo

---

<sup>141</sup> Provavelmente nesse leitura, Alexandre não contava que seu reino seria dividido entre seus quatro generais, representados pelos quatro animais conforme descrito no mesmo livro de Daniel, após a sua prematura morte.

<sup>142</sup> Após a queda de Jerusalém, Josefo chegou a escrever em árabe, mas esses escritos foram traduzidos para o grego, por esse motivo o grego de Josefo é difícil de ser compreendido pelos estudiosos do grego helenista e ainda pelos estudiosos do grego koiné.

<sup>143</sup> Cidadão romano de língua grega, nascido entre os anos de 85 e 90 d.C., servindo no exército romano sob a regência das campanhas de Trajano. Falecido em 165 d.C., escreveu sua principal obra "A Marcha de Alexandre pela Terra Adentro".

<sup>144</sup> Retórico profissional, que viveu em Roma, senador e cônsul entre os anos 10 a.C., e 53 d.C. Foi ainda governador da Germânia.

<sup>145</sup> Filósofo e biógrafo grego, autor de "vidas paralelas".

<sup>146</sup> Grego siciliano que escreveu "uma história universal" onde se inclui um amplo relato sobre Alexandre.

escreveu esse discurso para mostrar ao mundo que com "Deus não se brinca", face às pressões políticas e religiosas que passavam os judeus no I século da Era Comum. É possível também que Josefo enaltece esses feitos judaicos, na intenção de deixar para as gerações futuras um legado de poder e autoridade do Deus de Israel, sobre o contexto de que até mesmo o maior de todos os monarcas do mundo antigo prostrou-se diante do poder de Yaweh.

É notório que Alexandre, após conquistar e subjugar seus inimigos, teve muito apreço por essas culturas, tanto que o mesmo promovia casamentos de seus soldados com as mulheres conquistadas, a fim de promover a junção das culturas e formar novos exércitos. A priori, Alexandre parecia ser simpático à assimilação cultural, mas não ao ponto de ser curvar diante de um sacerdote que representava o Deus de Israel. Por esses motivos, a narrativa de Josefo tem como fundo o gênero da ficção (PASSUELLO, 2013).

Os escritores não trouxeram a passagem de Alexandre por Jerusalém em seus escritos, tão logo teriam mencionado essa passagem<sup>147</sup>. O discurso de Josefo poderia ter sido de cunho propagandístico, utilizado pelos judeus para clarear as interações com os gregos e a integração com as demais culturas (PASSUELLO, 2013).

"Diodoro, Quinto Cúrcio, Justino e Plutarco narraram, por exemplo, o episódio da visita que Alexandre fez ao templo de Amón-Zeus, localizado no Egito, e sua consulta ao oráculo do templo. Ao visitar o templo, Alexandre fez duas perguntas ao oráculo sendo a primeira pergunta relacionada ao seu parentesco com os deuses. O oráculo de Siwa confirmou a Alexandre ser ele o filho de Zeus ou Amon. A revelação do oráculo sobre o parentesco divino entre Alexandre e Amon confirmava o que sacerdotes egípcios haviam dito ao general macedônico durante a sua cerimônia de coroação como faraó, fato provavelmente ocorrido em novembro de 332 a.C., em Memphis. O oráculo também respondeu favoravelmente à uma segunda pergunta que Alexandre fez sobre a continuação da sua campanha contra os Persas na Ásia Central. Encorajou Alexandre a continuar sua campanha contra os Persas e deu diretrizes sobre como este deveria organizar os sacrifícios aos deuses depois de confirmada a sua vitória final." (PASSUELLO, p. 174).

---

<sup>147</sup> Quando se observa a datação de seus escritos, pode-se concluir que os mesmos não coincidem com o período das campanhas de Alexandre na Pérsia.

Segundo Momigliano (1991), Alexandre nunca passou por Jerusalém. O autor retrata a passagem das lendas judaicas como um romance alexandrino, que narrou e retratou de forma crédula o encontro do sumo sacerdote com o novo rei, proclamando uma aliança com o povo judeu, em unidade de Deus com a torre da nova cidade. Dessa forma, salienta Momigliano que as lendas sobre Alexandre permaneceram como peça de folclore que os judeus poderiam compartilhar com seus pares e vizinhos. De certo algo notável Alexandre fez, que não poderia mais retornar, onde colocou a grande parte dos judeus num mundo de fala grega, de pensar o grego, ao invés de uma fala aramaica (MOMIGLIANO, p.78).

De certo que Josefo conhecia a história de algumas campanhas militares de Alexandre, e adaptou esses fatos para um contexto judaizante. Para Josefo, em particular análise e mesmo debruçado em fábula prosaicas, mostrou sua visão da realidade em que enfrentavam os judeus na tentativa do reconhecimento pelas demais culturas, em particular gregos e romanos, quanto à legitimidade da cultura judaica. É como um grito de alerta para o mundo que o judaísmo existia enquanto cultura. Isso também aconteceu com o tema relacionado ao livro de Daniel, indicado por Josefo, que Alexandre fez a leitura da profecia adquirindo informações sobre a derrota dos persas, o que se encaixa com as campanhas de Alexandre, dada importância para Josefo em virtude da sua particularidade historiográfica dos eventos de Daniel, incluindo a questão dos sonhos. Nesse sentido, há um grande apelo de Flávio Josefo em difundir a cultura judaica, mesmo diante de um vasto contexto híbrido na época.

#### **IV - A BATALHA: SÍMBOLO MAIOR DAS INSURREIÇÕES E DA EDIFICAÇÃO DO HEROÍSMO MACABEU**

As batalhas existem desde que o mundo se tornou habitável. Dentre os animais lutas territoriais eram travadas com um único sentimento universal da proteção dos seus e da sobrevivência alimentar. No interior das guerras, o enfrentamento bélico era uma característica preponderante na lei do mais forte, assim como os animais, quanto maiores, mais fortes e mais perigosos (KEEGAN, 2006). Na ótica humana, lutas são travadas entre diferentes estruturas políticas em que a hegemonia se estabelece por aquela que detém maior desenvolvimento estratégico, bélico e de contingente. Elementos circulares como a geografia, a cartografia, e a expansão do front tinha influência sobre o resultado das batalhas. São expressões que poderiam dar o resultado da guerra. São esses resultados que a história se apropria e trás consigo resultados que podem ser testados nos dias atuais. É uma relação direta com esses resultados que os exércitos foram adaptando-se e dando o formato atual de um contingente militar (KEEGAN, 2006).

##### **Das Falanges selêucidas**

As falanges gregas são estudadas e foram testadas em vários exércitos, independente do nível bélico que cada uma delas possui. A arte da guerra, como exemplo, é uma fonte adotada até os dias de hoje e que se apropriou de alguns elementos de outras culturas. São eventos passados que influenciaram as batalhas em nossos dias e que decidiram importantes (DOUGHERTY, 2010). Os fenômenos existem para narrar esses eventos em sua influência sobre a guerra que em muitos momentos da história chegou a decidir questões políticas e de rupturas de territórios, sejam diretamente pela ação de fenômenos da natureza, sejam por estratégias desenvolvidas a partir da adaptação ao meio natural. Os primeiros enfrentamentos surgiram pela disputa de terras, de espaço, riquezas e subjugação. Com isso, surgiu no cenário das batalhas uma preocupação a parte pelas defesas de seus contingentes (DOUGHERTY, 2010). A partir de então, surgiram novas formas de desenvolver o combate e na adaptação dos mais variados terrenos através do ambiente da geografia como um todo. Vencia a guerra o grupo que manteria em maior tempo e com maior contingente seu plano de batalha no

terreno. Vencia a batalha quem se adaptasse melhor as condições do universo da batalha (DOUGHERTY, 2010).

### **Judas reúne seu contingente**

Os Macabeus e seus insurgentes se adaptaram as mais variadas formas de terrenos. A fonte seguramente coloca os insurgentes judeus numa posição de destaque, no acúmulo de batalhas e, sobretudo mediante vitórias. Ainda que a fonte nos advertisse sobre tamanhas vitórias, existiram contextos variados para que pudéssemos analisar essas batalhas e o cenário dos conflitos. O primeiro ponto de destaque, para que pudessem tomar a vitória, se fazia necessário conhecer o terreno dos conflitos e trazer o inimigo para dentro de sua cidade. Nisso os insurgentes se adaptaram de forma gradual, até porque conheciam muito bem os "becos e vielas" de suas comunidades. Conheciam o terreno de enfrentamento e utilizaram a geografia local em seu favor (DOUGHERTY, 2010).

### **A estratégia da batalha**

Como estava muito confiante na vitória, o exército selêucida sob o comando de Górgias avançava na direção do exército judeu e acampam em Emaús, já o contingente de Judas Macabeus se reúne em Mispá (KEEGAN, 2006). Judas Macabeu ao ser avisado por um espia que o exército selêucida planejava seu ataque à noite, Judas Macabeu pede que fogueiras sejam acesas no acampamento e retira seu contingente deixando-os a retaguarda do acampamento. Górgias observando as fogueiras reúne seu exercito e ataca o acampamento e segue a retaguarda na medida em que estes recuam para Jerusalém (KEEGAN, 2006). Nisso, a cada passo do exército selêucida em direção a Jerusalém, as forças de Górgias eram abatidas em frações, com o descolamento do exército que foi dividido em grupos. Górgias separa suas tropas em quatro unidades de mil e quinhentos homens.

Judas, aproveitando esse deslocamento das tropas selêucidas ataca o acampamento selêucida atingindo as falanges do inimigo fracionadas e com os flancos vulneráveis. As forças selêucidas, já fragmentadas e sua grande parte atacada pelo contingente insurgente de Judas Macabeus, pensa que Górgias já tivesse chegado às montanhas na estrada para Jerusalém, os contingentes selêucidas retiram-se do

acampamento (KEEGAN, 2006). As conquistas não são fruto de um acaso ou de forças estranhas, muito pelo contrário, deve-se usar a estratégia para tornar a vitória possível. De certo que não se sabe o quanto essas batalhas vencidas pelos Macabeus eram verdadeiras ou surgia no cenário uma fábula para enaltecer os feitos judeus com seus atos de heroísmo, colocando Deus numa posição em que garantiria de certo modo a batalha.

### **Da ciência militar**

O contexto militar para ciência, como parceira, aguça o estudo das técnicas, da prática em fazer sempre até que dê certo, das ciências psicológicas, da administração, das forças possíveis quanto ao arsenal bélico, elementos que constituem uma guerra. A ciência militar, vista do ponto de vista das academias militares, está para a capacidade de se empregar contingentes qualificados, que são capazes de defender uma soberania. Esses meios utiliza-se de outras ciências como os engenheiros, cartógrafos, pesquisadores, experimentos, teorias diversas para que as ações pudessem sofrer o avanço no sentido de garantir a vitória ou de simplesmente produzir o menor dano possível. Se alimentarmos as ideias que retomam a memória das batalhas judaicas, pensamos em como esses contingentes produziram ciência, organizaram-se mutuamente, traçaram milhares de estratégias e de certo modo foram capaz de organizar sistemas complexos para o treinamento dessas pessoas.

São fato que as insurgências surgiram aqueles que estavam à margem da sociedade local. Foram eles que enfrentaram as disposições gregas e colocaram-se a disposição dos enfrentamentos para a libertação da opressão grega. Aqueles que viviam na cidade e já "cultuavam" a cultura grega e estavam devidamente helenizados em função dos costumes, do comércio e do próprio grego falado, para esses, pouco importa o quanto os gregos pudessem profanar seus templos e criar rituais de magia ou adoração. Esses eram, na sua grande maioria camponeses, que fizeram de suas inchadas armas de guerra e suas fundas que eram capaz de derrubar o inimigo. O que de fato foi possível para manter a vitória foi às estratégias de reconhecimento do terreno, na fragmentação dos exércitos selêucidas e nas disposições acerca do enfraquecimento interno do exército selêucida.

## **Bases militares do mundo antigo**

As bases dos primeiros desenvolvimentos militares no mundo antigo tendo como protagonistas os exércitos de Alexandre Magno. Suas táticas de enfrentamentos eram analisadas quanto à força de seus inimigos com todas as técnicas de adaptação de terrenos, sobretudo dotados de um extenso e exaustivo treinamento militar<sup>148</sup>. Esses treinamentos levaram os gregos a vitórias importantes. Diante disso, as mesmas técnicas hoplitas engajadas foram às mesmas por muitas décadas, com uma pequena evolução dos mecanismos e carros de guerra. O ataque pelos flancos foi uma das estratégias mais desenvolvidas e aplicadas pela guerra dos gregos e foi desenvolvida por Alexandre que utilizava a cavalaria em ataques laterais (flancos) em posições menos protegidas, e com afiadas espadas nas suas rodas para deixar o inimigo de fato sem qualquer ação e tendo como elemento da surpresa a rapidez ao seu favor. Rapidamente em direção a esses pontos para não dar tempo do inimigo se recompor em sua posição.

## **A batalha como dispositivo simbólico**

A batalha em Emaús e seus dispositivos simbólicos foram importantes para a composição da identidade e memória judaica. Como símbolo maior, o resultado da batalha e seus acontecimentos singularizaram a trajetória das insurreições em 165 a.C., sob o comando de Judas Macabeus. O resultado dessa batalha, segundo o Apócrifo de I e II Macabeus, marcou a história de um grupo numérica e belicamente inferior, que provocou tensões e desestabilizou o exército de Antíoco IV Epífanes. As fontes, além de tratar das questões religiosas quanto à edificação do templo em Jerusalém, tratam também do contexto da presença de um discurso de heroísmos, da exaltação de um grupo, ainda que pequeno em relação ao exército selêucida, que logrou êxito numa batalha vista como perdida. Um grupo de judeus que estavam situados nas mediações do mediterrâneo, trabalhadores da agricultura<sup>149</sup>, recrutados em defesa de sua fé, para

---

<sup>148</sup> Os gregos representavam o estandarte dos enfrentamentos militares com forças de exército organizado, depois os romanos e na revolução francesa (representando as guerras modernas) Napoleão Bonaparte. Sobretudo, As principais táticas aplicadas por eles em seus combates foram as táticas de flanquear o inimigo (Alexandre, o Grande); trincheiras (romanos) e o ataque massivo frontal apoiado por artilharia pesada (Napoleão) (KEEGAN, p. 21-22).

<sup>149</sup> "(...) viver em Jerusalém tornou-se impossível para muitos devotos." (ARMSTRONG, p. 147).

colocar a espada em suas bainhas, sem qualquer tipo de experiência militar, na intenção de compor o contingente de Judas Macabeu<sup>150</sup>.

"Mal viram o exército que vinha contra eles, os companheiros disseram a Judas: Como poderemos enfrentar tamanho exército, se somos tão poucos e nos sentimos debilitados pelo jejum de hoje? Mas Judas respondeu-lhes: É fácil entregar uma multidão nas mãos de poucos; para o Deus do Céu não há diferença entre salvar com uma multidão ou com um punhado de homens, porque a vitória no combate não depende do número, mas da força que vem do Céu. Esta gente vem contra nós com impiedade e orgulho, para nos aniquilar juntamente com as nossas mulheres e os nossos filhos, e nos saquear. Nós, porém, lutamos pelas nossas vidas e pelas nossas leis. O próprio Deus esmagá-los-á diante dos nossos olhos. Não tenhais medo deles." (I MACABEUS 3:17-22).

Em suma, para a construção dessa identidade macabeia alguns componentes simbólicos estiveram inseridos no contexto da formação desse grupo. A religião foi o principal elemento, pois o conflito armado entre gregos e judeus só foi possível porque a "paz religiosa" deixou de existir com a propagação da religião helênica, da desolação do templo e do símbolo religioso que foi abatido. O segundo, o território, conhecido como "santo", rota de peregrinações e de comércio que transitavam pelas vias de Jerusalém, marco de eventos políticos, religiosos e de consagração. Por fim o cultural, consolidado através do pluralismo e do multiculturalismo através da religião, da língua, das vestimentas, da moeda, de diversos elementos culturais de seus ancestrais desde Abraão.

### **Das apropriações gregas**

Para muitos judeus, independente da religião, apropriar-se de elementos gregos trariam benefícios incalculáveis, principalmente quanto ao comércio. Este por sua vez, em franca expansão na época, também dependia da língua grega, um elemento forte para manter as relações sociais dentro da Palestina, uma forma de lograr êxito na política e de galgar cargos elevados e posições dentro da sociedade. Um recurso para atingir um ápice social. Era comum judeus helenizados praticarem tanto a religião

---

<sup>150</sup> "A chefia das forças populares é normalmente assumida por lideranças emergenciais" (DREHER, p. 15)

helênica, quanto à judaica. Para esses judeus, o importante era manter-se socialmente transitável à expansão grega.

Para outros judeus, simpatizantes a causa religiosa de seus ancestrais, o templo, o sacerdócio, o sacrifício diante do templo eram peças fundamentais para viver em comunidade. A exigência dos gregos parecia simples, adaptar-se a cultura e colocar em primeiro lugar adoração as divindades gregas. Em troca dessas escolhas, a paz permaneceria intacta entre gregos e judeus.

Esse grupo não aderiu à proposta de singularidade cultural, mantendo o desejo de servir a sua religião, independente do que estaria por vir, sem temer suas mortes. A partir de então eclodiram inúmeros movimentos internos e insurgentes as propostas helenistas, onde o templo foi profanado, a imagem de Zeus Olímpico no lugar de adoração do culto judeu, das proibições das festas e dos costumes judaicos.

Por fim, as questões mitológicas e a edificação do heroísmo Macabeu tomaram proporções em diversas comunidades cristãs, com a preocupação do cronista em enaltecer os discursos com os feitos em batalha. Esse discurso enalteceu a identidade judaica, tanto que os exemplos deixados em batalha foram utilizados em diversas batalhas ao longo dos anos.

### **Das fontes (I Macabeus)**

O Primeiro Livro dos Macabeus é uma história da luta do povo judeu pela liberdade religiosa e política sob a liderança da família Macabeu, com Judas Macabeus como a figura do centro (ROST, 1980). Após uma breve introdução, explica como os judeus chegaram a passar da dominação persa à dos Selêucidas, relatando as causas da insurreição sob o comando de Matatias e com detalhes narrados até sua morte.<sup>151</sup> Os feitos gloriosos e morte heroica de Judas Macabeus, com a história de sucesso da liderança de Jonatã, e da sábia administração de Simão. Conclui-se com uma breve menção de todas às dificuldades enfrentadas com a acessão de João Hircano e com um breve resumo de seu curto reinado (ROST, 1980). O livro abrange, portanto, o período

---

<sup>151</sup> I Mac 1-11

entre os anos 175 e 135 a.C., aproximadamente<sup>152</sup>.

### **Características singulares**

A narrativa, tanto em estilo quanto em forma segue o modelo dos livros históricos anteriores da Bíblia Hebraica. O estilo é geralmente simples, mas às vezes torna eloquente ou até mesmo poético, como, por exemplo, no lamento de Matatias sobre as desgraças do povo e da profanação do Templo, ou no elogio de Judas Macabeus, ou ainda na descrição da paz e da prosperidade das pessoas após os longos anos de guerra e sofrimento (ROST, 1980). O tom é pacifista e de rememoração, a autoria como regra se abstém de qualquer comentário direto sobre os fatos que ele está narrando. Os eventos mais importantes são cuidadosamente datados de acordo com a era Selêucida, que começou com o outono de 312 a.C. Nota-se, no entanto, que a autoria começa o ano com primavera (o mês Nissan), ao passo que o autor de II Mac., começa com o outono (o mês Tishri). Em razão dessa diferença alguns dos eventos são datados de um ano depois, no segundo do que no primeiro (ROST, 1980).

### **Da língua**

O texto a partir do qual todas as traduções foram derivadas é o grego da Septuaginta. Mas há pouca dúvida de que a Septuaginta é a própria tradução de um original hebraico ou aramaico, com as probabilidades a favor do hebraico. Não é apenas a estrutura das frases decididamente hebraicas ou aramaicas, onde muitas das palavras e expressões que ocorrem são representações da literatura hebraica. Essas sequências peculiaridades dificilmente podem ser explicadas assumindo que o escritor foi pouco usual do grego, para um número de casos mostram que ele estava familiarizado com as sutilezas da linguagem (ROST, 1980). Além disso, há expressões complexas e com traços de obscuridades que podem ser explicadas apenas na "suposição" de uma tradução imperfeita ou uma leitura errada de um original hebraico (ROST, 1980).

Internamente a evidência é confirmada pelo testemunho de São Jerônimo e de Orígenes (ROST, 1980). O primeiro escreve que ele viu o livro em hebraico. Como não há razões para supor que São Jerônimo refere-se a uma tradução, e como ele não é

---

<sup>152</sup> I Macabeus descreve um período de 40 anos com uma série de eventos variados: questões políticas mal resolvidas, intrigas, sorte e derrotas (ROST, p.74).

susceptível de ter aplicado o termo hebraico para um texto aramaico, o seu testemunho é fortemente a favor de um texto hebraico contra um aramaico original. Relata Orígenes o significado deste título seja incerto, pois foram propostas uma série de explicações diferentes ou contradições que especialmente da primeira leitura manifesta-se na língua hebraica ou aramaica<sup>153</sup>.

### **Composição, o autor da memória.**

O livro termina com uma frase tirada das fórmulas de conclusão dos Livros dos Reis e que parece pressupor a morte de João Hircano (134-103). Daí se deduz que a data mais remota é o ano de 103. A atitude amistosa em relação aos romanos torna pouco provável que se tratasse de uma situação em que estas relações tivessem sido perturbadas pelo advento de Pompeu, ocorrido em 63 a.C. Daí concluir-se que a data de composição se situa entre 103 e 63 a.C. Parece-me que a tradução grega deve ter caído também neste período. (ROST, p.75).

Não há dados que possam ser encontrados tanto no próprio livro quanto em escritores posteriores que nos proporcione uma única pista sobre a autoria do livro. Nomes são mencionados e até assemelhados por razões religiosas ou de natureza religiosa, mas são apenas conjecturas sem qualquer base documental (ROST, 1980). Que ele era um nativo oriundo dos cantos da Palestina é inevitável, sem quaisquer dúvidas a partir do cunho linguístico de que escreveu, e, sobretudo do profundo conhecimento da geográfica das províncias palestinas que ele possuía. Sendo ele raramente expressivo em seus próprios sentimentos, com o espírito que permeia sua obra, que é a prova de que ele era profundamente religioso e sem dúvidas proféticas, zeloso pela Lei, e simpatizante do movimento dos Macabeus e seus liderados (ROST, 1980).

O autor é, provavelmente, um judeu oriundo de Jerusalém, membro do partido dos macabeus, com seu apego à Lei e aos costumes paternos, mas também com seus olhos abertos para a realidade (defender-se em dia de sábado). Não é o saduceu nem fariseu, mas aproximam-se mais destes últimos do que dos primeiros. Não se pode dizer se pertenceu à família dos Macabeus, de sorte que teria sido por este motivo que escreveu a história de seus ancestrais. Mas parece que tinha acesso aos arquivos e isto indica de qualquer modo, que ocupava uma posição de relevo. (ROST, p.75).

---

<sup>153</sup> Eusébio, História da Igreja VI, 25 (ROST, p. 71)

Consequentemente e por mais estranho que se pareça, isso é uma evidência em alguns textos, o autor evita o uso das palavras Deus e Senhor<sup>154</sup>. Mas isto é provável devido à referência dos nomes divinos “*Yahweh*” e “*Adonai*”, já que, por conseguinte, o autor sempre utiliza os pronomes equivalentes a “*céu*”, “*Tu*”, ou “*ele*”. Não há absolutamente quaisquer motivos para o parecer, mantido por alguns estudiosos modernos, que ele era um saduceu ou que viesse de qualquer outro lugar ou grupo religioso (ROST, 1980). O autor não menciona, evidentemente, os sacerdotes considerados indignos, como Jason e Menelau. Contudo, menciona a Alcimus não menos indigno, e isso nos termos mais severos, não se pode dizer que ele pretende poupar a classe sacerdotal (ROST, p 76).

De certo que os últimos versos (versículos) revelam que o livro não poderia ter sido escrito até algum tempo após o início do reinado de João Hircano, até porque é mencionado sua ascensão e alguns dos atos de sua curta administração<sup>155</sup>. A última data possível é geralmente admitida como sendo antes de 63 a.C., o ano da ocupação de Jerusalém por Pompeu, mas há alguma diferença no que fixa a data exata aproximadamente (ROST, 1980).

Pode-se entender que seja possível e os escritos indicam que João Hircano poderia estar vivo, e este parece ser o sentido mais natural. No entanto, outros entendiam que o mesmo poderia estar morto. Nesta última hipótese a composição do trabalho deve ter seguido perto a morte do legislador, não só o personagem da narrativa sugere que existia um breve período após os acontecimentos, mas a ausência de ter a menor alusão aos acontecimentos mais tardios depois da morte do legislador. Em tese, a ascensão de seus dois sucessores que despertaram ódio popular contra os Macabeus, faz uma data muito posterior ser improvável. A data estaria, portanto, em qualquer caso, dentro dos últimos anos do século II a.C (ROST, 1980).

## Historicidade

---

<sup>154</sup> Do texto grego; no texto ordinário “Deus” é encontrado uma vez, e “Senhor” três vezes; na Vulgata ambos ocorrem repetidamente.

<sup>155</sup> 135-135 a.C.

Por mais que se tente desacreditar as fontes dos Macabeus, a curiosidade tem aguçado alguns poucos especialistas que adotaram o gênero literal na busca de maiores informações para composição do povo judeu, sem contar que foi nesse tempo em que a cultura helenista atravessava as fronteiras do Mediterrâneo como um até os romanos. Os estudiosos modernos de todas as escolas, mesmo as mais extremas, admitem que o livro seja um documento histórico de valor relevante. As precisões ou imprecisões dos documentos, com alguns pormenores relativos às nações estrangeiras tem sido base para muitas negativas<sup>156</sup>. Quando um escritor simplesmente relata as palavras dos outros, um erro só pode ser posto em sua conta quando ele reproduz as suas declarações equivocadamente. A afirmação de que Alexandre dividiu seu império entre seus generais, na passagem em que foi dito que eles “*fizeram-se reis... E colocar coroas sobre si mesmos após a sua morte*”, não pode ser demonstradas que são equivocadas. Quintus Curtius foi uma autoridade no panorama adverso, reconhece que houve escritores que acreditavam que Alexandre fez uma divisão das províncias por sua vontade (TOYNBEE, 1963).

No exagero dos números (o que era natural em alguns escritos), deve-se levar em conta que copistas faziam todo o trabalho, sem contar com as narrativas orais que sem dúvidas levaram muitos aos erros de traduções. Levamos à medida que os autores antigos, tanto sagrados quanto profanos, muitas vezes não dão números absolutos, mas estimativas ou números popularmente conhecidos, o que era muito comum para se estabelecer uma ideia populacional e geográfica. Os números exatos ou exagerados não poderiam ser objetos aguardados de um conto popular de insurreições. De certo que o mesmo exemplo sugere frequentemente o caso no que diz respeito à resistência das forças do inimigo e do número de inimigos mortos em batalha, o que pode ser muito utópico.

### **Fontes extras**

É sabido pelos especialistas no assunto que o autor apropriou-se de fontes

---

<sup>156</sup> Tratando-se de documentos antigos, as imprecisões são tratadas mediante a completa fidelidade na manipulação dos documentos e de sua tradução.

escritas que é testemunhado pelos documentos que o mesmo cita<sup>157</sup>. As dúvidas são pequenas e ficam num campo até muito confortável, mas, existe pouca dúvida de que ele também derivou a maior parte de outros assuntos de registros escritos dos acontecimentos, pois a tradição oral é insuficiente para dar conta das muitas informações e detalhes que são muito minuciosos. Existem motivos para acreditar que tais registros existiam para os Atos de Jonatã e Simão, bem como para aqueles de Judas e de João Hircano (ROST, 1980). Na última parte, ele também pode ter contado com as reminiscências de contemporâneos mais velhos ou de suas próprias narrativas<sup>158</sup>.

<b>A revolta dos Macabeus até o Reinado Hasmoneus</b>			
<b>167 a 64 a.C</b>			
<b>Nome</b>	<b>Datas</b>	<b>Eventos</b>	<b>Referências</b>
Matatias	167-166 a.C.	Sacerdote idoso que iniciou a revolta Macabaica contra a perseguição oriunda de Antíoco IV Epífanes.	1 Mac 2.
Judas Macabeu (1 Mac 3.1)	166-160 a.C.	Filho de Matatias; grande general que derrotou o exército selêucida em muitas batalhas; arrancou o altar dedicado a Zeus no Templo e reiniciou o culto judeu, atos comemorados desde então pela	1 Mac 3.1 – 9.22. 2 Mac 8 – 15.

<sup>157</sup> Pode-se afirmar que o autor utilizou outras correntes escritas para compor seus textos finais, sobretudo para informações de caráter estatístico e religioso.

<sup>158</sup> A tradução grega provavelmente foi feita logo depois que o livro foi escrito. O texto é encontrado em três códices uniciais, ou seja, o Sinaiticus, o de Alexandrinus e o Venetus, e em dezesseis manuscritos cursivos. O Texto Receptus é o da edição Sixtine, derivado do Codex Venetus e alguns cursivos. As melhores edições são os de Fritzsche (“Libri Apocryphi VT”, Leipzig, 1871, 203 sq.) e o de Swete “AT, em grego”, Cambridge, 1905, III, 594 sq.), Ambos baseados no Codice Alexandrino. A versão latina antiga na Vulgata é a da Itala, provavelmente irretocado por São Jerônimo. Parte de uma versão ainda mais antiga, ou melhor, recensão (cap. I a XIII), foi publicada por Sabatier (Biblior. Sacror. Latinae versiones Antiquae, II, 1017 sq.), o texto completo do que foi recentemente descoberto em manuscritos em Madrid. Duas versões Síriacas existem: a da Peshitta, que segue o texto grego da recensão Luciana, e outro publicado por Ceriani (“Translatio Syra photolithographice edita, Milão, 1876, 592-615), que reproduz o texto grego comum. (ROST, pp. 72-75).

		Festa da Dedicção ou Chanucá (1 Mac 4.47-59; Jo 10.22).	
Jônatas	160-142 a.C	Filho mais novo de Matatias; após lutas contra os selêucidas, foi designado por eles sumo-sacerdote. (152 a.C.) e finalmente reconhecido oficialmente pelo estado selêucida como “Marechal” (150).	1 Mac 9.23 – 12.53.
<b>Reinado Hasmoneus</b>			
Simão	142-134 a.C.	Segundo filho de Matatias; ganhou concessões, inclusive total isenção de impostos, dos selêucidas para os judeus; ele foi chamado por seu povo “O Grande Sumo-Sacerdote, Marechal e Líder dos Judeus” (1 Mac 13.42). Simão é o fundador da dinastia dos Hasmoneus.	1 Mac 13 – 16.
João Hircano (ou Hircão) I	135-104 a.C.	Filho de Simão; anexaram Samaria e Iduméia; destruiu o santuário samaritano no monte Gerizim. Depois de ser criticado pelos fariseus, procurou o apoio dos saduceus, aparecendo estes dois grupos na literatura agora pela primeira vez.	
Aristóbulo	104-103 a.C.	Filho de João Hircano I; anexou a parte norte da Galiléia; foi o primeiro dos hasmoneus a usar o título “rei.”	
Alexandre Janaios	103-76 a.C.	Outro filho de João Hircano I; anexaram toda a Palestina, Filistia e parte da Transjordânia ao seu reino;	

		mandou crucificar 600 de seus adversários, isto é, os fariseus e seus seguidores.	
Salomé Alexandra	76-67 a.C.	Viúva de Alexandre Janaios; designou seu filho Hircano II como sumo-sacerdote; favoreceu os fariseus contra os saduceus.	
Hircano II e Aristóbulo II	67-63 a.C.	Filhos rivais de Salomé Alexandra, os quais disputavam entre si o trono hasmoneu, sem resolvera disputa.	
	63 a.C.	<i>Pompeu</i> e as forças romanas entraram em Jerusalém, acabando com o reinado hasmoneu e a independência política dos judeus.	Salmo de Salomão 8.14-21

Quadro 5: A revolta dos Macabeus até o Reinado Hasmoneus 167 a 64 a.C.<sup>159</sup>

### Das Fontes (II Macabeus)

Aqui nos cabe salientar uma pequena introdução sobre estes escritos. A base desse trabalho está no livro de I Macabeus, mas foi necessário acrescentar essa fonte em virtude das narrativas a partir das insurreições judaicas. É uma carta cuja leitura extensa remete ao cansaço de iniciar a leitura e em diversos pontos até confusa, não encaixando as narrativas cuja fonte primária primazia. A carta possui problemas de ordem histórica e com várias cartas inseridas dentro de um mesmo original. O livro divide-se em duas partes: a primeira com 2 cartas e a segunda que contém 5 cartas. Quanto à autoria, não conhecemos, assim como a I Macabeus, mas manifesta-se como israelita, profundamente religioso e muito engajado a causa judaica. Pelas traduções iniciais, o autor domina bem a língua, o que de fato pode corroborar com um judeu helenizado e que de forma abrangente, pôde ter composto os escritos entre os anos de 134 e 63 a.C (ROST, 1980).

<sup>159</sup> Tabela baseada nas obras de Martin Metzger, História de Israel (São Leopoldo: Sinodal, 1981), pág. 156-168; Thomas V. Brisco, Holman Bible Atlas (Nashville, Tennessee: Holman Reference, 1998), pág. 180-188; e C. Saulnier, A revolta dos Macabeus (São Paulo: Edições Paulinas, 1987), pág. 26-39.

A primeira parte contém duas cartas. Ambas é um convite dos judeus de Jerusalém aos judeus do Egito. A primeira é para celebrarem a Festa das Cabanas no mês de Casleu (ROST, 1980). A segunda, comprovado com lendas e milagres, para celebrarem a festa do Templo (ROST, 1980). A segunda parte do segundo livro dos Macabeus possui uma narrativa histórica, descrevendo os fatos que ocorreram com Seleuco IV (185 a.C.); a perseguição sob Antíoco IV Epífanes até sua morte; a purificação do templo; o combate com as cidades vizinhas; as duas expedições de Lísias, o regente do reino, à qual se segue a campanha de Nicanor em 162 a.C (ROST, 1980). Destas 5 cartas, provavelmente as duas primeiras cartas foram compiladas a um original hebraico, mas foram remanejadas de seu estado primitivo, devido a acréscimos e ampliações ao estilo do conjunto pelo escritor, provavelmente, João de Cirece, que havia escrito a pré-história dos Macabeus e a sua história (cf. 2.23). A doutrina teológica mostra um grande progresso em relação ao Antigo Testamento e já possui linhas com o Novo Testamento. È o primeiro livro a mostrar claramente a doutrina da *criação a partir do nada*. Defende a ressurreição dos mortos, pelo menos para os justos (ROST, 1980).

O apócrifo de II Macabeus não é a continuação de I Macabeus, como sugere alguns livros da Bíblia Hebraica ou do NT. Conseqüentemente é abrangente em tratar parte da mesma singularidade. O livro precede duas cartas dos judeus de Jerusalém para seus correligionários egípcios. A primeira tem datação de 188 da era Seleucida (ROST, 1980). Além das manifestações de boa vontade e uma alusão a uma carta anterior, não contém nada além de um convite para os judeus do Egito para comemorarem a festa da Dedicção do Templo (instituído para comemorar a sua reinauguração, I Macabeus 4, 59; 2 Macabeus 10, 8).

Parece que as duas cartas conservadas em 1,1-2,18 - caso sejam autênticas, foram escritas em hebraico, ao passo que a seção 2,19-15-40 foi composta seguramente em grego desde seu início. Todo o livro como o tem atualmente, só existe no texto grego, e nos unciais só está completo em A e fragmentariamente em A. (ROST, pp.76-77).

O segundo (I 10b-II, 19), que não tem data, é do “senado” (gerousia) e Judas (Machabeus) para Aristóbulo, o preceptor ou conselheiro de Ptolomeu (D.V Ptolomeu) (Philometor), e para o judeus no Egito. Ele informa os judeus egípcios da morte de

Antíoco (Epifânes) enquanto tentava assaltar o templo de Nanea, e convida-os a juntarem-se aos seus irmãos palestinos na celebrando da festa da dedicação e da recuperação do Fogo Sagrado. A história da recuperação do fogo sagrado é, então, descrita, e em conexão com ela, a história da clandestinidade do profeta Jeremias do tabernáculo, a arca e o altar do incenso. Depois de uma oferta de enviar cópias dos livros que Judas tinha recolhido após o exemplo de Neemias, que repete o convite para celebrar as duas festas, e conclui-se com a esperança de que os dispersos de Israel em breve poderão estar reunidos na Terra Santa.

Judas e os seus irmãos disseram: *“Os nossos inimigos foram derrotados. portanto, vamos purificar o Templo e restaurá-lo.”* Então o exército inteiro juntou-se e subiu ao monte Sião. Ali viram o templo em ruínas, o altar profanado e os portões destruídos pelo fogo. Nos pátios nascia mato como nos bosques e nas montanhas, e os quartos dos sacerdotes tinham sido destruídos. Então todos rasgaram as suas roupas, choraram em voz alta, puseram cinzas na cabeça e atiraram-se ao chão, encostando o rosto na terra. Quando as trombetas deram sinal, todos clamaram ao céu. Nisto Judas ordenou que alguns dos seus homens atacassem a cidadela enquanto ele purificava o templo. Escolheu sacerdotes irrepreensíveis, dedicados à lei de Deus, e eles purificaram o templo levando para um lugar impuro as pedras que o profanavam. O altar onde eram queimados os sacrifícios tinha sido profanado; então eles discutiram o que deviam fazer com ele. Tiveram a boa ideia de desmontá-lo a fim de que não ficasse ali para envergonhá-los; pois os pagãos tinham-no profanado. Desmontaram o altar e puseram as pedras num lugar próprio, no monte do templo, onde ficariam guardadas até que aparecesse um profeta e lhes dissesse o que deveriam fazer com elas. Depois conforme a lei prescreve, construíram um altar novo, com pedras não lavradas, igual ao primeiro. Reconstruíram o templo e reformaram a parte de dentro, dedicaram os pátios e fizeram novos utensílios sagrados. Puseram o candelabro, o altar do incenso e a mesa onde eram colocados os pães consagrados nos respectivos lugares no templo. Queimaram incenso no altar e acenderam as lamparinas do candelabro; e o templo encheu-se de luz. Colocaram os pães na mesa e penduraram as cortinas. Assim completaram tudo o que se propuseram fazer. No ano cento e quarenta e oito da era grega, no dia vinte e cinco do nono mês, o mês de Quisleu, os sacerdotes levantaram-se de manhã bem cedo e, conforme a lei prescreve, ofereceram um sacrifício no novo altar onde os sacrifícios iam ser queimados. Isto aconteceu três anos depois de os pagãos terem profanado o templo, exatamente no mesmo dia e mês. Os judeus consagraram o templo com hinos e música de harpas, liras e címbalos. Todo o povo se ajoelhou e prostraram-se para bendizer o céu pela vitória que lhes tinha dado. Durante oito dias festejaram a dedicação do altar; com grande alegria ofereceram holocaustos e apresentaram sacrifícios de salvação e de louvor. Enfeitaram a fachada do templo com coroas de ouro e escudos pequenos; consertaram os portões e também os quartos dos sacerdotes e colocaram-lhes portas. Ficaram todos muito alegres e contentes, pois a vergonha causada

pelos pagãos já tinha desaparecido. Judas, os seus irmãos e todo o povo de Israel resolveram que a festa da dedicação do altar seria comemorada com muita alegria, durante oito dias, na mesma data, todos os anos, começando no dia vinte e cinco de Quisleu. E construiu ao redor do monte Sião uma muralha alta, com fortes torres de vigia, para impedir que os pagãos voltassem a entrar na cidade, como já tinham feito. Judas deixou ali alguns soldados para protegerem o templo. E cercou de muralhas também a cidade de Bet-Sur para que os judeus tivessem uma defesa face à Idumeia. (II Mac 37-61)

O livro em si começa com um prefácio elaborado (II, 20-33), em que o autor depois de mencionar que o seu trabalho é um epítome da história maior em cinco livros de Jason de Cirene, afirma o motivo de ter escrito o livro, e comenta sobre os respectivos deveres do historiador e do resumista. A primeira parte do livro (III-IV, 6) refere-se à tentativa de Heliodóro, primeiro-ministro de Seleuco IV (187-175 a.C), de roubar os tesouros do templo na instigação de certo Simão, e os problemas causados através deste último indivíduo para Onias III. O resto do livro é a história da rebelião Macabeana até a morte de Nicanor (161 a.C), e, portanto, corresponde a I Mac., I, 11-VII, 50. Seção IV, 7-X, 9, lida com o reinado de Antíoco Epifânio (1 Macabeus 1: 11-6: 16), enquanto a seção x, 10-xv, 37, registra os acontecimentos dos reinados de Antíoco Eupator e Demétrio I (1 Macabeus 6: 17-7: 50). II Macabeus conseguinte abrange um período de apenas 15 anos, 176-161 a.C. Mas, enquanto o campo é mais estreito, a narrativa é muito mais abundante em detalhes do que I Macabeus. E envolve muitos detalhes, por exemplo, nomes de pessoas, que não são encontrados no primeiro livro.

### **Características singulares**

Na comparação entre os dois livros de Macabeus, é claramente visto que o autor do segundo livro não é o mesmo do primeiro. Escreve a história apenas para familiarizar os leitores com os eventos que agitam do período com o qual ele está lidando. Relata a história com vista à instrução e edificação. Seu primeiro objetivo é exaltar o Templo de Jerusalém como um centro de culto judaico. Isto é resultado das dores que ele o leva a exaltar em todas as ocasiões a sua dignidade e santidade. Isto é “o grande templo”, (ii, 20), “os mais renomados” e “o mais sagrado em todo o mundo” (ii, 23; v, 15), “o grande e santo templo” (xiv 31); Até mesmo príncipes pagãos estimam-no como dignos de honra e glorificam com grandes presentes (iii, 2-3; V, 16; xiii 23); a preocupação dos judeus no tempo de perigo foi mais para a santidade do Templo do que para suas

esposas e filhos (xv, 18); Deus o protege por interposições miraculosas (iii, XIV, 31 sq.). E pune os culpados de sacrilégio contra ele (iii, 24 sq. ; ix, 16; xiii, 6-8; xiv, 31 sq. ; xv, 32) ; se Ele permitiu que fosse profanado, foi por causa dos pecados dos judeus (v, 17-20). É, sem dúvida, com este projeto que as duas cartas, que não têm outra ligação com o livro, foram prefixadas para ele (ROST, 1980).

O autor, aparentemente destina seu trabalho especialmente para os judeus da Dispersão, e mais particularmente para aqueles do Egito, onde um templo cismático tinha sido erigido em Leontopolis cerca de 160 a.C. O segundo objetivo do autor é exortar os judeus a fidelidade a Lei, imprimindo-lhes que Deus ainda está consciente de sua aliança, e que Ele não os abandonará, a menos que primeiro eles o abandonem; as tribulações que enfrentam são um castigo por sua infidelidade, e cessará quando se arrependem (iv, 17; v, 17 e 19, vi, 13, 15, 16; vii, 32, 33, 37, 38; viii, 5, 36; xiv, 15; xv, 23, 24) (ROST, 1980). Pois a diferença de objetivo corresponde a uma diferença de tom e de método. O autor não está satisfeito com os fatos meramente relativos, mas comenta livremente sobre pessoas e atos, distribuindo elogios ou culpa, pois podem merecer quando julgados do ponto de vista de um verdadeiro israelita. A intervenção sobrenatural em favor dos judeus é enfatizada. O estilo é retórico, as datas são relativamente poucas. Como já foi observada, a cronologia da II Macabeus, é ligeiramente diferente da de I Macabeus<sup>160</sup>.

### **Autoria**

II Macabeus é como já foi dito, um epítome de um trabalho maior feito por certo Jason de Cirene. Nada mais se sabe deste Jason exceto que, a julgar pelo seu conhecimento geográfico exato, ele deve ter vivido durante algum tempo na Palestina. O autor do epítome é desconhecido. Desde o destaque que ele dá para a doutrina da ressurreição dos mortos, foi inferido que ele era um fariseu. Alguns até já sustentaram que seu livro era um escrito partidário farisaico. Este último, sustentado por poucos, é uma afirmação sem fundamento (ROST, 1980).

“Enquanto os habitantes de Jerusalém gozavam de uma paz perfeita,

---

<sup>160</sup> As informações contidas em números e letras no referido parágrafo tem como referência capítulos, linhas e versículos do II Livro dos Macabeus para uma maior identificação do documento.

por causa da piedade e retidão do sumo sacerdote Onias, na exata observância das leis, o templo era respeitado, mesmo pelos reis estrangeiros”. Estes honravam o santuário com os mais ricos presentes, a tal ponto que Seleuco, rei da Ásia, subministrava com suas rendas pessoais toda a despesa necessária à liturgia dos sacrifícios. Todavia, certo Simão, da tribo de Belga, nomeado prefeito do templo, entrou em desacordo com o sumo sacerdote quanto à inspeção do mercado público. Como não pudesse vencer Onias, foi procurar Apolônio de Társis, então governador militar da Celesíria e da Fenícia. Declarou-lhe que o tesouro do templo transbordava de indizíveis riquezas, a não poder enumerá-las; que nada tinham a ver com os sacrifícios, e que ele daria um jeito de fazê-las passar ao erário real. Tendo uma audiência com o rei, Apolônio o advertiu sobre as riquezas que lhe haviam sido declarado, e este, tomando uma decisão, enviou seu intendente Heliodoro com a ordem de trazer as ditas riquezas. Imediatamente, Heliodoro pôs-se a caminho, simulando visitas às cidades da Celesíria e da Fenícia; na realidade, porém, era para executar a ordem do rei. Tendo chegado a Jerusalém e sendo recebido pelo sumo sacerdote da cidade com amabilidade, transmitiu-lhe as revelações recebidas e comunicou-lhe o sentido de sua visita; contudo, indagou se tudo isso correspondia à realidade. O sumo sacerdote fez-lhe ver que se tratava do depósito das viúvas e dos órfãos; que somente um dos depósitos pertencia a Hircano, filho de Tobias, varão muito eminente; que não era como o pretendiam as calúnias do ímpio Simão, mas que tudo se reduzia a uma soma de quatrocentos talentos de prata e duzentos talentos de ouro. Era completamente impossível defraudar os que haviam depositado confiança na santidade do lugar e no caráter sagrado e inviolável do templo venerado no mundo inteiro. Firme nas ordens do rei, Heliodoro respondeu que essas riquezas deveriam ser transportadas absolutamente para o tesouro real e, num dia por ele fixado, entrou com a intenção de organizar o inventário. A partir dessa hora, uma grande inquietude se espalhou pela cidade toda. Revestidos de suas vestes sacerdotais e prostrados diante do altar, os sacerdotes suplicavam ao céu e imploravam ao Autor da lei acerca dos depósitos, rogando-lhe que os conservassem intactos para aqueles que lhes tinham confiado. Já o aspecto do sumo sacerdote causava pena ver, do mesmo modo seu semblante; e a alteração de seus traços manifestava sua angústia interior. O susto que o havia tolhido agitava seu corpo com um tremor, que mostrava o sofrimento íntimo de sua alma. Diante da profanação que ameaçava o templo, o povo se precipitava em multidão para fora das casas, a fim de se ajuntarem à prece comum. As mulheres cingidas com sacos pela altura dos seios enchiam as ruas, e quanto às jovens, retidas nas casas, corriam umas para as portas, outras para as muralhas, outras ainda se debruçavam nas janelas; todas erguiam as mãos para o céu com gritos de súplica. Causava dó observar toda a confusão desse povo abatido e a angústia em que jazia o sumo sacerdote. Enquanto suplicavam assim a proteção do todo-poderoso para que conservasse invioláveis os depósitos que lhes haviam sido confiados, Heliodoro executava o seu intento. Já se achava ali, com seus homens armados, quando o Senhor dos espíritos e soberano detentor de todo o poder suscitou tal aparição que todos os que haviam ousado vir ali desfaleceram de espanto, atingidos de pavor ante a majestade de Deus. Viram eles, montado num cavalo ricamente

ajezado e guiado furiosamente, um cavaleiro de terrível aspecto, que lançava em Heliodoro as patas dianteiras do cavalo. O que vinha nele montado parecia ter uma armadura de ouro. Ao mesmo tempo, apareceram-lhe outros dois jovens, cheios de força extraordinária, fulgurantes de luz, ricamente vestidos; colocando-se dos dois lados, puseram-se eles a açoitá-lo sem interrupção e descarregaram sobre ele uma saraivada de golpes. Atirado logo por terra, Heliodoro foi envolvido por espessas trevas; seus companheiros ergueram-no e depositaram-no numa liteira. E ele, que vinha para penetrar no mencionado tesouro com uma escolta numerosa e guardas pessoais, incapaz de se ajudar a si mesmo, foi levado por pessoas que reconheciam o manifesto poder de Deus. Enquanto ele se achava estendido e ferido pela força de Deus, sem fala e sem esperança alguma de salvação, os habitantes de Jerusalém bendiziam o Senhor que havia glorificado seu templo. O santuário, que pouco antes estava cheio de confusão e de tumulto, logo que o Senhor manifestou sua onipotência encheu-se de regozijo e de alegria. Todavia, alguns dos companheiros de Heliodoro suplicavam logo a Onias que rezasse ao todo-poderoso, para restituir-lhe a vida, prestes, na verdade, a apagar-se. Receando que o rei suspeitasse de que os judeus houvessem organizado um atentado contra Heliodoro, o sumo sacerdote ofereceu um sacrifício por ele. Ora, enquanto o pontífice executava a cerimônia expiatória, os mesmos jovens apareceram a Heliodoro, revestidos das mesmas vestes. Achearam-se a ele e disseram-lhe: Sê reconhecido ao sumo sacerdote, porque é por causa dele que Deus te dá à vida. Proclama diante de todo seu grande poder, tu que foste açoitado por Deus. Ditas estas palavras, desapareceram. Após ter oferecido um sacrifício ao Senhor, erguido abundantes preces ao que lhe havia poupado à vida, e agradecido a Onias, Heliodoro regressou com suas tropas para junto do rei. Testemunhava, diante de todos, os prodígios operados pelo Grande Deus, aos seus olhos e, como o rei lhe perguntasse que homem o julgava que pudesse enviar ainda uma vez a Jerusalém, respondeu: Se tens algum inimigo, ou alguém que maquina contra ti, envia-o para lá, e encontrá-lo-ás ferido, se ainda viver, porque há verdadeiramente, naquele lugar, uma força divina. O que habita no céu zela por aquele templo. Protege-o e arruína mortalmente os que aí vêm com más intenções. 40. Foi assim que se passaram estas coisas a respeito de Heliodoro e do tesouro sagrado que foi protegido." (II MACABEUS, 3).

II Macabeus não fala mais severamente de Alcimus que I Macabeus e o fato de que ele menciona os sumos sacerdotes, Jason e Menelau, por nome não prova mais que ele seja um escrito partidário farisaico do que a omissão de seus nomes na I Macabeus prova que ser uma produção dos saduceus. Jason deve ter terminado o seu trabalho logo após a morte de Nicanor, e antes do desastre ultrapassou Judas Macabeus, pois ele não só omite aludir à morte daquele herói, mas faz a declaração, o que seria visivelmente falsa se ele tivesse escrito mais tarde, que depois a morte de Nicanor Jerusalém sempre permaneceu na posse dos judeus (XV, 38). O epítome não pode ter sido escrito antes da

data da primeira carta, que é de 124 a.C (ROST, 1980).

Quanto à data exata há grande divergência. Na suposição muito provável que a primeira carta foi enviada com uma cópia do livro, este último seria de aproximadamente da mesma data. Ele não pode, em qualquer caso, ser muito mais tardio, já que a demanda de uma forma abreviada da história de Jason, a que alude o autor no prefácio (II, 25-26), deve ter surgido dentro de um tempo razoavelmente curto após a publicação do referido trabalho. A segunda carta deve ter sido escrita logo após a morte de Antíoco, antes das circunstâncias exatas sobre a questão tornarem-se conhecidas em Jerusalém, portanto, cerca de 163 a.C. Que o Antíoco lá mencionado é Antíoco IV e não Antíoco III, como muitos comentaristas católicos mantêm, é claro pelo fato de que sua morte está relacionada em conexão com a celebração da Festa da Dedicção, e que ele é representado como um inimigo dos judeus, o que não é verdade se fosse a respeito de Antíoco III (ROST, 1980).

### **Da língua**

As duas cartas que foram dirigidas aos judeus do Egito, que conheciam pouco ou nada de hebraico ou aramaico, foram com toda a probabilidade escritas em grego. Que o próprio livro foi composto na mesma língua é evidente a partir do estilo, como São Jerônimo já comentou (Prol. Gal.). Hebraísmos são em menor número do que seria esperado, considerando o assunto, enquanto expressões e construções gregas são muito numerosas. A origem helenística de Jason, e a ausência no epítome de todos os sinais de que iria marcá-lo como uma tradução, é suficiente para mostrar que ele também escreveu em grego (ROST, 1980).

### **Historicidade**

O Segundo Livro dos Macabeus é muito menos pensado como um documento histórico por estudiosos não católicos do que o primeiro, embora Niese saísse fortemente recentemente em sua defesa. As acusações levantadas contra as duas cartas não precisam, no entanto, nos preocupar, a não ser na medida em que elas afetam a sua autenticidade, daqui por diante. Estas cartas estão em pé de igualdade com os outros documentos citados em I e II Macabeus; o autor não é, portanto, responsável pela veracidade do seu conteúdo (ROST, 1980). A seguir estão as principais objeções com

algum fundamento real: (1) A campanha de Lysias, que em I Macabeus, IV, 26-34, coloca no último ano de Antíoco Epifânio, é transferido em II Macabeus XI, para o reinado de Antíoco Eupator; (2) Os ataques judeus em tribos vizinhas e as expedições para a Galiléia e Gileade, representadas em II Macabeus V, tal como decorre da rápida sucessão após a reinauguração do templo, são separados em II Macabeus e colocado num ambiente histórico diferente (viii, 30; x, 15-38; xii, 10-45); (3) O relato feito em II Macabeus IX, difere da de I Macabeus VI em relação à morte de Antíoco Epifânio, que é falsamente declarado como tendo escrito uma carta aos judeus.; (4) A imagem dos martírios em VI, 18-VII, é muito colorida, e é improvável que Antíoco estivesse presente para eles (ROST, 1980).

Para essas objeções que podem ser respondidas brevemente: (1) a campanha de que fala II Macabeus XI, não é a mesma que a relatada em I Macabeus IV; (2) Os eventos mencionados em VIII, 30 e X, 15 sss, não são narrados em I Macabeus V. Antes da expedição em Galaad (XII, 10 ss) Pode ser considerado como estando fora de seu contexto histórico adequado, que teria que provar que I Macabeus invariavelmente adere à ordem cronológica, e que os eventos agrupados em cap. V ocorreram em rápida sucessão; (3) As duas narrativas da morte de Antíoco Epifânio diferem, é verdade, mas elas se encaixam muito bem uma na outra (ROST, 1980).

Considerando o caráter de Antíoco e a condição em que estava no momento, não é de todo improvável que ele escreveu uma carta aos judeus; (4) Não há nenhuma razão para duvidar de que, apesar da forma retórica a história dos martírios é substancialmente correta. Como o local onde ocorreu é desconhecido, é difícil vê porque razão a presença de Antíoco é negada. Deve notar-se, além disso, que o livro revela um conhecimento exato em uma infinidade de pequenos detalhes, e que são muitas vezes apoiados por Josefo, que não tinha conhecimento dela. Mesmo seus detratores admitem que a porção anterior seja de grande valor, e que em tudo o que se relaciona com a Síria o seu conhecimento é extenso e minuto.

## CONCLUSÃO

Concluimos que os temas abordados em I Macabeus têm como plano de fundo a identidade judaica frente à penetração da cultura helênica da Judeia no Século II a.C., onde os judeus responderam reformulando sua identidade. Essa resposta tomou forma através do duplo projeto identitário, ainda que formados pela projeção das batalhas. Os costumes gregos, definidos pela aristocracia, tinham como visão uma posição social, econômica e política na nova ordem helenística. Apresentava para os defensores do projeto identitário contrário, um afastamento do patrimônio religioso judaico. Esse grupo, dando ênfase aos elementos religiosos, redefinia a identidade judaica e consolidou o fenômeno do judaísmo, fazendo com que ele se voltasse para dentro de si mesmo. Já no segundo plano, a identidade judaica se fortalecia a medida que sua base estava nas escrituras e na imutabilidade de seus conceitos religiosos. Há de se referendar ao projeto vencedor, que neste contexto específico a possibilidade dos valores religiosos judaicos, vem sendo definidos, reafirmados e apropriados até os dias atuais.

I e II Macabeus foram os recortes trazidos na tentativa de trazer um pouco aspectos da cultura judaica mediante a singularidade de uma batalha. As informações advindas da religiosidade e da cultura judaica sempre se revelam através dos patriarcas e da bíblia hebraica no centro do Pentateuco (da lei de Deus trazida por Moises) onde está a espinha dorsal da religião judaica. A batalha foi um movimento que garantiu a permanência da religião nos cenários gregos e romanos. Nesse contexto, foi possível que diversas rupturas acontecessem até o I século da Era Comum com a intensificação dessas revoltas. O projeto das batalhas era permanecer com as questões culturais e religiosas intactas, ainda que para isso, suas vidas fossem ceifadas. Uma coisa a religião judaica garantiu e permanece intocado, que fora a produção de mártires. Esses "singelos" mártires produziram inúmeros outros mártires no avanço da cristandade nos séculos que seguiram.

Buscou-se trabalhar dentro do objeto da pesquisa as disposições da cultura helênica em função do seu recorte. Ainda assim, é importante ressaltar que a religião judaica passou por diversos cativeros de acordo com suas fontes apócrifas e da própria Bíblia Hebraica (chamado de Velho Testamento) e seguramente, tornaram cada

movimento uma forma singular e peculiar, colocando a religião e seus costumes no devido lugar de fala. No império Medo-Persa e babilônico tivemos figuras centrais que defenderam a cultura e a religiosidade do seu povo como Esdras e Neemias e o próprio Daniel nas fontes do livro que externa seu nome. Ali existiram projetos vencedores, ainda que fragmentados de oposição às culturas que os subjulgavam. De certo que as fontes na segurança que lhe apraz, tornaram esses movimentos simbólicos uma característica dos movimentos religiosos. A religião, no seu cerne, permanecia intacta a pressão direta do cativo.

Seguramente escolhemos um ambiente não muito fértil para pesquisar. Relacionar uma fonte apócrifa a um livro carregado de apocalíptica como Daniel, endossando nessa apocalíptica com os escritos de Flávio Josefo, para nós, sem dúvidas, poderia ter sido um caminho sem volta. Isso sem contar que as produções do judaísmo que sempre observaram essa apocalíptica ainda com muita timidez, em função principalmente da carência de fontes. Entretanto, os símbolos dessa apocalíptica sugere para o leitor uma alegoria fantasiosa para dar a impressão de subjetividade na fala do profeta, ou seja, que aquela apocalíptica fosse apenas um detalhe a mais. Sem dúvidas essa apocalíptica escrita no período das revoltas Macabeias, nos sugere que os acontecimentos não foram uma questão pretérita, ou uma visão do profeta com relação ao sonho do monarca no sentido amplo da palavra (segundo a narrativa religiosa), mas uma fala dentro da sua própria origem cronológica para dar um movimento no projeto vencedor do judaísmo, onde as civilizações que se propuseram a delimitar o espaço da religião judaica fossem penalizadas por Deus.

Encontramos um ponto que diverge de muitos outros quando estudamos a questão judaica. Até o próprio judaísmo alcança esse entendimento, quando ao estudar o judaísmo para além das questões territoriais que a fundo enaltece a religião no seu sentido mais amplo, a centralidade do personagem não é o povo judeu, mas é Deus e a sua unidade está em um Livro. Assim, Deus impõe ao povo uma questão moral, trazendo a memória do povo uma visão do paraíso para aquele que resiste ao pecado, isso inclui a aceitação no plano de fundo das demais culturas. Em consequência dessa questão moral, perdas e danos são vertentes de punição mediante ao desvio das leis morais, como sofrimento e castigo, ser subjulgado cativos de outras civilizações.

A estrutura formal desta máxima separa por grupos algumas características enumeradas e seculares. No primeiro passo, foram citados os requisitos necessários para que o homem esteja preparado para o seu estudo dentro da própria apocalíptica, ou seja, não basta construir uma ideia ou criar um juízo de valor para uma considerada religião, muito pelo contrário, mas sugerir uma desconstrução de uma apocalíptica dentro de um arcabouço ideológico e teológico. Em seguida, são apresentados comportamentos pertinentes ao convívio e aos relacionamentos interpessoais entre judeus e gregos. Logo após, é lembrada a importância da aquisição do conhecimento, acompanhada de um grupo de comportamentos de objeções e respeito à cultura que foi imposta, seguidas de instruções de modéstia, indulgência e benevolência para aceitação dessa nova cultura. Na verdade, a cultura judaica se sobressaiu porque conseguiu aderir a diversos movimentos sem tirar do seu bojo, características individuais, coletivas e já universalizadas. Exemplo: a própria religião, o modo de convivência entre seus pares e a ausência de uma divindade (estatuas e monumentos) que deram origem a singularidade da religião. A religião judaica sobreviveu porque conseguiu amarrar dentro de si mesma, conceitos basilares de adoração ao seu Deus, como registra o próprio Livro do Levítico.

Por fim, lidar com todas essas questões dentro da pesquisa é incongruente, contudo, necessário para que nosso objeto de estudo não se distanciasse de nossos propósitos. Na verdade, os eventos causadores de todo esse impacto na espinha dorsal do judaísmo foi uma ponte para que a religião chegasse ao seu objetivo que é a adoção de novos conversos diante do caos que a própria apocalíptica propõe. O apreço pelo paraíso é universal e ninguém quer permanecer fora dele.

## BIBLIOGRAFIA

### a) Fontes primárias

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985; Livro de I Macabeus.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Referência Thompson. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992: Livro de Daniel Cap. 7-12.

- JOSEFO, Flávio. Uma testemunha no tempo dos apóstolos: tradução L. F. Leal Ferreira. São Paulo, Paulus, 2011.

- \_\_\_\_\_. História dos Hebreus. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

### b) Obras citadas e consultadas

ANNEMARIE, Ohler. MENZEL, Tom. **Atlas da bíblia: textos detalhados, tabelas cronológicas, mapas e Gráficos sobre os livros da bíblia**. Hagnos, São Paulo, 2013.

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém: Uma cidade, três religiões**. São Paulo, Cia das Letras, 2000.

ARRUDA, José Jobson de A. **História Antiga e Medieval**. São Paulo, Ática, 1986.

AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento Judaico*. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989.

BARROS, José D' Assunção. **Memória e história: uma discussão conceitual**. In: **Tempos históricos – Dossiê: História, cinema e música.**/ Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus Marechal Cândido Rondon. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras. Colegiado do curso de História – v.15, N. 01. Ano XIII. 1º semestre. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 2011. (p. 369-400).

BARROS, José D' Assunção. **Sobre a feitura da micro história**. Revista OPSIS, Vol. 7, UFMG, 2007.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**, Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

**BARROS, José D`Assunção. O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico.** Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

**BARROS, José D`Assunção. Teoria da história, princípios e conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

**BARROS, José D`Assunção. O campo da história: especificidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

**BOAZ, Franz. Antropologia Cultural.** Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

**BRENNER, Michael. Breve história dos judeus.** São Paulo, Martins Fontes, 2013.

**BRIGTH, John. História de Israel.** São Paulo, Paulus, 2003.

**BRISCO, THOMAS. V. Holman Bible Atlas.** Nashville, Tennessee, Holman Reference, 1998.

**CALINA, Luiz. CALINA Andréa. Pergaminhos do Mar Morto: um legado para a humanidade.** Instituto de Antiguidades de Israel, 2004.

**CASSIRER, Ernest. Ensaio sobre o Homem.** São Paulo, Martins Fontes, 1994.

**CASSIRER, Ernest. Linguagem e mito.** São Paulo, Perspectiva, 2009.

**CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

**CHARTIER, Roger. Cultura escrita, literatura e história.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

**CHEVITARESE, André Leonardo. Judaísmo, cristianismo e helenismo; ensaio acerca das interações culturais do Mediterrâneo Antigo.** São Paulo, Fapesp/Annablume, 2007.

**COHEN, S. J. D. "Alexander the Great and Judas the High Priest According to Josephus."** Association for Jewish Studies. New York, vol. 7, pgs. 41-68, 1982.

**COLLINS, J. Imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica.** Trad. Carlos Guilhermeda Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010.

**DEGAN, Alex. As lágrimas e o historiador: uma leitura de *Guerra Judaica*.** UFTM, 2009. Acessado em 12/01/2017.

**DETIENNE, Marcel. Comparar o incomparável.** São Paulo, Ideia das letras, 2004.

**DOUGHERTY, Martin J. HASKEW, Michael E. JESTICE, Phyllis G. RICE, Rob S. Batalhas na bíblia (1400 a.C - 73 d.C). Conflitos militares e religiosos que determinaram a história da humanidade.** São Paulo, M. Books, 2010.

**ECO, Umberto. Semiótica e Filosofia da Linguagem.** São Paulo, Ática, 1984.

**FILHO, Robson Rodrigues Gomes. Carisma e dominação carismática: perspectivas teórico-metodológicas do conceito weberiano de carisma e sua efetivação histórica nos estudos da religião.** Revista teoria da história, Vol. 11, UFG, 2014. ISSN: 2175-5892.

**FILHO, Robson Rodrigues Gomes. Carisma e dominação carismática: Perspectivas teórico-metodológicas do conceito weberiano de carisma e sua efetivação histórica nos estudos da religião.** UFG, Goiás, 2014.

**GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, LTC, 2008.

**GERSTENBERGER, Erhard S. Israel no tempo dos persas, Séculos V e IV antes de Cristo.** São Paulo, edições Loyola, 2014.

**GOLDBERG, David J. RAYNER, John D. Os judeus e o judaísmo. História e religião.** Rio de Janeiro, Xenon editora, 1989. Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2013.

**GONÇALVES, Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro. História, memória histórica e a contribuição da cultura midiática.** (Unioste) <http://www.histedbr.fe.unicamp.br>.

**GOODMAN, Martin. Rome & Jerusalem.** London: Allen Lane. 2007.

**GRANT, Michael. The history of Ancient Israel.** Nova York: Scribner, 1984.

**GREEN, P. Alexander of Macedon, 356-323 B.C: A Historical Biography.** Rev. ed. Berkeley: University of California Press, 1991.

**GUARINELLO, Norberto Luiz. História Antiga.** São Paulo, Contexto, 2014.

**GUNNEWEG, Antonius H.J. História de Israel.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

**HADAS-LEBEL, Meireille. Flávio Josefo, o judeu de Roma.** Imago, 1991.

**HALL Stuart. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais/Tomaz Tadeu Silva (Org).** Rio de Janeiro, Vozes, 2014.

**HALL, Stuart. Da diáspora, identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte, UFMG, 2013.

**HEINEN, H. Syrian-Egyptian Wars and the new kingdoms of Asia.** In: WALBANK, F. et al. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: Vol.: VII, The Hellenistic World.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 400-450.

**HENGEL, M. Judaism and Hellenism: studies in their encounter in Palestine during the early Hellenistic Period.** Philadelphia: Fortress Press, 1981.

**JOSEPHUS, Flavius. The Jewish War.** London: Loeb Classical Library, 1961-1967.

**JULIEN, Greimas, Algirdas. Dicionário de Semiótica.** São Paulo, Contexto, 2008.

**KAUFMANN, Yehezkel. A Religião de Israel; do início ao exílio babilônico.** São Paulo, Perspectiva, 1989.

**KAUTSKY, Karl. A origem do cristianismo.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

**KEEGAN, John. Uma história da guerra.** Ed. Schwarcz, São Paulo, 2006.

**LAMAIRE, André. História do povo hebreu.** Rio de Janeiro, José Olympio, 2011.

**LE GOFF, J. História e Memória.** Campinas - SP: Unicamp, 1990.

**LE GOFF**, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?** São Paulo, Unesp, 2015.

**LÉVÊQUE**, Pierre. **O Mundo Helenístico**. Tradução Teresa Meneses. Lisboa: Edições 70, 1987.

**LIVERANI**, Mario. **Antigo Oriente: história, sociedade e economia**. São Paulo, Edusp, 2016.

**MAGNOLI**, Demétrio. **História das Guerras**. São Paulo, Contexto, 2006.

**MAIRS**, R. “Hellenization” in BAGNALL, R., BRUDERSEN, K., CHAMPION, C., ERSKINE, A. HUERBNER, S. (orgs) *The Encyclopedia of Ancient History* Oxford University Press, 2011.

**MARTIN**, Metzger. **História de Israel**. São Leopoldo, Sinodal, 1981.

**MOMIGLIANO**, Arnald. **Os limites da helenização**. Jorge Zahar, 1991.

**MONTEFIORE**, Simon Sebag. **Jerusalém, a geografia**. São Paulo, Cia das Letras, ed. 2009.

**MONTEIRO**, João Gouveia. **MORAIS**, José. **Grandes conflitos da história da Europa. De Alexandre Magno a Guilherme "O Conquistador"**. Imprensa da Universidade Coimbra, 2014.

**NETO**, Francisco Abraham Ben-Abraham Corrêa. **Os judeus, povo ou religião?** Rio de Janeiro, 1987, Comunidade Israelita

**NEUSNER**, Jacob. **Introdução ao Judaísmo**. Rio de Janeiro, Imago, 2002.

**NOGUEIRA**, Paulo Augusto de Souza. Apocricidade. **O Cristianismo Primitivo para além do Cânon**. São Paulo, Fonte Editora, 2015.

**ORLANDI**, Eni Puccinelli. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. 53-59, Unicamp.

**OTZEN, Benedikt. O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano.** São Paulo, Paulinas, 2003.

**PASSUELLO, Victor. Alexandre Magno e os Judeus nas Antiguidades Judaicas de Flávio Josefo: Coexistência ou Resistência?** Revista Mundo Antigo, Ano II, 04 de dezembro de 2013. ISSN 2338-8788. Acessado em 12/01/2017.

**REHFELD, Walter I. Nas sendas do judaísmo.** São Paulo, Perspectiva, 2003.

**ROCHA, Esperança Ivan. Dominadores e Dominados na Palestina do Século I.** Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19806- 173 – Assis – SP. Acesso em 04/11/2017.

**ROLLAND, Bernard. A Palestina no tempo de Jesus.** São Paulo, Paulus, 2014.

**ROSSI, Luiz Alexandre Solano. A máquina helênica de fazer guerra.** Antíteses, <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>, UNICAMP, 907-923. Acesso em 06/12/2017.

**ROST, Leonardo. Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1980

**RUSEN, Jorn. Razão Histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília, UNB, 1987.

**SAND, Shlomo. A invenção da Terra da Hisrael. Da Terra Santa à Terra Pátria.** São Paulo, Benvirá, 2014.

**SAND, Shlomo. A invenção do povo judeu.** São Paulo, Benvirá, 2007.

**SAULNIER, Christiane. A revolta dos Macabeus.** São Paulo, Paulinas, 1987.

**SELVATICI, Monica. Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no Livro dos Atos dos Apóstolos.** Tese de Doutorado, UEC- Campinas, SP, 2006.

**SHINAN, Avigdor. ZAKOVITCH, Yair. Fron Gods to God; how the bible hebunked, suppressed, or changed ancient myths & legends.** Unvisersity of Nebraska Press, 2004.

**SILVA, Sérgio Henrique Pinto. Geografia Física e Geografia Humana: Uma dicotomia a ser superada?** Revista Outros Tempos, 2011, 40-49, UEMA.

**SILVA, Severino Pedro. Daniel versículo por versículo.** Rio de Janeiro, CPAD, 1986.

**SIMON, Marcel; BENOIT, André. Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino.** São Paulo: EDUSP, 1987.

**SOUSA, Ágabo Borges de. Daniel: uma panorâmica do apocalipse antitestoamentário.** Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS,Feira de Santana, BA, 2012.

**SUETÔNIO. A vida dos doze Césares.** Trad. Sady-Garibaldi. São Paulo: Ediouro.

**TÁCITO. Anais.** Trad. Leopoldo Pereira. São Paulo: Ediouro.

**TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas.** São Paulo, Perspectiva, 2003.

**TOYNBEE, Arnald. J. Helenismo – História de uma civilização.** Tradução e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.

**TRICCA, Maria Helena de Oliveira. Apócrifos – Os proscritos da Bíblia.** São Paulo: Ed. Mercuryo, 1989.

**WEFFORT, Francisco C. (Org.). Os Clássicos da política. Maquiavel, Hobbes, Locke, Mostesquieu, Rousseau, “O Federalista”.** Série fundamentos 62. São Paulo, Ática, 1989.